



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ANGELA FERREIRA DA SILVA

**LEITURA SEMIÓTICA NO VESTIBULAR:
DO TEMA AO TEXTO**

LONDRINA
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANGELA FERREIRA DA SILVA

**LEITURA SEMIÓTICA NO VESTIBULAR:
DO TEMA AO TEXTO**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Loredana Límoli.

LONDRINA

2010

Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S586L Silva, Angela Ferreira da.
Leitura semiótica no vestibular : do tema ao texto / Ângela Ferreira da Silva. – Londrina, 2010.
108 f.

Orientador: Loredana Límoli.
Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2010.
Bibliografia: f. 136-141.

1. Língua portuguesa – Redação – Teses. 2. Redação – Teses.
3. Leitura – Teses. 4. Semiótica – Teses. I. Límoli, Loredana.
II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.
III. Título.

CDU 806.90-085

ANGELA FERREIRA DA SILVA

**LEITURA SEMIÓTICA NO VESTIBULAR:
DO TEMA AO TEXTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Loredana Límoli.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Loredana Límoli
(Universidade Estadual de Londrina – UEL)

Prof. Dr. Núbio Delanne Ferraz Mafra
(Universidade Estadual de Londrina – UEL)

Prof.^a Dr.^a Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso
(Universidade Estadual de Maringá – UEM)

Londrina, 09 de março de 2010.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me proporcionou a alegria de desenvolver este trabalho.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Loredana Límoli, que contribuiu para a realização deste trabalho.

Especialmente à Prof^a. Dr^a. Joyce Elaine de Almeida Baronas e ao Prof. Dr. Núbio Delanne Ferraz Mafra, pelas grandes contribuições no exame de qualificação.

Às minhas irmãs, ao meu irmão e, especialmente, aos meus pais e ao meu esposo que me apoiaram nos momentos de alegria e me consolaram nos momentos difíceis, investindo e confiando no meu esforço e na minha dedicação.

Aos professores doutores do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UEL, que também contribuíram para a concretização desta dissertação.

Às minhas amigas de curso, Cláudia, Juliana e Sônia, que colaboraram com informações e favores quando solicitados.

"Ao escrever - não importa se resenha de jornal, redação de escola, texto para congresso, capítulo para livros ou até mesmo uma prova para alunos - tem-se a intenção de convencer os leitores do que se diz, e da qualidade e da adequação do texto em que se diz o que se diz".

Marisa Lajolo

SILVA. Angela Ferreira da. **Leitura semiótica no vestibular: do tema ao texto**. 2010. 108f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

Este trabalho procura examinar o comando da redação do vestibular de 2006 da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Considerando que havia três possibilidades de escolhas temáticas, enfatiza-se no decorrer da dissertação a opção que mais atraiu os vestibulandos. Defendendo o seu ponto de vista, o candidato teria o compromisso de elaborar um texto dissertativo-argumentativo sobre o *Sentido da Vida*. O intuito deste trabalho é demonstrar mais de perto como os candidatos a universitários realizam sua leitura na elaboração da redação. Para isso, foram coletados 501 (quinhentos e um) textos de candidatos classificados, contudo 15 (quinze) deles foram objeto de análise. Como metodologia de análise utilizou-se, especialmente as ferramentas da sintaxe e da semântica discursivas para demonstrar o relevante papel dessa vertente da linguística do texto para o aproveitamento e desenvolvimento da leitura e sua consequente produção de texto. Por fim, extraiu-se, a partir da proposta de redação da UEL e das dissertações dos candidatos, uma proposta de utilização do instrumental semiótico, eliminando-se assim o tabu de que semiótica é demasiadamente complicada para ser aplicada em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino/aprendizagem. Leitura. Redação. Produção de Texto. Vestibular. Semiótica.

SILVA, Angela Ferreira da. **Reading the entrance examinations semiotics: the theme to the text**, 2010. 108f. Dissertation (Master's Dissertation in Language Studies) State University of Londrina, Londrina, 2010.

ABSTRACT

This paper seeks to examine the charge of writing the entrance examinations of 2006 (UEL), Londrina State University in its entirety, considering that there were three possibilities for thematic choices is emphasized throughout the dissertation the option that attracted high school students. Defending your point of view, the candidate would have a commitment to draw an argumentative text-argumentative about the Meaning of Life. The purpose of this paper is to demonstrate more closely at how the candidates perform their students reading in the development of writing. For that were collected 501 (five hundred and one) of candidates classified texts, however fifteen (15) of them were analyzed. As analysis methodology was used, especially the tools of syntax and semantics of discourse to demonstrate the important role of this aspect of the language of the text to the use and development of reading and its consequent production of text. Finally, it was extracted from the proposed wording of the UEL and the dissertations of candidates, a proposal for the use of instrumental semiotic, thereby dispelling the taboo that semiotics is too complicated to be applied in the classroom.

Keywords: teaching / learning. Reading. Writing. Production of Text. Vestibular. Semiotics.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COPS	Coordenadoria de Processos Seletivos
EAD	Educação a Distância
IES	Instituição de Ensino Superior
L	Linha
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
S ₁	Sujeito um
S ₂	Sujeito dois
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFPR	Universidade Estadual do Paraná
UNESP	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 LEITURA.....	12
2.1 LEITURA NA PERSPECTIVA SEMIÓTICA.....	14
2.2 LEITURAS NÃO-VERBAIS.....	19
3 PRODUÇÃO DE TEXTO.....	21
3.1 PRODUÇÃO DE TEXTOS NA ESCOLA.....	23
3.2 RELAÇÃO LEITURA/ PRODUÇÃO DE TEXTO.....	25
4 VESTIBULAR, UM BREVE HISTÓRICO.....	28
4.1 VESTIBULAR DA UEL.....	34
5 RELAÇÃO ENTRE OS TEMAS.....	38
5.1 A SINTAXE DISCURSIVA.....	42
5.2 SEMÂNTICA DISCURSIVA	54
6 ANÁLISES DOS TEXTOS DOS VESTIBULANDOS.....	64
7 REDAÇÃO: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE.....	83
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	94
ANEXOS.....	97

1 Introdução

Inicialmente, é interessante explicar a origem da problemática abordada na dissertação. A ideia de analisar textos base da proposta da redação do vestibular e textos de vestibulandos (e a relação entre eles) surgiu a partir de um trabalho inicial de especialização em língua materna no ano 2005. Com nuances diferentes, esta dissertação procura dar continuidade à mesma abordagem: leitura seguida de produção de texto no vestibular.

A presente pesquisa tem como objetivo principal apresentar a contribuição da semiótica discursiva de linha francesa para o processo ensino/aprendizagem de língua materna, priorizando a leitura de textos verbais e não-verbais seguida de produção textual. Pretende-se mostrar a educadores, a alunos, a vestibulandos e demais interessados ser possível utilizar-se do instrumental semiótico na escola, a partir, por exemplo, da proposta de redação de vestibular e os textos de estudantes e de vestibulandos.

Este trabalho abordará cinco pontos fundamentais. O primeiro, um relato simples sobre leitura verbal e não-verbal, com vistas a ressaltar o propósito da leitura para o estudante e demonstrar também a importância da interação leitor/enunciador/ texto. O segundo (re) lembra alguns conceitos sobre a produção de texto na escola, no vestibular e a articulação leitura/produção de texto.

O terceiro, um breve histórico sobre o vestibular, algumas mudanças desde a implantação do exame; ainda alguns quadros demonstrativos da predominância de textos verbais ou não-verbais nas propostas de algumas instituições do país Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal do Paraná (UFPR). Na sequência, as três propostas para escolha dos candidatos da UEL e a relação entre os textos do tema que mais atraiu para a escrita. O quarto tópico é a identificação de alguns elementos semióticos, com ênfase para a contribuição deste instrumental sintático e semântico discursivos para a leitura. Os elementos textuais dão continuidade à análise dos textos de alguns vestibulandos; uma demonstração do que os mesmos apreenderam da leitura do material de apoio. O último ponto parte da proposta de atividade com base na semiótica greimasiana voltada para o ensino de língua materna. Esta atividade pretende auxiliar o aluno a compreender os propósitos da leitura que faz e perceber as disposições entre os textos. Dessa

forma, com o auxílio do professor, o estudante conseguirá notar mais facilmente os papéis de enunciador e enunciatário, absorvendo melhor o sentido conotativo e denotativo nos discursos, além de discernir as expressões fisionômicas dos textos não-verbais, a relação ou não entre os textos verbais e imagéticos, a percepção da embreagem, as relações entre enunciador e enunciatário, e ainda a figurativização, a tematização, as configurações discursivas e os tipos de contexto.

Os objetivos específicos deste trabalho são dois; 1- mostrar a importância do trabalho da leitura e da produção de textos na escola para a formação de futuros universitários; 2- caracterizar a leitura como possível produção e demonstrar a construção dessa leitura apreendida pelo candidato.

O trabalho com textos de vestibulandos não é tão simples quanto pode parecer. Existem alguns procedimentos, tais como, a começar pela constituição do *corpus*, o qual gentilmente foi cedido pela (COPS) Coordenadoria de Processo Seletivo, órgão da UEL. Para a retirada do material, objeto de análise da presente pesquisa, foi necessário respeitar todos os trâmites: questões burocráticas mais formais, desde ofício encaminhado à comissão solicitando a coleta dos textos até o forte esquema de segurança da COPS. Para atendimento no departamento, o interessado deve ter o compromisso de agendar previamente uma visita, identificar-se na recepção aguardando o encaminhamento à sala da Comissão, cuja porta é fortemente reforçada com identificador de visitantes (“olho mágico”) e micro câmera. Tudo isso para garantir a segurança e a integridade da equipe e das provas dos concursos e vestibulares de várias instituições que confiam à COPS a elaboração de seus testes. Inclusive, um dos componentes da equipe foi convidado a acompanhar todo o procedimento de fotocópia dos 501 textos e com paciência orientou e conferiu para que as provas originais não fossem extraviadas ou que as notas dos candidatos não fossem fotocopiadas.

O relato do parágrafo acima serve para evidenciar a existência dos obstáculos mencionados e o quanto são imprescindíveis para a obtenção da segurança do material de concurso público ou vestibular a fim de, assim, proteger os concursandos e vestibulandos além de garantir maior confiabilidade da instituição.

E, por conceber o fato de que o princípio da aprendizagem se dá através da leitura, a qual tem papel fundamental na produção escrita, consideramos o dito por Pereira (2000):

“... o sujeito-leitor, num ato pessoal e com uma especificidade, assume a leitura como um ato seu, intransferível, e daí se insere numa cadeia de sentidos, gerando novos sentidos, singularizando-se. Em maior ou menor escala, o que se deveria esperar que cada sujeito-leitor se torne um sujeito-produtor”. (p. 2-3).

Nesse sentido, considera-se relevante desenvolver um trabalho voltado para a leitura seguida da produção de texto – como funciona a redação na escola. É importante esclarecer que redação, aqui, representa sinônimo de redigir – do Latim *redigire*; expor por escrito, escrever, dar forma ordenada, artística e tecnicamente aceitável a um escrito. Acredita-se que a prática constante da leitura e da produção gera bons leitores e produtores eficientes na escola e para as reflexões cotidianas e, de maneira significativa, nas relações futuras para o desenvolvimento das atividades profissionais. Esta pesquisa visa apresentar com prioridade textos de vestibulandos que alcançaram classificação no quesito Redação da prova do vestibular. Por isso se pretende demonstrar a importância de focar a leitura no processo de ensino/aprendizagem ainda na escola no ensino fundamental e, mais especificamente, nesta proposta no ensino médio.

Ao considerar os aspectos acima mencionados, investigar-se-ão nos textos de alguns dos candidatos indícios de uma leitura mais atenta – tomando como base os textos de apoio da temática escolhida, a Temática 1. Serão discutidas questões pertinentes da leitura realizada pelo vestibulando. Desse modo, o foco se voltará para a identificação tanto nos textos do comando quanto nos textos dos candidatos selecionados sob os postulados da sintaxe e da semântica discursiva da semiótica greimasiana. Assim, serão apontadas pistas pertinentes e compatíveis às ferramentas da Semiótica Discursiva encontradas nos textos os quais optaram pela temática 1 e os vestígios de tais ferramentas que os candidatos deixam em suas redações e que em momento oportuno podem ser discutidas em sala de aula.

A preferência por esse enfoque de pesquisa, em primeira instância, se deu ao atentar para a ideia de ser possível e conveniente reforçar o fato de que a leitura dos alunos é significativa (prova disso são as pistas por eles deixadas nas redações desse *corpus*). Não obstante, é indispensável o professor desenvolver um bom trabalho de leitura e produção de texto em sala de aula, a fim de aprimorar o potencial leitor em seus educandos.

Ao refletir sobre essas questões, nesta dissertação, esforçaremos-nos para contribuir com uma pequena parcela no ensino/aprendizagem de língua materna.

2 A LEITURA

Os tempos mudaram. A evolução comunicativa (nos mídias) dos aparelhos de televisão, de rádios, dos computadores (internet), e ainda de uma vasta opção de espetáculos teatrais e musicais, cinemas etc. e a tecnologia, por meio de um processo freneticamente acelerado, transformaram a história da humanidade. Todas essas leituras visuais e auditivas¹, em sua maior parte de entretenimento, tornaram-se, de certa forma, “concorrentes” da leitura impressa – livros, revistas e jornais. Do ponto de vista teórico é conveniente apontarmos alguns conceitos de leitura: o primeiro é o proposto por Cagliari, o qual adverte ser a leitura uma decifração e uma decodificação. Diz o autor:

Primeiramente o leitor decifra a escrita, depois ele **entende a linguagem encontrada**; o segundo passo é decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, **o leitor reflete sobre o assunto lido e forma o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu.** (CAGLIARI, 1997, p. 150, grifo nosso).

É provável que a leitura na infância, em seu processo inicial, partir do princípio adotado pelo estudioso. Mas, à medida que o aprendiz cresce, seu amadurecimento como leitor também evolui, de tal modo que as concepções sobre o ato de ler e o sujeito como leitor também evoluem.

Conforme aponta Kleiman, *“a leitura deve ter um propósito, uma necessidade, se acaso não tiver propósito tampouco necessidade, não é leitura”* (2002, p.35). Isso ocorre frequentemente na escola: sem propósito, alguém nos manda ler e acabamos exercendo leituras mecânicas e desmotivadas, as quais não levam ao aprendizado; pelo contrário, são leituras deficientes.

¹ Expressão utilizada por Cagliari (1997) para caracterizar os tipos de leitura: oral, visual e auditiva.

As reflexões acerca da leitura são vastas, as concepções, portanto, variadas e em alguns casos díspares, mas o propósito de parte da pesquisa sobre leitura é expor algumas delas. A leitura é um espaço em pleno desenvolvimento, como propõe Lajolo:

Ler é, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, (sic) reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1982, p.59 grifo nosso).

A pesquisadora acrescenta que ler é uma bagagem pessoal e também uma espécie de pré-requisito para a formação da cidadania, pois através do ato de ler certamente o ser humano revela a sua personalidade, a sua ideologia e o seu caráter, porque os textos lidos por uma pessoa podem ser o reflexo dela mesma, haja vista o leitor trazer a sua experiência a cada texto que lê. Esse reflexo ainda garante o denominado pela autora como maturidade, ou seja, facilidade em interpretar, em captar os implícitos ou as incógnitas, os quais vêm nas entrelinhas e merecem ser revelados para uma compreensão mais exata. Afirma a estudiosa:

Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas. Leitor maduro é aquele que em contato com o texto novo, faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu. E, conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceitá-las, e capaz se sobrepôr a elas a interpretação que nasce de seu diálogo com o texto. Em resumo, o significado de um novo texto afasta, afeta e redimensiona o significado de todos os outros. (LAJOLO, 1997, p.106-107).

São oportunas as colocações de Lajolo, pois a relação estabelecida entre os textos é o grande desafio do leitor, ou seja, é através desse vínculo que os textos “travam” um verdadeiro diálogo. Sendo assim, o leitor maduro e perspicaz consegue identificar a direção (de leitura) pretendida pelo autor. Portanto, é para tentar compreender o mundo, as pessoas e seus ideais que muitos trocam, buscam informações e interagem discursivamente por meio de textos, em suas infinitas variedades.

Sobre o ato de ler, Silva (1986) estabelece uma ponte entre a prática e a ideologia. Antes de se atribuir qualquer conceito à leitura, deve-se entender, na concepção do linguista, a função social e a política da mesma:

[...] ler é, numa primeira instância, possuir elementos de combate à alienação e ignorância. Para ser compreendida, esta definição deve levar em conta a própria estrutura subjacente à sociedade brasileira, ou seja, a dicotomia das classes sociais, mantidas pela ideologia (ou visão de mundo) da classe que está mantida no poder. (SILVA, 1986, p.49).

Silva (1986, p.51) aprofunda o assunto, ao salientar que ler deve ser uma atividade crítica, geradora de cultura e de significados, e não mecânica, pois essa é a condição para uma verdadeira educação libertadora.

Geraldi (2002, p. 91) argumenta: *“a leitura é um processo de interlocução leitor/autor e que é mediado pelo texto”*. O autor complementa essa definição, explicando o processo das possíveis leituras de um único texto, pois para ele ao redigir um texto *“... o autor dá uma significação ao seu texto e imagina os seus interlocutores. Mas ele não tem um controle do processo de leitura de seu leitor, já que, **o leitor constrói o texto na sua leitura e atribui a sua significação**”* (grifo nosso).

Sabe-se da extrema relevância do trecho em destaque, visto cada indivíduo assumir o seu papel na sociedade, o qual envolve uma gama de diferenças culturais, sociais e ideológicas, que definem a forma pessoal e individual de o leitor avaliar e interpretar o mundo circundante.

Para finalizar, Kleiman, ao tratar da leitura aponta também para a produção de texto e faz deste, parceiro daquela num processo de interação e complementa:

“Os textos também podem ser classificados levando-se em consideração o caráter da interação entre autor e leitor, pois o autor se propõe a fazer algo, e quando essa intenção materialmente presente no texto, através das marcas formais, o leitor se dispõe a escutar momentaneamente, o autor, para depois aceitar, julgar, rejeitar”. (KLEIMAN, 2004, p. 19).

2.1 A LEITURA NA PERSPECTIVA SEMIÓTICA

O homem se completa como ser significante na sociedade a partir do instante em que passa a se assumir como aquele que foi formado para viver nessa sociedade. Assumir a função social significa levar em consideração as implicações que isso traz; quando o homem aceita estabelecer relações sociais ao menos três possibilidades compõem o perfil desse sujeito, se considerarmos, entre outros aspectos, o do leitor. Assim, nos deparamos com três categorias de pessoas quanto

à leitura: o grupo dos leitores, dos poucos leitores e o grupo dos não leitores. Todavia, a colocação de cada pessoa em determinado grupo depende prioritariamente da escolha que fazemos.

O homem vive e convive em ambiente social, mas também linguístico e cultural intrinsecamente, por isso não há possibilidade de segmentação do composto homem-língua-cultura-sociedade considerando que o homem, indiscutivelmente, na maior parte das vezes², mantém relações interpessoais, fazendo uso de determinada língua, linguagem e cultura.

Independente do grupo social a que o homem pertença a harmonia para o melhor convívio se faz necessária. Para que o bom desempenho da linguagem entre as comunidades e seus participantes, em especial, se estabeleça, adotamos para esta compreensão do relacionamento entre as pessoas a escrita e leitura verbal e a leitura de textos nas mais variadas nuances³ (assunto para o próximo tópico – leitura não verbal), seja ele imagético, sincrético, sonoro ou verbal. Temos então o texto, como objeto de pesquisa da semiótica greimasiana em explicita Barros, (1990, p.7) *“a semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”*.

Este é o ponto exato do conceito muito simples do que é a semiótica – portanto uma das confusões acerca da teoria semiótica pode ser desfeita aqui; os estudos semióticos não apenas traduzem o que dizem os textos, eles também mostram como é o funcionamento do dizer no próprio texto.

²Popularmente é dito que para toda regra há uma exceção, por isso cabe aqui a ressalva de que há alguns casos divulgados pela literatura baseada em acontecimentos verídicos ou mesmo criação da própria ficção e pela mídia de que existem seres humanos que por motivos diversos são tolhidos de seu direito de comunicação em sociedade; são enclausurados para o mundo, sendo privados dos seus direitos de compartilhar com o outro, conhecer, em alguns casos até mesmo a própria língua e cultura. Esses tragicamente, sem opção, são pressionados a apagarem a figura humana de si. Citação bastante comum referente ao tema está na literatura está no ensaio *‘Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade’* de Izidoro Blikstein (1983) inspirado no filme *‘O Enigma de Kaspar Hauser’*, de W.Herzog (1974).

³É importante ressaltar que para a presente pesquisa o tratamento dos textos (sincrético e sonoros, eventualmente mencionados, são apenas ilustrativos), para leitura serão considerados apenas o texto verbal e o texto não-verbal (duas charges) material disponível no *corpus*.

A leitura dedicada, a leitura atenta, seu exame e análise devem acontecer quando o estudante está ainda na escola e possa desenvolvê-la e apreciá-la de forma bem natural, se fazendo compreender e compreendendo os muitos sentidos envolvidos nos variados textos, temáticas, culturas, ideologias. O homem participante desse meio social precisa buscar a sua sobrevivência no ambiente em que habita; portanto, tão importante quanto utilizar as pernas para caminhar é saber lidar com as situações de linguagem na comunicação.

A linguagem e o discurso, via leitura, podem trazer satisfação quando solucionados os enigmas do texto. Embora haja atrativos na linguagem e em seus discursos, risos de leituras equivocadas também fazem parte do mundo da linguagem, pois os que produzem os discursos são os considerados semioticamente sujeitos da enunciação, que se desmembram em enunciador (quem fala) e enunciatário (para quem se fala). Segundo Greimas (s.d., p. 150), o enunciador é caracterizado como sendo também o destinador implícito da enunciação/ da comunicação, enquanto que o enunciatário *“não é apenas destinatário da comunicação, mas também sujeito produtor do discurso, por ser a “leitura” um ato de linguagem (um ato de significar) da mesma maneira que a produção do discurso propriamente dito”*.

Consideramos, para melhores esclarecimentos dos temas e dos textos dos candidatos, a explanação dos elementos da enunciação e aproveitamos a ideia de que ela está pressuposta no enunciado e que a sua forte presença permite que a identifiquemos, no enunciado, graças aos rastros, pistas e traços significativos deixados pelo enunciador, que podem ser recuperados e identificados quando descrevemos ou examinamos o discurso; tal tarefa cabe ao enunciatário. Ao cumprir o papel de manipulador, o enunciador persuade o enunciatário a crer na verdade do seu discurso, direcionando a sua interpretação. É interessante lembrar que em qualquer um dos casos a voz que emana no/do discurso não se refere às pessoas físicas do mundo real. Mas é fato constatarmos que cada um deles garante uma posição no discurso, embora ambos se imbriquem, ou seja, o primeiro, dito aquele que elabora o texto, é a voz dotada de intencionalidade e de persuasão, é o manipulador e controlador da situação; já o segundo ocupa a posição daquele que recebe o texto, examina, analisa as questões de responsabilidade do primeiro. Muito embora um esteja diretamente ligado ao outro, a dupla tem uma relação de cumplicidade – um precisa do outro para se completar – ambos precisam passar

pelo processo de leitura. O enunciador passa pelo estágio de leitura por ter elaborado o texto e o enunciador também o faz, por ter como função o exame do mesmo texto igualmente por meio do discurso. Na medida em que se aproximam ou se distanciam, consideram-se as ideologias díspares ou próximas.

A leitura é uma atividade, um exercício. Sabemos que ela ultrapassa o mero decodificar (conforme Cagliari, p. 4 deste trabalho) do texto verbal ou não-verbal, ou seja, ler é descrever, explicar, examinar o que o texto apresenta naquele enunciado e naquele dado momento (da enunciação), em presença do discurso. Vale retomar que nem tudo o que podemos ver ou ler realmente está escrito, pois consideramos os implícitos e os pressupostos, os quais merecem e precisam ser apreciados.

Considerando que a semiótica tem como seu objeto o texto – a significação, para sermos mais precisos – é considerado por essa ciência linguística como tudo aquilo que possui significação. É possível considerar que a leitura semiótica busca significações presentes no texto, trabalha com elementos de significação, procurando apontar, por intermédio da leitura, como se dispõe a organização e construção textual, até encontrar a estratégia de partida e de chegada do enunciado. A semiótica não pretende desmerecer outras vias de identificação da significação, mas admite optar por critérios mais próprios.

Pouco, quase nada ou nada se pode aprender, apreender, compreender, examinar, fazer significar, sem a prática da leitura. Deveríamos dizer “das leituras”, porque são várias as possíveis leituras, porém há limites estabelecidos para elas, para pôr um certo fim na busca do sentido. “[...] *leitura é fazer perguntas ao texto escrito. E a leitura com compreensão se torna uma questão de obter respostas para as perguntas feitas*” (SMITH, 1999, p.107). Tais perguntas e respostas carecem ser coerentes e condizentes com o texto e com o discurso. A leitura é um termômetro que verifica a temperatura do conhecimento, por isso as perguntas e respostas direcionadas aos textos: que cessam a certa altura e se ultrapassam as medidas é sinal de que o limite pode ter sido extrapolado pelo leitor. Assim, transbordando a leitura do texto em análise, a leitura pode prejudicar a compreensão do texto, do discurso e também prejudicar o enunciador e o enunciatário; percebemos que ler além do permitido pelo texto envolve complicações e prejuízos àquilo que foi dito, o enunciador pode deturpar o funcionamento das estratégias de construção do dizer – essa é uma outra preocupação do semioticista, zelar pela significação do texto, assim também confirma as diretrizes de (LM) língua portuguesa “*É importante*

ponderar a pluralidade de leituras que alguns textos permitem, o que é diferente de afirmar que qualquer leitura é aceitável” (PARANÁ, 2008, p. 71).

No ensino de língua portuguesa, essa deveria ser uma das preocupações do educador, do professor e do aprendiz, porém é sabido que esse não é um fato nas escolas. Concordamos com Kleiman (2004, p. 13), quando afirma “*Em relação aos conteúdos do texto, o professor, devido a sua formação privilegia aquilo que é dito, porém poucas vezes pára para trabalhar o não-dito*”. Deparamo-nos com o clichê da relação causa e consequência – despreparo dos professores e, evidenciando, o não-aprendizado.

O referido até o momento sobre texto, leitura, enunciador e enunciatário pertencem ao nível discursivo da semiótica. Portanto discutir sobre texto e leitura é falar da relação entre enunciador e enunciatário. No que parece ser um jogo que envolve como participantes o enunciador (responsável pela construção do texto) e enunciatário (apreensor dos sentidos do texto), fica claro o esquema de manipulação explicitado por Barros:

“O enunciador define-se como o destinador-manipulador responsável pelos valores do discurso e capaz de levar o enunciatário a crer e a fazer. A manipulação do enunciador exerce-se como um fazer persuasivo, enquanto ao enunciatário cabe o fazer interpretativo e a ação subsequente”. (BARROS, 1990, p.62).

Estabelecido aqui como jogo, esse relacionamento se aplica aos envolvidos na enunciação. Por meio de estratégias, o enunciador tem como função principal determinar e controlar qual será a verdade marcada no enunciado. Para que a relação se estabeleça, o material mediador é o texto, cujos sentidos precisam ser investigados e apreendidos pelo enunciatário. A cumplicidade entre enunciador e enunciatário requer a aceitação ou não de um contrato que é inicialmente proposto. Em semiótica, lidamos com um tipo de contrato específico, o contrato fiduciário, que “*é um contrato de veridicção, que determina o estatuto veridictório do discurso*”. (Barros, 1988, p. 93)

O exame minucioso da leitura do texto, na perspectiva da semiótica do discurso, procura engendrar num primeiro momento o plano de conteúdo – concebido sob a forma de percurso gerativo do sentido, percurso que em sintaxe e semântica discursiva vai do nível mais simples e abstrato ao mais complexo e abstrato.

2.2 LEITURAS NÃO-VERBAIS

Mostra-nos o senso comum que ler não é o mesmo que decodificar; especialmente quando o texto é imagético e, sobretudo, quando em um texto aparece a manifestação das várias linguagens, tais textos são semioticamente chamados sincréticos, assim compreendemos que um texto para ser sincrético pode exprimir texto verbal (escrito e/ou auditivo) e não verbal (desenhos, filmes, outdoors, tiras, charges, etc.). O texto não-verbal muitas vezes vem acompanhado do texto verbal escrito ou sonoro, mas a presença das cores, dos traços, dos contornos, das formas, das posições e disposições diante da tela, do papel, do espaço, enfim, o enquadramento atrai os olhos humanos à beleza do conjunto que compõe desenhos, obras de arte, figuras, esculturas. Estes convidam à leitura os olhares muito atentos dos interessados em arte de maneira ampla ou ainda, especialmente, os apaixonados e estudiosos da semiótica plástica ou visual, como constata a especialista da imagem:

“O texto não-verbal é uma linguagem; a leitura não-verbal firma-se também como linguagem, na medida em que evidencia o texto através do conhecimento que a partir dele e sobre ele é capaz de produzir, ou seja, é uma linguagem de linguagem.” (FERRARA, 2004, p.13.)

Quando partimos para a leitura que ultrapassa o verbal ou o simples decodificar, é sinal que avançamos, só evoluímos quando conseguimos dar conta do não-verbal isoladamente. Então, se fazemos as duas coisas – examinar textos verbais e não-verbais ao mesmo tempo – o trabalho é duplicado. A leitura é um processo complexo porque envolve muitos atrativos, a imagem toca-nos e aguça os sentidos humanos, possibilitando que a leitura se amplie ainda mais. Temos, então, a junção razão e emoção, a qual nos leva não simplesmente a praticarmos a leitura, mas também a sentirmos o que lemos. O homem pode e deve ler com as mãos, com os pés, com os olhos, com os ouvidos, com o corpo, fazendo uso do paladar e do olfato também. A presença dos cinco sentidos humanos na leitura sugere que o homem contemple com sensibilidade o enunciado, não importando o tratamento da informação ou as linguagens; a significação permeia o texto e o discurso. Completando a explanação, recorreremos mais uma vez a Ferrara que continua suas reflexões, fazendo, a propósito, uma espécie de advertência:

Porém sensação e atenção são condições de leitura, mas não são ainda, a leitura porque esta impõe a relação das sensações e das imagens fixadas pela atenção para tornar possível, de um lado, a integração do mundo independente dos sentidos, originalmente dispersos, e, de outro, a associação comparativa das emoções." (FERRARA, 2004, p.24.)

Basta passar por uma importante avenida dos grandes centros para que consideremos presença marcante da imagem para os sujeitos. Porém, embora a presença do texto plástico seja poderosa e satisfatória, o texto verbal, até aqui, tem predominância entre os meios de comunicação. No entanto, a disputa pelo mercado e pela melhor colocação da informação na mídia impera; por conseguinte, outros discursos de modo surpreendente ganharam mais espaço (nos diversos formatos disponíveis) nos veículos de comunicação. As imagens também concorrem a uma posição no topo e se propagam: fotos, desenhos, charges, logotipos, ícones, entre outros inúmeros modelos avançam no crescente e milionário mercado comercial, publicitário e jornalístico. A internet, por sua imensa gama de informações, imagens e sons proporcionou às famílias, escolas, empresas, órgãos públicos e estudantes uma espécie de vício, mania mundial, *status* necessário independentemente de se utilizar o meio para questões importantes e necessárias quanto para usufruir como lazer e distração desnecessária, supérflua, criminosa, ilícita e perigosa.

3 A PRODUÇÃO DE TEXTO

Para que haja leitura é preciso que existam textos. A necessidade deste tópico para o ensino/aprendizagem de língua portuguesa vem com o propósito de desmistificar a ideia do que venha a ser texto. Partindo do pressuposto de que nesta pesquisa o texto é o concreto e o discurso é o abstrato, contemplaremos um breve esclarecimento, sob o enfoque de alguns especialistas que abordam o assunto.

De forma muito simples, porém esclarecedora, Gnerre (1994, p.8) apresenta consideração acerca do termo. Afirma que o ato de *“escrever nunca foi e nunca vai ser a mesma coisa que falar: é uma operação que influi necessariamente nas formas escolhidas e nos conteúdos referenciais”*.

Por conseguinte, entende-se que o ato de escrever requer cuidados que vão além das formas. A atenção daquele que produz textos escritos deve voltar-se a vários aspectos, inclusive aos discursivos, isto é, contexto histórico marcado no texto, o conhecimento pessoal conquistado individualmente pelos sujeitos escreventes, uma espécie de conhecimento prévio denominado pela semiótica de deontológico e as ideologias, entoação (na oralidade), aspectos que mostrem o homem falando, escrevendo, comunicando-se, enfim, interagindo e se expressando.

Além dos aspectos discursivos, o homem, ao se relacionar, faz uso de ferramentas linguísticas – os aspectos gramaticais: ortografia, concordância, regência, entre outros. Ambos os aspectos (discursivos e linguísticos) na escrita, como afirmou Gnerre, são formas escolhidas – escrever merece mais atenção e cuidado, pois a escrita é diferenciada da fala, exatamente no seguinte ponto: quem escreve tem mais tempo para reflexões e fazer escolhas, as melhores.

Já na fala, o tempo para pensar, para organizar e para escolher um termo ou expressão mais adequada é mais acelerado e, muitas vezes, diante do nervosismo, do medo, da insegurança, da inexperiência, da ansiedade e de outros sentimentos, a probabilidade de o falante ser prejudicado por um desses fatores é grande. Na concepção de Kaufman e Rodríguez (1995, p.146, grifo nosso), o texto ultrapassa o simples conjunto de regras que o envolve, e serve como um elo entre o semântico e o social:

O texto, produto da atividade verbal humana, **é uma unidade semântica, de caráter social**, que se estrutura mediante um conjunto de regras combinatórias de elementos textuais e oracionais, **para manifestar a intenção comunicativa do emissor**.

Assim como as pesquisadoras, aderimos à maneira de que o texto é lançado em um meio social e o fato de ser produto da manifestação humana carrega consigo um texto preenchido de intencionalidade, visto que ele não vale apenas pelo que está escrito, pois não há texto que seja neutro. Os preceitos de Koch (1997, p.25) definem e complementam que um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma comunidade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional são capazes de construir, para eles, determinado sentido. Já para Val (1999, p.3), texto ou discurso⁴ pode ser uma ocorrência linguística, falada ou escrita, sem uma extensão previamente estabelecida, dotada de unidade sócio-comunicativa, semântica e formal.

No trecho que segue, conservamos a discussão que reforça ser o texto nas palavras de outro estudioso, que em mesma instância define de forma suficiente o assunto abordado até aqui. Assim, concluímos com a prescrição de um dos grandes teóricos da linguagem:

Levando em consideração só as práticas linguísticas, dir-se-á que o discurso é o objeto do saber visado pela linguística discursiva. Nesse sentido, é sinônimo de texto: de fato, certas línguas europeias, por não possuírem equivalente para a palavra franco-inglesa discurso, foram levadas a substituí-la por texto e a falar de linguística textual. Por outro lado [...] os termos discurso e texto têm sido empregados para designar igualmente processos semióticos não-linguísticos (um ritual, um filme, um desenho animado são então considerados como discursos ou textos). (GREIMAS, s.d. p. 123).

Conforme assinala o autor, texto e discurso podem ser definidos como sinônimos. Na perspectiva semiótica, os temos texto e discurso são equivalentes também para os processos não-linguísticos como; charges, desenhos animados que podem vir ou não precedidos de textos verbais.

⁴ Para a autora, texto e discurso são a mesma coisa.

3.1 PRODUÇÃO DE TEXTOS NA ESCOLA

A produção de textos deveria ser algo natural e bastante presente nas aulas. Isso contribuiria para que estudantes e textos não se estranhassem, como tem ocorrido com frequência – o que vale também para a leitura. Infelizmente esse estranhamento é o que tem acontecido no ambiente escolar, pois o que se prega na maioria das vezes é que o responsável pelo comportamento linguístico e discursivo do aluno é o professor de Língua Portuguesa – como se os demais não fizessem o uso do mesmo idioma e este não fosse necessário às suas disciplinas.

Essa “transferência de responsabilidade” sobrecarrega o profissional de língua portuguesa, e assim o aluno com dificuldades não consegue avançar, progredir e apenas passa para o ano subsequente. Esse apontamento poderia causar uma grande discussão, mas o objetivo aqui é apenas apresentar possíveis causas, e quem sabe possibilidades para um avanço. Por ora, devemos avaliar o seguinte dado referente aos profissionais da educação, conforme afirma Tupiassu (1993, p.14, grifo nosso):

[...] o professor / profissional sofre do mal de não conseguir redigir satisfatoriamente, pois chegou às disputas do mercado de trabalho sem superar as suas próprias falhas de linguagem. É aí que se dá o início do ciclo de desqualificação do ensino, um ciclo que vai de um professor insuficientemente preparado [...] até chegar a um aluno que pouco avança no rumo de uma instrução segura e satisfatória.

Por isso, muitas vezes o estudante termina o Ensino Médio com inúmeras lacunas e indagações, presta o vestibular e depara-se muitas vezes com temas polêmicos, textos de apoio irreverentes, críticos e extremamente ricos linguística e discursivamente e não se sente apto a desvendar os “enigmas” que envolvem os textos propostos. E inevitavelmente o candidato é convidado a redigir um texto, na maioria das vezes dissertativo, ou meramente “redação”, como muitos o definem: “... a redação de vestibular pode ser definida como um texto em que o autor organiza o pensamento lógico para comprovar seu ponto de vista sobre o tema proposto na prova”. (PILAR, 2002, p.160).

A redação na escola é apresentada sob a tríade: narração, descrição e dissertação – três tipos de discurso⁵. Hoje já se sabe que os gêneros textuais são inúmeros e que é muito difícil lidar com todos eles durante o percurso escolar, mas uma coisa é certa: embora as barreiras das tipologias textuais tenham sido quebradas, o estudante e, principalmente, os candidatos ao vestibular não conseguem extrapolar nem os limites da tríade tradicional.

Nesta pesquisa não se pretende desmerecer a tríade. Ao contrário, ela é ensinada na escola com o objetivo de capacitar o leitor / produtor a ler, a falar e a escrever melhor e tudo isso segundo os padrões da norma culta da língua portuguesa, pois, ao se deparar com esses tipos textuais, o aluno terá a sua disposição textos bem escritos e bem elaborados e, quando não, será orientado a melhorar a estrutura textual, conforme a necessidade que cada texto apresentar. O aluno conseguirá ainda distinguir as diferenças estruturais, linguísticas e discursivas presentes em cada um dos tipos.

É importante nos atermos ao alerta que Martinez (1988) faz sobre a dissertação escolar, já que esta constitui o *corpus* deste estudo. Sem nos atermos aos pormenores linguísticos ou estruturais, partiremos diretamente à questão discursiva, que é objeto deste trabalho. A autora toca em um dos pontos principais que emana desse tipo discursivo. É comum o aluno estabelecer confusão entre opinar e refletir com palpites soltos sobre um determinado assunto.

De certa forma, dissertar sempre traz certa preocupação aos professores, e, principalmente, aos estudantes, que na maioria das vezes encontram algumas dificuldades, por exemplo, como ou por onde começar. Por que dissertar, para muitos, é uma tortura? Na verdade redigir, especificamente uma dissertação, não é um martírio, mas é sim, desafiar a nós mesmos, pois, como afirma Martinez; a dissertação é:

[...] um tipo de discurso através do qual procedemos às reflexões sobre coisas, onde as nossas opiniões explicitadas, e, sobretudo onde a nossa intenção é fazer com que o nosso interlocutor acate as nossas opiniões e desse modo se ponha do nosso lado nas considerações que tecemos, é exigido maior rigor e maior complexidade dos mecanismos de que nos servimos para a sua elaboração (MARTINEZ, 1988, p. 91).

⁵Desta forma que Martinez (1988) apresenta como gêneros: descrição, narração e dissertação.

Sabemos que esta não é uma tarefa simples. Se considerarmos que a marca da subjetividade, na dissertação – expressa por meio das opiniões – é a mais perceptível dos três tipos discursivos. Talvez consigamos pensar que existe vantagem àquele que produz um texto desse tipo, tendo em vista que se expressar subjetivamente deixa o produtor mais à vontade diante do papel e da caneta e, conseqüentemente, mais familiarizado com o próprio texto.

Martinez (1988) observa que, para haver êxito durante uma produção, é necessária a presença de uma apresentação organizada de ideias, pois as conclusões e a progressão do pensamento contribuem para o desempenho e qualidade do texto dissertativo.

Embora bem antiga na escola, a dissertação ainda causa certo embaraço àqueles que se candidatam ao vestibular, ou seja, o candidato não consegue se expressar com clareza, transmitir suas ideias e opiniões e atender às exigências desse tipo de texto. Talvez a complexidade vista pelo aluno seja esta:

Os textos dissertativos mostram nitidamente a presença de verbos que transmitem ideia de julgamento, avaliação, definição, contestação, verificação etc. Esse tipo discursivo que, também como os outros, nem sempre aparece sozinho, liga-se à narração e à descrição, na medida em que o sujeito, ao contar o mundo que vê, começa a refletir sobre esse mundo que contou, vendo (ROCCO, 1981, p. 77).

O fato de os textos dos diferentes gêneros se englobarem e dialogarem de forma discursiva traz certo incômodo ao estudante e ao candidato, já que ele não consegue perceber a flexibilidade que os textos têm de se relacionarem entre si.

3.2 A RELAÇÃO LEITURA / PRODUÇÃO DE TEXTO

Desde a sua infância, o homem aprende a desenvolver uma língua considerada natural, por se tratar de um aprendizado espontâneo e interativo com seus interlocutores. E é observando esses interlocutores que a criança compreende, aprende e aprimora o seu vocabulário na língua portuguesa.

Logo, ela entra na escola e ao longo de onze anos de educação escolar deve estar capacitada a: *ler textos* nas várias perspectivas: auditivas, visuais e escritas, e nas várias possibilidades de leitura que um único texto apresenta; ou ainda apreender a relação que os textos estabelecem entre si; a *produzir textos*, isto é,

estar apto a redigir um texto independentemente da sua tipologia ou do seu gênero, e assim obedecer à estrutura técnica que os compõe como se organizam e se estruturam no papel. E, por fim, compete ao aluno *observar o discurso*, ou seja, o *homem falando*⁶ nos textos, fator de extrema importância. A respeito da relação entre as práticas da leitura e da produção de textos escritos, Orlandi (1988, p.90) afirma:

[...] não há uma relação mecânica entre leitura e produção textual, ou seja, **não há uma relação automática entre ler-se muito e escrever-se bem** [...] A leitura é apenas um dos elementos que constituem o processo de produção da escrita (grifo nosso).

Tendo em vista que não há um automatismo nas práticas, como expressa a autora, é interessante esclarecer que a leitura, não como uma mera decodificação quantitativa, mas sim uma leitura de qualidade, auxilia e encaminha o aprendiz a uma competência leitora, isso porque ler é uma importante ferramenta no processo da construção textual. Além disso, conclui-se que não é possível escrever sobre o que não se sabe, o que não se conhece, portanto, o que não se leu.

Segundo Garcia, aquele que deseja aprender a escrever deve ordenar as ideias que surgem através das experiências de vida, sejam elas boas ou ruins – por meio do convívio com as pessoas e também com a leitura (1996, p.184 - 191).

Como já foi apresentado, aqui o autor retoma a importância do processo interativo existente entre os indivíduos, portanto, para a realização de um bom trabalho textual, o produtor deve ter fazer uso de seu conhecimento deontológico, um conhecimento do mundo que o cerca, “*O conhecimento de mundo abrange desde o domínio que um físico tem sobre sua especialidade até o conhecimento de fatos comuns do dia-a-dia.*” (Kleiman, 2004, p. 20). Só assim conseguirá externar as experiências das várias leituras de mundo, as quais vêm armazenando.

Quanto à proposta de se transmitir da leitura à produção de texto, ela constitui, sem dúvida, uma possibilidade de se conceber o ensino de redação, embora nem sempre seus defensores tenham ido muito além da recomendação de se desenvolver o gosto pela leitura – e aqui já se teria uma concepção particular de leitor – permanecendo ainda pouco clara a maneira de se conceber essa modalidade de ensino de redação (CORRÊA, 2002, p.28).

⁶ Expressão utilizada por Orlandi, 2003, p.15.

Partindo dessa afirmação, o autor apresenta duas hipóteses: a primeira, que propõe a passagem da leitura à produção como uma possibilidade sem entraves e aplicável a qualquer tipo de produção de textos; a segunda propõe essa passagem, apesar de não considerá-la como natural, direta e sem entraves. Concluindo a relação entre leitura e produção de texto, Pereira (2000, p.72-73) defende a tese denominada leitura como produção, calcada no seguinte conceito:

[...] **o sujeito-leitor**, num ato pessoal e com uma especificidade, **assume a leitura como um ato seu, intransferível**, e daí se insere numa cadeia de sentidos, gerando novos sentidos singularizando-se [...] Em menor ou maior escala, **o que se deveria esperar é que cada sujeito-leitor se torne um sujeito-produtor** (grifo nosso).

Na tentativa de unir as práticas da leitura e da produção de texto, a escola e a universidade utilizam comumente esse processo até mesmo de forma avaliativa, o que demonstra, então, a relevância dessa junção, ou seja, a leitura é pré-requisito para a produção dos textos em geral. Vale lembrar que escrever, especialmente dissertação, envolve complexidade técnica, ou seja, dissertar, assim como outros tipos textuais, exige ordem e estrutura específica.

4 VESTIBULAR, UM BREVE HISTÓRICO

O sistema educacional brasileiro passa por constantes transformações e esta é uma prática contínua e antiga. O vestibular é o meio de acesso ao ensino superior no Brasil e não está alheio a tais mudanças, muitas delas repentinas. No que se refere à academia, as inovações começam a surgir quando são instaladas as faculdades e universidades públicas nas grandes capitais brasileiras. No princípio da construção dos *campi* universitários, o governo não tinha dificuldades em preencher as vagas, pois na época a demanda era pequena. Contudo, ao longo dos anos, o interesse pelo curso superior aumentou vertiginosamente, gerando uma espécie de caos educacional. No intuito de sanar as dificuldades e tentar solucionar alguns problemas para adequar a situação, medidas foram tomadas e políticas educacionais foram postas em prática, para ajustar o processo avaliativo.

A universidade expande-se sob a pressão do desenvolvimento dos conhecimentos humanos e entra em processo de reestruturação, mas, por outro lado, cresce enormemente a clientela que está a buscar, o que a leva à multiplicação de sua matrícula. (TEIXEIRA, 1969, p.257).

Os ajustes que visavam a aprimorar o vestibular e o ingresso à universidade seguem sem parada até os dias atuais, isso devido à incessante busca pelo ingresso à Universidade. Prova disso são as frequentes novidades impostas pelo Ministério da Educação, visando a suprir duas importantes necessidades do estudante: a falta de vagas nas universidades públicas e a desigualdade social, que distancia as classes médias e baixas do curso superior. Um modelo recente da política da União para que o acesso à universidade se torne mais viável está no Programa Universidade para Todos (PROUNI)⁷, que visa garantir a igualdade de oportunidades a todos os brasileiros que desejam cursar uma faculdade.

⁷ Criado pelo governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei n. 11.096 em 13 de janeiro de 2005 tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em institucionais privados da educação superior. www.prouni-inscricao.mec.gov.br/prouni/oprograma

Na questão do ensino superior, o Brasil se diferencia de outras nações, sejam elas grandes potências ou não, em diversos aspectos. Um deles, que nos interessa particularmente aqui, é o acesso à universidade e, mais particularmente, o processo de ingresso de estudantes às Faculdades e Universidades do país. Sabemos da necessidade do estabelecimento de critérios de seleção para aqueles que anseiam ingressar no curso superior. Assim como ocorre em outros países, o Brasil optou por uma estratégia de inclusão dos universitários, mas o país não consegue absorver o enorme contingente de jovens, a quem nem sempre é dada a chance de optar por uma carreira, conforme sua preferência

No início do século XIX, em 1808, as universidades brasileiras acolhiam, sem dificuldades, os estudantes dos colégios tradicionais da época. Portanto, a inclusão dos estudantes nos cursos de graduação dava-se de forma bem tranquila, embora naquele período o interesse partisse apenas da elite das grandes capitais. Com o passar dos anos, os interesses da sociedade mudaram e, embora seja garantido o direito de realizar o exame a todo concluinte do ensino médio, ainda há falta de vagas para diversos cursos, sendo bastante variável a relação candidato/vaga nas diferentes carreiras.

“Com efeito, entre 1932 e 1940, aumenta de 0,2%, de 1940-1951 de 152,8%, de 1951 a 1960 de 78,1% de 1960 a 1964 (até onde a apuração se fez), de 57%. Entre 1932 e 1964, o aumento é de 606,5%. Entre 1940 e 1962, o aumento é superior a 700%, pois entre 1932 e 1940, a estagnação foi completa, com decréscimo em Direito e Medicina. O fenômeno, portanto, do crescimento do ensino superior tem início por volta de 1940 e não é o mesmo em todas as carreiras”. (TEIXEIRA, 1969, p. 257.)

No início do século XX, com a evolução da sociedade, acontece que: o número de interessados em prosseguir com os estudos e avançar para o curso superior ultrapassa as expectativas dos governantes, e a oferta de vagas é insuficiente. Foi preciso tomar uma medida, com vista a poupar maiores transtornos com o Ministro da Justiça e dos Negócios. Assim, Rivadavia da Cunha Correia, (ministro da fazenda e da justiça da época) instituiu, em 1911, o “exame de admissão”. O exame funcionava de forma interessante e diversa ao costume atual: a prova era composta de duas etapas: a primeira delas exigia uma avaliação escrita (dissertativa) e a segunda etapa examinava a oralidade. Esse sistema avaliativo permaneceu por cerca de quatro anos.

Foi somente por volta de 1915, através do Decreto n.11.530, que efetivamente

o exame recebeu o título de vestibular – termo oriundo do latim *vestibulum*, equivalente a entrada – exame de entrada. Daí em diante, o vestibular estabeleceu-se e fixou sua permanência até a contemporaneidade, de modo que, concluído o Ensino Médio, o alunado, para entrar na academia, deve passar pelo vestibular.

Em 1964, o formato da avaliação é alterado. Por praticidade, as questões passam a corresponder a testes de múltipla escolha, o que facilita a correção via computador. Com certeza, essas providências tiveram que ser aceleradas com o crescimento da demanda. O curso de medicina da USP foi o primeiro a utilizar o vestibular com questões desse formato.

Criada em 1968 pelo Governo Federal, a Lei n.5540, Decreto n.68.980-1971 se unificou⁸ e institui o sistema classificatório por nota máxima, mas somente em 1996, após aprovação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases), o processo seletivo que leva ao ensino superior recebe maior autonomia do Estado, ou seja, às instituições nacionais de ensino superior é garantido o direito de livre escolha para elaboração e aplicação dos critérios para montagem do sistema de seleção.

Com o passar dos anos, há um evidente crescimento do interesse em cursar uma graduação. A procura por faculdades e universidades públicas há muito tempo já se fazia bem maior que o percentual de vagas, por isso o Ministério da Educação resolve liberar a abertura de várias faculdades privadas. Ainda na atualidade (2009), o número de IES (Instituições de Ensino Superior) cresce de forma assustadora, dando continuidade a um projeto bastante antigo da LDB, posto em prática recentemente e que vem garantindo espaço a cada dia mais: a Educação a Distância (EAD) firma suas raízes no ensino brasileiro e se propaga pelo país. Além disso, a autonomia das faculdades particulares caminha mais longe, quando permite o chamado ‘vestibular agendado’⁹.

⁸Lei 5540 de 28 de novembro de 1969. Ementa: fixa normas de organização e funcionamento de ensino superior e a sua articulação com a escola média, e dá outras providências. www6.senado.gov.br/legislacao

⁹A estrutura da prova. Ela varia de acordo com a instituição responsável pela prova e algumas vezes uma mesma instituição utiliza diferentes métodos ao longo dos anos e dependendo do objetivo da prova. Algumas IES costumam dividir o exame em duas fases distintas, outras permitem que o candidato preste a prova via internet enquanto outras demandam uma maior vigilância sobre o candidato, tendo uma enorme estrutura pra a execução da prova para milhares de candidatos em apenas um dia. www.wikipedia.org/wiki/vestibular Acesso em: 19 de outubro de 2009. A LDB, Lei n.9.394, 20 de dezembro de 1996, mais conhecida como Lei Darcy Ribeiro ou LDB, dispôs sobre a educação a distância em oito dispositivos, sendo um artigo, quatro parágrafos e três incisos. O Diz o Art.80 O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada. www.fe.unb/catedra/bibliotecavirtual/ead/educacao/-a-distancia-texto-da-ldb. Acesso em 19 de outubro de 2009. Datas, Leis e outras informações históricas sobre o vestibular, citadas neste tópico, tiveram como base para esta redação as seguintes páginas da internet: <<http://www.vestibular1.com.br>>. Acesso em: 28 junho 2009 <JÚNIOR. Wagner Ghizzoni. *Vestibular completa 91 anos no Brasil*. Disponível em: <<http://www.revelacaoonline.uniube.br>>. Acesso em: 28 junho 2009.

Com o aumento da procura pelo vestibular, o critério de notas utilizadas passou a ser um problema: o critério da nota mínima aprovava um número muito maior de vestibulandos do que a quantia de vagas oferecidas, gerando um transtorno para a comissão de avaliação, pois candidatos aprovados com a nota mínima, conforme ditava o critério, não podiam tomar posse de suas vagas.

Tendo em vista a autonomia das universidades brasileiras em elaborar exames vestibulares, fizemos uma pesquisa nos arquivos virtuais (sites oficiais) de várias instituições públicas, porém, apenas algumas dispõem um acervo virtual, por isso justifica-se a escolha destas IES selecionadas: UEL, UNESP, USP e UFPR e não outras.

Inicia-se a exposição do documento com a Universidade que parte esta investigação, a UEL. O acervo de livre acesso na página virtual da COPS compreende as provas dos anos 2001 (vestibulares de janeiro e de julho) até o ano 2007, ou seja, há acesso permitido a sete anos de vestibular e oito avaliações – o que representa um número bem pequeno.

As oito provas estão na sua íntegra publicadas no mesmo site, o qual é associado à Universidade Estadual de Londrina. Entre os interesses em divulgar esses dados das provas, está determinar qual a atribuição que os comandos dão à imagem, seja ela, fotográfica, charge, obra de arte, escultura, tirinha, desenho ou publicidade nos vestibulares. No caso da UEL, 50% exatamente das propostas da redação ostentam textos imagéticos/verbal, conseqüentemente se tem o seguinte quadro:

<u>Mês</u>	<u>Ano</u>	<u>Conteúdo do Comando</u>
Janeiro	2001	apenas textos verbais
Julho	2001	apenas a tirinha do “Calvin e Haroldo”
Abril	2002	apenas a charge de “Alecrim” Folha de S. Paulo
Janeiro	2003	apenas textos verbais – uma tabela com dados estatísticos
Janeiro	2004	apenas textos verbais
Janeiro	2005	cartão-postal da cidade(1906) Cartaz da Exposição Agropecuária (2004)
Janeiro	2006	apenas textos verbais
Janeiro	2007	duas charges de “Hagar, o terrível”

Notamos que, na elaboração das propostas acima descritas, embora em quantidade pequena, há notável inclinação para as charges e/ou tirinhas. Ou seja, podemos verificar a influência da imagem como elemento de valor para o processo de leitura, de tal modo que quatro das provas (50%) adotam em sua composição a imagem. A prova de redação do ano 2005, que também propôs textos ilustrativos e verbais conjuntamente, apresenta para leitura um cartão-postal e um cartaz de divulgação. Um curioso dado, 100% dos comandos que optam pelo texto visual em seus argumentos são textos com características lúdicas, humorísticas e de entretenimento, em uma primeira leitura, descompromissada ou sem propósitos maiores de interpretação.

No vestibular da UNESP, cuja prova é confeccionada também pela própria instituição – em sua comissão especial para vestibulares e concursos públicos – a Fundação (VUNESP), organizadora de concursos públicos e vestibulares da Unesp, encontra-se em seu acervo a descrição seguinte:

<u>Ano</u>	<u>Conteúdo do Comando</u>
*2003	apenas textos verbais
2004	apenas textos verbais
2005	apenas textos verbais
*2006	apenas textos verbais
2007	apenas textos verbais
*2008	apenas textos verbais

* São vestibulares realizados no meio do ano, em julho. Muitos chamam vestibular de inverno.

O arquivo dispõe apenas de seis anos de avaliação (2003 a 2008), sendo que a metade deles são de vestibulares realizados no meio do ano e todas as provas são desenvolvidas por meio de textos puramente verbais. Estamos examinando apenas os arquivos disponíveis para consultas. Ainda que a quantidade de textos seja pequena para afirmações mais comprometedoras, não se pode negar que o valor dado ao texto imagético é insignificante.

Já a Fuvest (Fundação Universitária para o Vestibular) conta com o maior dos acervos. As provas estão arquivadas desde 1980. Isso significa que uma quantidade

maior de provas que possibilita uma análise mais precisa. A distribuição do panorama dos exames é o que segue:

<u>Ano</u>	<u>Conteúdo do comando</u>
1980	somente a prova de redação não está disponível no arquivo
1981	somente a prova de redação não está disponível no arquivo
*1982	provas não disponíveis no arquivo
*1983	provas não disponíveis no arquivo
*1984	provas não disponíveis no arquivo
*1985	provas não disponíveis no arquivo
*1986	provas não disponíveis no arquivo
1987	somente a prova de redação não está disponível no arquivo
1988	somente a prova de redação não está disponível no arquivo
1989	somente a prova de redação não está disponível no arquivo
1990	somente a prova de redação não está disponível no arquivo
1991	somente a prova de redação não está disponível no arquivo
1992	somente a prova de redação não está disponível no arquivo
1993	somente a prova de redação não está disponível no arquivo
1994	somente a prova de redação não está disponível no arquivo
**1995	apenas textos verbais
1996	apenas textos verbais
1997	apenas textos verbais
1998	apenas textos verbais
1999	apenas textos verbais
2000	apenas textos verbais
2001	apenas textos verbais
2002	apenas textos verbais
2003	apenas textos verbais
2004	apenas textos verbais
2005	textos verbais e imagéticos (fotografia)
2006	textos verbais e imagéticos (escultura de David - Michelangelo)
2007	apenas textos verbais
2008	textos verbais e imagéticos (fotografia)
2009	textos verbais e imagéticos (fotografia)

*/** Foi feito contato, via e-mail, com a Fuvest requerendo melhores esclarecimentos, porém a mesma não se manifestou.

Algumas observações interessantes a se fazer: a primeira sobre a não divulgação dos exames realizados entre os períodos de 1982 e 1986 pela instituição (foram cinco anos sem divulgação) e a segunda é que a redação somente começou a fazer parte, a ser divulgada somente a partir de 1995, sem interrupção.

As provas da UFPR são organizadas pelo NC, (Núcleo de Concursos), órgão da própria instituição. Com um pequeno material que se limita dos anos 2003 aos 2007, somente há duas provas para consulta 2003 e 2005/2006, o que dificulta o entendimento, o funcionamento e a organização dos processos seletivos. Mas essa instituição apresenta um diferencial das outras universidades conforme descrito a seguir.

No ano 2003, na prova de redação a proposta traz textos verbais e apenas um texto imagético (fotografia). Na prova que corresponde aos anos 2005/2006 a prova vem sob o enunciado de *Compreensão e Produção de Textos* e não identificada por Redação – um dos diferenciais. Essa avaliação contém questões discursivas, uma delas apresenta uma charge de Folha de São Paulo. A tabela para demonstração dos textos, segundo disposição da página virtual, permaneceu dessa forma:

<u>Ano</u>	<u>Conteúdo do Comando</u>
2003	textos verbais e imagéticos (fotografia)
2004	* não contém de arquivos das provas
2005/2006	prova de Compreensão e Produção de Textos apresenta questões discursivas, uma delas com a charge.
2007	não contém arquivos das provas

*Não contém as provas, todavia há o link para outras consultas referentes ao vestibular desse ano.

4.1 VESTIBULAR DA UEL

Para maiores esclarecimentos acerca do trabalho com redações de vestibular, vamos apresentar um paralelo entre o vestibular da UEL (2006) e o vestibular da USP (2009), pois entre ambas as provas há alguns pontos divergentes e interessantes para a pesquisa do ensino/aprendizagem em língua portuguesa.

A partir de recente divulgação da Fuvest às mídias, soube-se que a redação

da USP do ano 2009 (comparados aos anos anteriores) surpreendeu positivamente a banca examinadora, inclusive a diretora da Fuvest, Maria Thereza Fraga Rocco. Examinadores e diretora teceram elogios, demonstrando grande satisfação com o progresso de seus candidatos no último vestibular.

Uma página da internet cita alguns dados positivos a respeito desse crescimento redacional. Vejamos algumas observações feitas por especialistas em leitura e produção textual acerca do avanço dos candidatos da USP: *“o número de bons textos foi consideravelmente maior do que nos outros anos”* afirma Rocco; já a professora do cursinho pré-vestibular ‘Etapa’ de São Paulo, Célia Passoni, acrescenta: *“muitas das melhores da Fuvest usavam como referência elementos do cotidiano dos jovens, como por exemplo, letras de músicas que têm a ver com a proposta de redação e o uso de citações de passagens da filosofia e da literatura, sobretudo de leituras obrigatórias”* o que, segundo a professora de cursinho pré-vestibular, serve como referência para justificar outro aspecto favorável ao bom desempenho dos vestibulandos – o fato de as leituras ultrapassarem a obrigatoriedade pode sustentar a argumentação.

Apenas parte da matéria jornalística foi aqui apresentada, porém destacou-se o que é viável e coincidente com alguns pontos sobre o aperfeiçoamento dos vestibulandos do maior vestibular do país. Isso nos leva a uma reflexão, já que Rocco atesta *“Fiquei satisfeita. Não é que tenha afrouxado na avaliação.”*

Se realizarmos um exame dos vestibulares das duas instituições (USP e UEL), de imediato se poderá notar uma distância significativa entre o nível das leituras dos dois temas selecionados e seus textos de apoio. A proposta da Fuvest adotou como temática: *“Fronteiras”*, assim os textos de apoio contam com uma foto representando os limites geográficos e sociais entre duas importantes nações europeias (Holanda e Bélgica) por sinal, foto e discurso muito interessantes; um verbete do dicionário Houaiss do vocábulo fronteira e, por fim, um pequeno texto com dois curtos parágrafos comentando sobre as fronteiras geográfica, física e o sentido figurado do termo fronteira, seguido da instrução para a produção do texto dissertativo. O tema foi disposto de forma muito simples, com leituras bastante modestas, o que facilita o trabalho do vestibulando, o qual está submetido ao tempo cronológico. Portanto, partindo do pressuposto de que o vestibular é um processo seletivo que requer agilidade para cumprir o compromisso de realização das provas em tempo demarcado, a proposta da Fuvest de 2009 enquadra-se como adequada

com relação aos trâmites dispostos nas regras do vestibular, ou seja, agilidade para leitura, com absorção rápida e eficiente. Nesse quesito, diferencia-se do vestibular da UEL, que solicita leitura mais densa, exigindo maior concentração. A Cops apresentou três temas, à escolha dos candidatos, portanto tomando muito mais tempo para leitura. Os temas apresentam três níveis de leitura, no Tema 1 a leitura necessita muito mais atenção; no Tema 2 o texto traz uma polêmica novidade muito difundida pela mídia na época, o que torna o nível de leitura menos difícil; no Tema 3 podemos dizer que o nível de leitura é intermediário.

Entretanto, sabemos que três vestibulares anteriores elaborados para a USP apresentam nível de leitura equivalente ao da UEL (2006), com grau mais profundo de leitura, exigindo maior atenção com releituras. Além disso, o comando do vestibular da USP de 2009 é um dos raros que fazem parte do grupo de temáticas que trazem textos com vocabulário mais simples e explicação, o que facilita a compreensão da proposta exigida. A evolução dos candidatos do vestibular 2009 da USP pode não estar relacionada ao 'afrouxamento' na avaliação da instituição, conforme garantiu Rocco, mas em hipótese pode estar ligada ao fato de o tema ser mais abrangente e de mais simples compreensão em comparação com alguns anos anteriores, nos vestibulares da mesma instituição. Em 2008, por exemplo, estes apresentaram um tema que requer mais tempo para leitura dos textos, de nível mais elevado. Os quatro textos que compõem a proposta desse ano são de autoria de Cícero, Caetano Veloso, Milton Nascimento e Montaigne.

O exame das propostas fez-nos constatar que os textos de apoio da Fuvest 2009 são considerados relativamente fáceis, se confrontados aos textos da temática 1 oferecida àqueles que pleiteiam a vaga da UEL. Enfim, devemos considerar que há propostas mais próximas do cotidiano dos enunciadores das dissertações – as atualidades midiáticas, por exemplo - (conforme aconteceu na USP 2009) e outras menos próximas do cotidiano direto do enunciatório, da proposta, como os textos filosóficos, por exemplo, (Tema 1 da UEL 2006). Aproximando ambas as provas, verifica-se que têm em comum a aparente facilidade de compreensão do tema, porém a diferença se dá no seguinte aspecto: a prova da USP é mais simples e exige leitura mais acessível, por conta da divulgação da mídia e a explicação da proposição. Já na avaliação da UEL ocorre o contrário. Aparentemente a proposta é fácil, e o tema parece ser simples, contudo se aprofundarmos a leitura dos textos do comando é nítida a ideia de que é necessário um exame muito mais profundo de

leitura, pois esta encobre questões muito menos visíveis que a outra instituição. Desse modo, o tema da UEL demonstra um encadeamento entre os textos do tema, uma espécie de ‘amarração’ entre eles, que muito coopera para auxiliar na leitura dos enunciados, na produção escrita e na identificação de subentendidos e implícitos – por isso, muitas vezes eles não conseguem sair do lugar comum. Nesse caso, são indispensáveis leituras mais atentas que requerem mais tempo para a apreensão da proposta.

Contudo concorda-se em alguns pontos com a declaração da Fuvest, ou seja, além das orientações consideradas necessárias para a confecção de um texto coerente, dois comentários dos especialistas merecem destaque. O primeiro deles caracteriza que os bons textos são os mais atraentes e que não ficam no lugar comum, portanto atestam *“só o treino é que faz com que o estudante domine as técnicas para poder expressar suas ideias com precisão”*. O outro apontamento coincide com uma das propostas defendidas neste trabalho de pesquisa, o conselho de professores para que *estudantes verifiquem temas das redações dos vestibulares dos anos anteriores e as melhores redações dos aprovados: ‘Os exemplos respondem nossas dúvidas’*.

5 RELAÇÃO ENTRE OS TEMAS

Neste espaço apresentaremos o Tema 1, composto por duas charges do personagem Hagar, o terrível e um excerto de um artigo filosófico. Além de ser esta a proposta que mais atraiu os vestibulandos, a coletânea de textos deste Tema mantém relações importantes (tanto para a descrição dos textos, quanto para a perspectiva semiótica) entre os seus textos e algumas delas serão discutidas nas próximas páginas.

CHARGE 1 E O TEXTO/BLOG



(Disponível em: <<http://tiras-hagar.blogspot.com/> Acesso em 19 set. 2006)



(Disponível em: <<http://tiras-hagar.blogspot.com/> Acesso em 19 set. 2006)

“Nem todos se preocupam com a questão de saber se a vida tem sentido. Alguns - e esses não são os mais infelizes - têm a mente de uma criança, que ainda não questionou tais coisas; outros, tendo desaprendido a questão, já não as questionam. Entre ambos estamos nós próprios, aqueles que procuram. Não conseguimos projetar-nos de novo no nível do inocente, para quem a vida ainda não olhou com os seus olhos escuros e misteriosos, e não nos interessa juntarmo-nos aos saturados e fatigados que já não acreditam em qualquer sentido na existência por não terem conseguido encontrar qualquer sentido na sua própria vida”.

Fonte: <http://silencio.weblog.com.pt/arquivo/010359.html>. Acesso em 19 de setembro de 2006.

Com base nas charges e no excerto acima, elabore um texto dissertativoargumentativo, defendendo seu ponto de vista sobre o Sentido da Vida.

A principal relação entre as charges e o texto blog está fundada em discutir que “Nem todos se preocupam com a questão de saber se a vida tem sentido”. A

charge 1, por exemplo, demonstra preocupação com a questão, pois no passado e instante da enunciação (os textos verbal e não-verbal justificam a maturidade do personagem), ainda jovem, ansiava por fama e fortuna. Isso, até então, poderia ser considerado natural, pois esta é uma característica dos jovens. Porém, com a maturidade, Hagar percebe que precisa abrir mão e decididamente opta: “*só quero fortuna*”.

Através do humor, convencional nas charges, notamos crítica subentendida à sociedade, a qual é sempre vinculada ao capitalismo e ao consumismo, de maneira que o sentido da vida permaneça em torno do ciclo vicioso da boêmia (personagens estão em um bar), do materialismo (fortuna), do *glamour* e *status* figurativizados pela fama. Entende-se que nessa charge o personagem “preocupa-se” com um sentido para a própria vida, e o interesse pela sua situação econômica e financeira, sendo que estas questões, inseridas no código deontológico dos personagens, vikings ao mesmo tempo saqueadores e murmuradores representado pelo personagem Hagar, acompanhado de seu subalterno Eddie Sortudo, não estão ainda bem resolvidas.

Outras observações importantes entre tais textos é a ligação entre os pronomes indefinidos “*alguns*” e “*outros*” e o numeral “*ambos*”. Veja-se como são apresentados: no Texto\Blog “*Alguns – e esses não são os mais infelizes – têm a mente de uma criança...*” O ser dotado de mente de uma criança, pressupõe-se, carrega o estereótipo daquele que não se ocupa de questões existenciais referentes ao seu papel na sociedade, na família e na política, porque a mente pueril (inocente) limita-o a pensar em fortuna (dinheiro) presentes na charge 1, já que as intempéries da vida (olhos escuros e misteriosos – do texto/blog) não passaram por eles, transformando-os em indiferentes. De acordo com o texto/blog “... e esses não são os *mais infelizes*”. Ainda sobre a expressão, ela identifica uma outra parcela da sociedade, uma classificação apontada pelo enunciador como um dos “tipos” de ser humano, cujo caráter foi descrito. O enunciador demonstra uma espécie de escala para calcular o grau de preocupação do ser humano com a questão “*sentido da vida*”: em primeiro lugar, os mais felizes (“*entre ambos*”); em segundo, os intermediários e indiferentes (“*alguns*”); e em terceiro os menos felizes (“*outros*”), por não questionarem.

Já na categoria definida como “... *outros*, tendo desaprendido a questão, já não as questionam” o texto/blog reforça mais adiante que em “*outros*” podem-se englobar os “... *saturados e fatigados que já não acreditam em qualquer sentido na*

existência por não terem conseguido encontrar qualquer sentido na sua própria vida.” Nota-se que a ligação entre essa charge e a descrição relatada aplica-se ao personagem de Eddie Sortudo (cujo nome não corresponde às características ao sobrenome da pessoa “*sortudo*”) que não demonstra força para questionar e entusiasmo para se posicionar mediante as colocações de Hagar. Assim, Eddie enquadra-se na pior das categorias apresentadas pelo enunciado, ou seja, compõe a parcela das pessoas mais infelizes, aquela que não questiona a sua existência, nem mesmo no nível do inocente, com a mente de uma criança.

Temos, por fim, conforme apresenta o enunciado do texto/blog, aqueles que se encontram entre ambos, então não são inocentes (imaturos tal como Hagar), tampouco estão saturados ou fatigados (alheios à tais questões como Eddie) identificam-se como “*...nós próprios, aqueles que procuram*”. Em conversa bastante objetiva, o enunciador coloca o seu enunciatário na posição que ele (enunciatário) ocupa; subentende-se que seja a de inteligente que sabe se posicionar, fazer escolhas, pois se encontra em estado de sobriedade e prudência. Com isso, o enunciador aplica um fazer persuasivo sobre o seu enunciatário, convidando-o a se desfazer das posições ocupadas por ‘alguns’ e por ‘outros’, já que “*não conseguimos projetar-nos de novo no nível do inocente...*”, “*...e não nos interessa juntarmo-nos aos saturados e fatigados...*” Presenciamos um diálogo proposto pelo enunciador, que, no seu fazer persuasivo espontâneo, objetivo e íntimo propõe ao enunciatário um fazer interpretativo de qual posição tomar, ou seja, o enunciador age como se dissesse ao enunciatário: “você vai preferir ficar no nível básico, superficial, no pior dos níveis? Ou no nível mais elevado, dos intelectuais (ao meu lado)?”.

Conclui-se, portanto que “nós” não nos enquadrados em “alguns”, porque estes não notam a presença das dificuldades (olhos escuros), não visando às oportunidades e as novidades proporcionadas pela vida (olhos misteriosos). Assim, apenas “nós” que estamos entre um e outro, nós próprios, os inteligentes, saberemos lidar melhor com questões escuras e misteriosas nos percursos da vida.

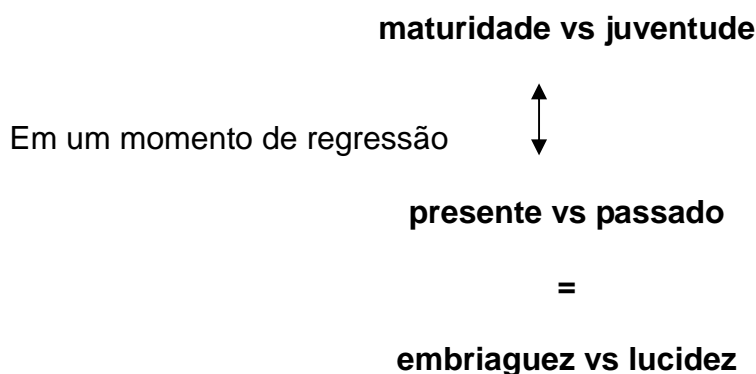
CHARGE 2 E O TEXTO/BLOG

Seguindo a mesma lógica de análise na charge 2 é observável que os personagens Hagar e Eddie questionam literalmente o sentido da vida, mas neste caso os papéis são invertidos pelos mesmos personagem - Eddie Sortudo pode ser

classificado como “alguns” (inocente, mente de uma criança). Assim como na charge 1, evidentemente sabemos que há humor na enunciação da charge, especificamente na fala desse personagem, porém não há como negligenciar que o humor só resulta do fato do texto ser imaturo e pueril quando Eddie diz: “*Você está aqui porque o dono do bar deixa você pendurar a conta até o fim do mês?*” Enquanto Hagar nesse instante de enunciação protagoniza “outros” que na mesma “maturidade” ainda questiona o que fazer de sua vida, onde já, em idade mais avançada, deveria ter projetos, propósitos e objetivos mais definidos, porém ainda se encontrar sem saber “*Qual é o sentido da vida? / Por que estou aqui?*”. Segundo Fiorin, (2006, p.7) “*a pergunta é uma forma de manipulação, é uma maneira de fazer alguém dar uma informação*”.

CHARGE 1 E CHARGE 2

Algumas oposições semânticas podem ser apreendidas nestes textos:



Os personagens encontram-se visivelmente embriagados, principalmente Hagar. Características de uma pessoa ébria facilmente são identificadas pelas imagens que ancoram as evidências dos enunciados.

Temas e figuras identificados:

<u>Tema</u>	<u>Figura</u>
Embriaguez	As evidências ancoradas pelas imagens (bater com violência no balcão, estágios de humor oscilantes, exclamações pouco lúcidas)

Capitalismo	Fama, fortuna
--------------------	----------------------

Com relação às projeções da enunciação instauradas nos discursos-enunciados, foi possível identificar nos textos das charges e no texto/blog a evidência das disposições do tempo, do espaço e da pessoa por meio de debreagem *“permite estabelecer, e assim, objetivar, o universo do “ele” (para a pessoa), o universo do “lá” (para o espaço) e o universo do então (para o tempo)”* (BERTRAND, 2003, p. 90); ora marcada como enunciva (uso da terceira pessoa do discurso), aparentando um distanciamento criando efeito de ilusão, de objetividade, ora como enunciativa (presença da primeira pessoa). Tais marcas podem ser encontradas tranquilamente nos textos dispostos nas três propostas sugeridas como temas do vestibular.

5.1 A SINTAXE DISCURSIVA

Na sequência da, “Relação entre os textos”, este próximo capítulo traz as três temáticas que o vestibulando teve como opção para a produção da dissertação daquele ano. Assim, propomos a análise semiótica dos textos que os candidatos tiveram como base, isso para demonstrar de que forma as ferramentas da semiótica francesa podem auxiliar na compreensão da leitura na escola, através da demonstração dos elementos semióticos, conforme veremos nas próximas páginas, nos discursos para o aluno na escola.

TEMA 1



(Disponível em: <<http://tiras-hagar.blogspot.com/>. Acesso em 19 set. 2006)



(Disponível em: <<http://tiras-hagar.blogspot.com/> Acesso em 19 set. 2006)

“Nem todos se preocupam com a questão de saber se a vida tem sentido. Alguns - e esses não são os mais infelizes - têm a mente de uma criança, que ainda não questionou tais coisas; outros, tendo desaprendido a questão, já não as questionam. Entre ambos estamos nós próprios, aqueles que procuram. Não conseguimos projetar-nos de novo no nível do inocente, para quem a vida ainda não olhou com os seus olhos escuros e misteriosos, e não nos interessa juntarmo-nos aos saturados e fatigados que já não acreditam em qualquer sentido na existência por não terem conseguido encontrar qualquer sentido na sua própria vida”.

Fonte: <http://silencio.weblog.com.pt/arquivo/010359.html>. Acesso em 19 de setembro de 2006.

Com base nas charges e no excerto acima, elabore um texto dissertativoargumentativo, defendendo seu ponto de vista sobre o Sentido da Vida.

TEMA 2

“Seu nome será apagado dos livros escolares. Ele agora é apenas mais um na multidão de pequenos astros de segunda classe do Sistema Solar. Quase que por unanimidade e numa reviravolta inesperada, os astrônomos baniram Plutão da lista de planetas. Desde ontem, por decisão da União Mundial dos Astrônomos (UIA), o Sistema Solar tem apenas oito planetas: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. Escuro, gelado e menor até do que a Lua, Plutão foi rebaixado. Como prêmio de consolação, o ex-planeta tornou-se o primeiro – mas sequer o maior – da nova classe dos planetas anões. [...]

Descoberto em 1930 pelo americano Clyde Tombaugh, Plutão sempre foi um estranho dentre os planetas. Longe demais, muito pequeno, ele não é bem observado mesmo pelos mais potentes telescópios terrestres. A decisão de ontem, tomada durante a reunião da UIA, na República Tcheca, pode causar surpresa ao público, mas reflete uma discussão de anos entre os especialistas”.

Fonte: Adaptado de AZEVEDO, Ana Lucia e JANSEN, Roberta. Uma revolução no céu. In: **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 de agosto de 2006, p. 32.

Com base nas informações do jornal O Globo, elabore um texto dissertativoargumentativo, discutindo o avanço da ciência e as implicações das novas descobertas não só para a comunidade científica, mas para a sociedade como um todo.

TEMA 3

“Engana-se quem pensa que a má gestão dos recursos públicos – que resulta no desperdício ou no desvio de um terço da arrecadação nacional de tributos, como mostra o estudo do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT) – seja fenômeno recente no Brasil. Para o jornalista e escritor gaúcho, Eduardo Bueno, autor de uma série de livros sobre a história brasileira, a corrupção e o desperdício do dinheiro do povo começaram assim que surgiu o setor público no país: em 29 de março de 1549, com o desembarque do primeiro governador-geral nomeado em Portugal, Tomé de Souza - o que, aliás, chegou à colônia como um remediado da classe média e voltou à metrópole na condição de milionário. [...]

Já o Provedor-mor (ministro da Fazenda), Antônio Cardoso de Barros, era o responsável por administrar a verba que seria empregada na construção da futura capital, Salvador. Mas achou por bem destinar parte do dinheiro da coroa para construir seis engenhos privados de açúcar na Bahia. Salvador ficou pronta, mas a um custo quatro vezes superior ao previsto. ‘O Brasil tem repetido erros de forma intolerável simplesmente porque um povo que não conhece a sua história está condenado a repeti-la’, diz Bueno.”

Fonte: Adaptado de JASPER, Fernando. Dinheiro no desvio. In: **Gazeta do Povo**, Curitiba, 04 de setembro de 2006, p. 16.

Com base nas informações do jornal Gazeta do Povo, elabore um texto dissertativoargumentativo cujo foco seja a conclusão do historiador Eduardo Bueno: “O Brasil tem repetido erros de forma intolerável simplesmente porque um povo que não conhece a sua história está condenado a repeti-la”.

Debreagem/ Ancoragem (tema 1)

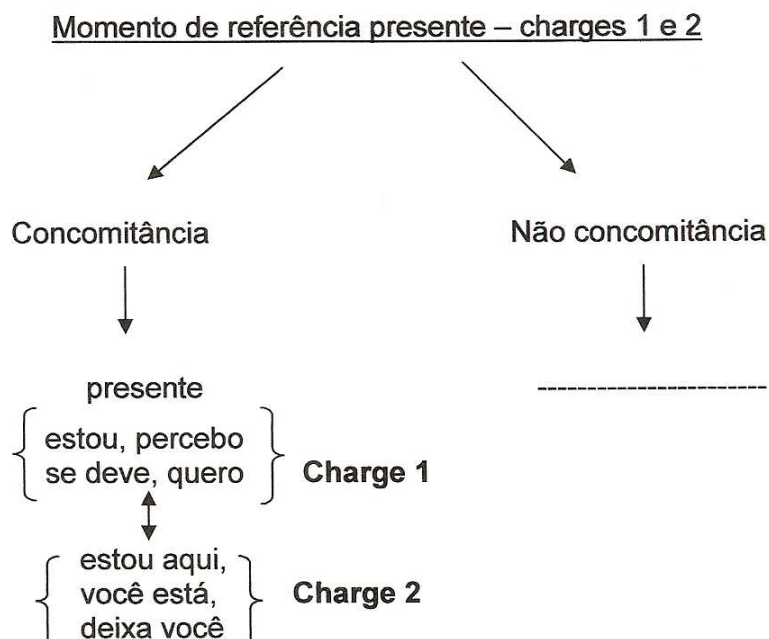
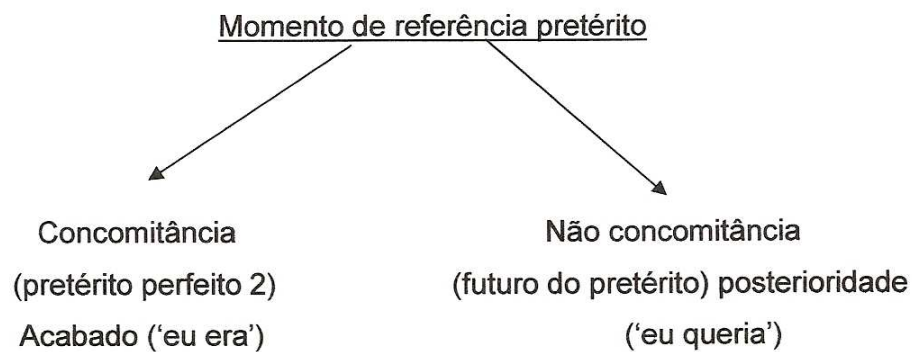
As dissertações coletadas para esta pesquisa somam um total de 501 textos. No entanto foram escolhidas 231 redações para concretizar a pesquisa, porque o *corpus* se limitou a examinar as redações dos candidatos que optaram pelo Tema 1 da proposta, refletindo sobre “o *Sentido da Vida*” (conf. p.30), dando o seu ponto de vista acerca da questão. As outras duas temáticas ocuparam 100 dos vestibulandos com o Tema 2 o candidato deveria propor uma discussão sobre uma novidade da astronomia publicada no jornal O Globo. E, o Tema 3, foi abordado por 168 dos 501 candidatos (o tema propôs a composição de um texto dissertativoargumentativo tendo como base uma adaptação do Jornal Gazeta do Povo de Curitiba enfocando sobre a polêmica: “*O Brasil tem repetido erros de forma intolerável simplesmente porque um povo que não conhece a sua história está condenado a repeti-la*”). Apenas dois do total de textos não marcaram a opção de escolha para o texto redigido, tais textos não fogem totalmente do tema proposto, mas são textos um

pouco confusos que se prejudicaram por não se adequarem a nenhuma das três propostas. Então, são disseminadas as escolhas do Tema 1 - 231 redações; Tema 2 – 100 redações e Tema 3 correspondente a 168 dissertações.

Charge 1 – As categorias de pessoa/tempo/espaço da enunciação são associadas a dois personagens: Hagar (principal) e Eddie Sortudo (secundário). Caracterizaremos o principal como S_1 e o secundário como S_2 . Seguiremos o esquema abaixo para melhor distribuição dos papéis semióticos que cada um representa na enunciação:

eu/pessoa S_1	aqui/tempo instante da enunciação	agora/espço bar/taberna
---------------------------	---------------------------------------------	-----------------------------------

Esquema da Debreagem Temporal



O momento de referência presente da charge 2 se enquadra apenas em um instante; não-concomitância com relação ao presente.

Charge 2 – nessa charge percebemos que prossegue a repetição da distribuição acima descrita, já que podemos considerar que nas charges, e também no texto/blog, há a sequência da enunciação, uma sequência proposital para nutrir coerentemente o arranjo e junção dos três textos que compõem o tema proposto. Portanto, concluímos que a enunciação das charges é conduzida pela debreagem enunciativa, em que prevalece a marca do eu projetado pelo narrador.

Debreagem/ Ancoragem – (tema 1 texto/blog)

Neste caso a debreagem é enunciativa, visto que o enunciador opta pelo discurso em 3ª pessoa em que (pessoa/tempo/espço) caracterizam-se da seguinte forma:

Enunciva ele/pessoa (eles) nem todos, alguns, outros	tempo não agora,então	espço em algum lugar
Enunciativa eu/pessoa nós, nos	aqui/tempo instante da enunciação	agora/espço weblog

Debreagem/ Ancoragem – Tema 2 (texto/blog)

O narrador (quem relata os fatos) constrói o texto sob a presença da debreagem enunciativa (3ªp.) o objetivo da escolha recai sobre a intencionalidade de a enunciação criar um efeito ilusório de objetividade. Algumas marcas dispostas no discurso constataam os efeitos da opção enunciativa: “Seu nome (dele) será apagado” “ Ele agora é apenas mais um...” , “...Plutão (ele) foi rebaixado” , “Plutão (ele) sempre foi um estranho...”. Além da debreagem acima apresentada, um outro elemento semiótico, a ancoragem, auxilia e reforça a veracidade presente na enunciação. A Ancoragem é um recurso disponível para garantir a credibilidade daquilo que está sendo relatado concomitantemente à enunciação, pois o

enunciador necessita se fazer persuasivo ao seu enunciatário. Para tanto, certas informações, fatos e acontecimentos presentes no texto ajudam a garantir o crédito da notícia, do relato, do artigo, da propaganda, do anúncio e assim sucessivamente. No caso presente, destacamos trechos que ancoram, ou seja, sustentam o caráter veridictório: a notícia foi publicada em um jornal (economicamente de destaque no país) impresso com tiragem também eletrônica. Tais como: *“Descoberto em 1930 pelo americano Clyde Tombaugh...”*, *“... reunião da União Mundial dos Astrônomos (UIA), na República Tcheca...”* aqui visualizamos a debreagem em seus três aspectos relevantes, portanto nos deparamos com as marcas da debreagem enunciativa que tratam dos aspectos **Temporal=Descoberto em 1930, Espacial=República Tcheca e Actancial=americano Clyde Tombaugh**. Esquemmatizando-se a representação da debreagem enunciativa fundada no tempo e no espaço da instância enunciativa do tema 2, teríamos o seguinte:

ele/pessoa (ele) Plutão	tempo ontem (instância enunciativa)	Espaço/lá República Tcheca
-----------------------------------	-----------------------------------------------	--------------------------------------

Debreagem/ Ancoragem –Tema 3

No tema 3 encontramos nos cinco períodos que compõem o parágrafo único do texto evidências mais precisas que atestam a criação de ilusão, o que é reforçado pelos elementos linguísticos que seguem: *“...como mostra o estudo do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT) ...”*, *“Para o jornalista e escritor gaúcho, Eduardo Bueno, autor de uma série de livros sobre a história brasileira...”*, *“...em 29 de março de 1549...primeiro governador-geral nomeado em Portugal, Tomé de Souza...”*, *“Já o Provedor-mor (ministro da fazenda), Antonio Carlos de Barros...”*, *“...futura capital, Salvador.”*

Por fim encerramos a debreagem dos três temas apresentados – pela voz da instituição (COPS) – a qual prevaleceu com o uso da debreagem enunciativa dos textos de apoio, porque é uma escolha do enunciador que leva ao distanciamento do texto verbal, seja ela notícia, charge, tira, artigo, documentário e outros mais, causando um impacto de imparcialidade, de distanciamento do texto para o seu enunciatário, ainda que saibamos que essa é apenas mais uma estratégia discursiva

proposital, utilizada especialmente pelos mídias ou qualquer outro enunciador pretendo a um fazer persuasivo com determinada sutileza. Assim, representa-se a disposição dos mecanismos que se projetam no enunciado:

ele/pessoa	tempo	espaço/lá
(ele) Eduardo Bueno	ontem (instância enunciativa) 29/03/1549	Brasil (em algum lugar)

A embreagem, um dos instrumentais semióticos fundamentais da sintaxe discursiva, é marcada no discurso, no momento subsequente à debreagem e desempenha sua função da seguinte forma, segundo Bertand, (2003, p. 95) “*o sujeito enunciator pode retornar à enunciação e realizar a segunda operação, a embreagem, que insta o discurso em primeira pessoa*”.

Nos temas 1 e 2 podemos considerar que existe embreagem se partirmos do pressuposto que ambos são textos adaptados, ou seja, reescritos, o primeiro pela ‘Gazeta do Povo’ de Curitiba e outro pelo ‘O Globo’ do Rio de Janeiro. Entendendo que foi a instituição (COPS) quem escolheu o enunciado, o sujeito do enunciado coloca-se como um simples locutor distanciado da enunciação.

As relações entre Enunciador e Enunciatório

Para representar a relação enunciador/enunciatório dos temas 1,2 e 3 do vestibular da UEL de 2006 realizamos uma abordagem da sintaxe discursiva com base na semiótica de linha francesa. Levantamos alguns pontos relevantes desta relação a serem discutidos nos parágrafos que seguem, como ilustração, ironia, eufemismo, hipérbole, delegação de voz e argumentação.

Com a finalidade de literalmente ilustrar, o narrador enuncia o discurso apresentando exemplos, situações e fatos de seu conhecimento, tornando o texto argumentativo comprovado através dos exemplos, explicações e demonstrações ilustrativas. Isso acontece para facilitar o seu relacionamento com o enunciatório, baseando-se no fazer persuasivo que pede um fazer interpretativo. Esse mecanismo discursivo, *a ilustração*, pode ser apreendido nas leituras dos temas 1, 2 e 3 do *corpus* de análise.

A partir do contexto do texto/blog que compõe o tema primeiro da proposta, o narrador apresenta e afirma serem três as categorias possíveis de pessoas, segundo seus posicionamentos e escolhas que todo ser humano deve fazer ao longo da vida. Acreditada pelo enunciador, a classificação abrange as pessoas identificadas, ilustrando-as como sendo: alguns/outros/entre ambos. O enunciador descreve cada personalidade associada às categorias criadas por ele, tentando, assim, fazer-se convincente de seu ponto de vista; do mesmo modo, inclui o enunciatário como alguém que pertença ao grupo daqueles que se encontram em melhor posição, ou seja, aqueles que sabem fazer as melhores escolhas, que são equilibrados, e, por fim, mais inteligentes e mais bem sucedidos por ocuparem um lugar privilegiado. Subentende-se isso pelos dados que a enunciação dispõe e, tal como se apresentam aos enunciatários, são leituras possíveis e cabíveis ao enunciado em questão.

No tema 2 com uma afirmação: “*Seu nome será apagado dos livros escolares*”, bem geral sobre o ex-planeta – Plutão, o enunciado dá conta de comprovar a afirmativa, quando explica e descreve a maneira exata (o texto faz isso o tempo todo) e de aparente verdade que levou os especialistas em astronomia a tomarem tal decisão.

Apresentada no tema 3, a afirmação de que o povo brasileiro está equivocado com as questões que levam a crer que a corrupção no país é algo novo, o narrador direciona com exemplos sustentáveis – as pesquisas de um jornalista e escritor – e, com base na própria história do país, ele faz-se persuasivo, pois seu suporte argumentativo está bem alicerçado – quando afirma que a economia brasileira sofre desde a implantação do setor público, ainda no Brasil colônia. As figuras de pensamento também são alguns dos recursos que contribuem para que a persuasão seja eficaz.

Assim como as figuras de pensamento são consideradas procedimentos argumentativos pela semiótica francesa, “*a ironia é o procedimento que leva a afirmação do enunciado, contudo negado na enunciação*”. (FIORIN, 2006, p.79).

No tema 1 a fala de S₁ na primeira charge no segundo quadrinho “*Agora que estou mais maduro, eu percebo que se deve abrir mão.*” traz a marca de entrada da *ironia na enunciação*, pois a ideia de maturidade, sinônimo de prudência, comedimento e ponderação no agir e no falar, antecipa ao enunciatário que S₁ fará uma escolha lúcida, já que se trata de um homem experiente, maduro. Porém, não é

o que revela a sequência do quadrinho seguinte: *“Agora eu só quero fortuna!”*. Com o encerramento da fala da charge 1, o enunciatário acata o pensamento de que há ironia na fala que antecede, já que o discurso deveria ser lido como X, mas as expectativas do enunciatário se ‘frustram’ com a forma com que o discurso se apresenta e é como é entendido, ou seja, como não X.

Na charge 2 encontramos *“Você está aqui porque o dono do bar deixa você pendurar a conta até o fim do mês”*, em resposta a outras indagações de S₁. Assim como no caso acima relatado, a mesma figura de pensamento está presente, constituindo o humor – característico das charges. O fazer interpretativo natural seria a anedota, o humor, a piada, o lúdico, mas sabemos que nenhum texto é puramente inocente e vazio de significação, cabendo aqui, em ambos os casos, a perfeita (segunda) leitura do discurso, que enuncia, com tom irônico, sutil e até mesmo ingênuo as condições financeiras de S₁.

O tema 2, intitulado *“Uma revolução no céu”* seguido da leitura atenta da matéria jornalística evidenciamos o tom irônico da notícia já em primeira instância – essa percepção será mais clara à medida que formos avançando na análise. Quando o narrador expressa: *“prêmio de consolação”* captamos que houve intencionalidade, pois sabemos por intermédio do mesmo enunciado que o ‘*ex-planeta*’ por muitos anos ficou sob o título de planeta, embora sem merecimento, pois era *“escuro”, “gelado”, “muito pequeno”*, entre outros predicativos que depreciam e atingem negativamente (o jornal) a imagem do planeta. E, como consolo pelos anos de título, Plutão, é rebaixado, por isso passa a pertencer a uma outra categoria de planetas; ocupa agora a primeira posição, mas *“sequer o maior”* da nova classe dos *“planetas ano”*. Evidenciamos vários momentos, por escolha do narrador, em que a ironia mostra-se eficiente em sua função. Nas afirmações da temática 3: *“Mas achou por bem destinar parte do dinheiro da coroa...”* e *“Salvador ficou pronta”*. Dentro do enunciado, as expressões ‘*achou por bem*’ e ‘*ficou pronta*’ caracterizam ironia no tema presente.

No âmbito das oposições categóricas ainda pudemos encontrar mais dois mecanismos frequentemente presentes nos diversos textos, o *eufemismo* e a *hipérbole*. No texto/blog (tema1) as figuras *“nem todos”, “alguns”, “outros”, “entre ambos”*, são formas menos comprometedoras (eufemismos) para se referir às pessoas, ao ser humano, à humanidade. Outras figuras também são usadas para dizerem menos do que realmente são no texto, como, por exemplo, *“mente de uma*

criança”, *“desaprendido a questão*”, *“nível do inocente, saturado e fatigado*” para dizer sobre as pessoas que não se interessam por nada, aqueles que perderam o interesse pela vida, por viver, ou seja, pelos projetos, pelos sonhos. Subentende-se que não se preocupam com as questões familiares, políticas e sociais, assim são os hipócritas, preguiçosos, alienados, ao contrário dos inteligentes. Para evitar que o enunciatário se choque com um vocabulário mais brusco, mais ofensivo, a opção do enunciador é mais suave, por isso utiliza eufemismos como estratégia. Desse modo, sem chocar, faz-se compreendido pelos pressupostos e subentendidos, marcados fortemente por esse procedimento.

O enunciador do tema 2 utiliza boa quantidade de predicativos que parecem compor uma sinfonia para tentar amenizar a divulgação de que Plutão, a partir daquele momento, não será mais considerado planeta pela astronomia. A sequência predicativa *“apagado*”, *“mais um na multidão de pequenos astros*”, *“Desde ontem o Sistema solar tem apenas oito planetas*”, *“baniram*”, *“rebaixado*”, *“ex-planeta*” revelam certo pesar do enunciador, respaldado pela ironia.

As figuras destacadas são *eufemismos*, ou seja, expressões que produzem efeitos de sentido que suavizam estas expressões: *“Má gestão dos recursos públicos*”, *“desperdício*”, *“desvio*”, *“corrupção*”, *“desperdício do dinheiro do povo*”, *“parte do dinheiro da coroa para construir sei engenhos privados*”, *“custo quatro vezes superior ao previsto*”. As figuras acima retiradas do texto, por meio do eufemismo, produzem um efeito de sentido que suaviza o que a cultura popular traduziria de maneira mais grosseira.

E, é, através da *hipérbole* que notamos no tema 2 o aspecto exacerbado de comunicação dos fatos e acontecimentos. Há esta marca apenas nos temas 1 e 2, em que surgem expressões que extrapolam um pouco e, com uma dose de exagero estratégico, veiculam as notícias jornalísticas em análise. Vejamos, então, no tema 2 a identificação do aspecto hiperbólico em dois momentos *“Seu nome será apagado dos livros escolares*” e *“multidão de pequenos astros de segunda classe*” . No primeiro caso, é evidente que os enunciatários conseguem projetar em sua leitura que o enunciador utilizou tal estilo para transmitir a informação de que Plutão não aparecerá na literatura didática ou específica com o título de planeta, pois utilizou-se dessa estratégia discursiva para comunicar o fato. Porém, bem acoplada a essa opção de escrita do enunciador, é possível ainda compreendermos uma opção categórica desse estilo que torna o enunciado exagerado, pois o fato enunciado

leva-nos à leitura de que todos os livros que anunciaram outrora Platão ser um planeta deverão apagar literalmente o que estava impresso. Na prática, isso não aconteceria, tomando-se a dimensão de livros e outros impressos que trazem essa informação.

Assim o enunciado leva consigo uma ambiguidade, ou seja, pode ser compreendido de duas maneiras: a primeira, que faz-se crer que o ex-planeta nunca mais aparecerá nos livros; e uma segunda, que mostra que Plutão será, no sentido literal da palavra, apagado em todos os livros que declararam isso no passado, seja ele próximo ou mais distante.

Já no segundo caso encontramos o coletivo “multidão”, que caracteriza um grupo em grande número ou quantidade. A opinião expressa no enunciado transmite algo exagerado, a existência de inúmeros desses pequenos astros, mas com a ressalva de que “pequeno” também pode ser uma descrição exagerada, pois a extensão de um planeta é relativa. Se assim não fosse, Plutão não teria permanecido em seu posto por algum tempo, ou melhor, não teria feito parte da tão privilegiada classe dos maiores do Sistema Solar.

Neste outro momento do tema 3 notamos alguns instantes em que o enunciador dá ao enunciado proporções maiores do que têm ou deveriam ter seus objetos.

Em *“Salvador ficou pronta, mas a um custo quatro vezes superior ao previsto”* esta pode ser perfeitamente uma afirmativa verdadeira, mas convenhamos que o enunciado apresenta a hipótese exageradamente para garantir maior credibilidade da matéria, já que não é difícil que o enunciatário apóie a ideia do enunciador, uma vez que a imagem do político brasileiro se estereotipou sendo a daquele que “também pode errar”.

Considera-se, a partir de Greimas (s.d., p.14), que os *actantes* fazem parte da discursivização. Do ponto de vista discursivo, ator e sujeito da enunciação se diferenciam, porque o segundo equivale ao actante implícito e pressuposto no enunciado, enquanto que o primeiro se define pela responsabilidade e totalidade, ou seja, é o sujeito que assume o enunciado do texto ou da obra.

A disposição dos actantes do discurso é revelada nos três temas, sob as formas assumidas pelo sujeito da enunciação. Assim, no tema 1 e na primeira charge, compreende-se que é estabelecida uma narrativa do nível discursivo. A estrutura, inclusive, a construção do próprio discurso reforça a manifestação

narrativa de forma bastante direta, objetiva, lembrando as tradicionais histórias infantis as quais, frequentemente, iniciam-se por ‘Era uma vez...’. Neste caso, faz-nos lembrar este início a entrada da charge quando enuncia ‘Quando eu era jovem...’. As duas formas se aproximam pelo fato de terem ligação com o passado. O texto da historieta faz intertextualidade com as histórias que optam por ‘Era uma vez’, pois, na leitura, vem à tona esse modelo estereotipado de contos infanto-juvenis.

Moritz Schlick é ator-narrador do texto/blog, pois é o sujeito que assume a palavra no discurso, visto que o texto vem com a identificação de sua autoria – a marca evidente de que este é o ator-narrador. Nos temas 2 e 3, como o texto não indica aquele que assume a palavra no discurso, sabemos que supostamente quem se posiciona é o autor e criador dos personagens e criador das conhecidas charges de Hagar.

No que se refere às vozes presentes na primeira “charge” representam dois “eus”, um figurativizado pelo tempo actancial passado (pretérito perfeito 2 – “eu era”), o outro figurativizado pelo presente (estou, percebo, se deve, quero). Na ‘charge’ 2, S₂ se apropria da voz de S₁ para tentar solucionar as indagações de S₁. O tempo actancial é presente (estou aqui, você está e deixa você) instaurando um poder/fazer.

As oposições de base são duas: a primeira opõe os tempos actanciais passado vs presente; a outra envolve o sujeito em dois momentos opostos, também a juventude e a atualidade (mais experiente), portanto jovem vs maduro. Nos verbos em destaque (queria e percebo) concentra-se a dualidade entre um poder/fazer e um dever/fazer, este por conta da maturidade, da idade mais avançada.

(eu) passado / jovem	-----	<u>queria</u> fama e fortuna
↓		
(eu) presente / maduro	-----	<u>percebo</u> que se deve abrir mão; da fama (apenas)

Na segunda historieta S₂ se apropria da voz de S₁ na tentativa de solucionar as indagações do companheiro, instaurando um poder/fazer.

Há três vozes delegadas no texto/blog. A primeira, que revela o pensamento de ‘alguns’; a segunda de ‘outros’ e uma terceira ‘entre ambos’. Com isso o enunciador propicia ao enunciatário uma direção das escolhas, que poderá ser concernente ao sentido da vida, porém manipula-o a se posicionar “*entre ambos*” (grupo a que ele – enunciador – pertence).

Nos temas 2 e 3 as vozes aparecem assim: no tema 2, os sujeitos delegados aparecem na União Mundial de Astrônomos (UIA), pois foram eles que baniram Plutão (dever/fazer) e a voz institucional (que mudou o texto jornalístico) e a voz do editor do jornal; no tema 3 a voz institucional adaptou o texto jornalístico, o que é comprovado no texto com a nota final do texto, que diz: “com base nas informações do jornal O Globo”. A voz é do jornalista e escritor Eduardo Bueno.

Finalizando. A *argumentação*, que segundo Barros (1988, p.95), “*o fazer persuasivo do enunciador é diferente segundo o jogo de imagens que constrói de si mesmo e do enunciatário - que o leva à sedução, à tentação, à provocação ou à intimidação*”. A *argumentação* é envolvente, se concebemos que em todo texto ela está presente de maneira mais ou menos visível. Podemos examinar essa ocorrência no texto/blog, em que há a presença de alto nível argumentativo na enunciação, pois o enunciador utiliza uma estratégia sutil de intimidação quando descreve as características atribuídas às pessoas, segundo sua importância ao sentido da vida. Assim, o enunciado é marcado pelo mecanismo como segue: “*Nem todos se preocupam com a questão de saber se a vida tem sentido. Alguns - e esses não são os mais infelizes - têm a mente de uma criança, que ainda não questionou tais coisas; outros, tendo desaprendido a questão, já não as questionam [...]*”. O texto se revela sedutor quando o enunciador propõe uma parceria com o enunciatário e diz “*entre ambos estamos nós próprios, aqueles que procuram. Não conseguimos projetar-nos de novo no nível do inocente, para quem a vida ainda não olhou com os seus olhos escuros e misteriosos, [...]*”.

5.2 SEMÂNTICA DISCURSIVA

Nesta etapa do trabalho reservamos um espaço para discutir *tematização*, *figurativização*, *configurações discursivas*, *metáfora* e *antítese*, além de cada uma destas ser bastante frequentes nos discursos dos vários gêneros, são pontos pertinentes na semântica discursiva.

Há, no tema 1, a recorrência de traços semânticos da fase adulta *‘era jovem’* e *‘mais maduro’* – da charge 1. As figuras são poucas, mas elas amparam uma outra leitura possível do enunciado, ou seja, o enunciatário pode propor uma outra significação que ultrapassa o nível das figuras; a leitura pode apontar para o sujeito que vive em sociedade e seus interesses, visto que, segundo as pistas do enunciado, nem mesmo a maturidade separa o homem do capitalismo, do materialismo, da ambição, da ganância de ser um homem de posses, portanto, de fortuna.

O procedimento de contraposição (charge 2 – tema 2) de duas leituras também é possível. Neste caso, em S_1 , por exemplo, há um percurso que leva a uma leitura possível sobre o questionamento da existência humana (dele mesmo). A expressão através da imagem depressiva reforça/ancora desânimo, cansaço, saturação da própria existência. O segundo percurso recai sobre S_2 e apresenta uma sugestão, ou seja, S_2 tenta responder às indagações de S_1 sugerindo uma resposta, retribuindo com uma outra indagação como forma de opção de resposta às perguntas – determinadas pelo enunciador, é o que o semioticista considera tematização.

A *figurativização* “... é o procedimento semântico pelo qual conteúdos mais ‘concretos’ (que remetem ao mundo natural) recobrem os percursos temáticos abstratos” (Barros, 1990, p. 87). A *figurativização* faz parte das estruturas mais superficiais do plano de conteúdo, mas é importante lembrar que é um procedimento em perfeita sintonia com as demais estruturas do percurso. Conforme aponta Greimas (s.d., p. 327-328), o *percurso gerativo* “*implica não somente uma disposição linear e ordenada dos elementos entre os quais se efetua, mas também uma progressão de um ponto a outro, graças a instâncias intermediárias*”. As figuras ajudam, portanto, a estabelecer o sentido do texto.

No Tema 1 encontramos o texto/blog recoberto pelo percurso figurativo do racional/psicológico: *‘se preocupam’, ‘questionou’, ‘mente’, ‘desaprendido’, ‘questionam’, ‘inocente’, ‘criança’, ‘saturados’, ‘fatigados’, ‘acreditam’*. No Tema 2 o percurso figurativo da astronomia: *‘pequenos astros’, ‘Sistema Solar’, ‘astrônomos’, ‘Plutão, planetas, União Mundial dos Astrônomos (UIA), ‘oito planetas’, ‘Mercúrio’, ‘Vênus’, ‘Terra’, ‘Marte’, ‘Júpiter’, ‘Saturno’, ‘Urano’, ‘Netuno’, ‘Lua’, ‘ex-planeta’, ‘planetas anões’, ‘telescópios’*. Percurso figurativo da inferioridade: *‘apagado’, ‘apenas mais um’, ‘pequenos astros’, ‘segunda classe’, ‘baniram’, ‘apenas’, ‘escuro’,*

'gelado', 'menor', 'rebaixado', 'ex-planeta', 'prêmio de consolação', 'planetas anões', 'estranho', 'longe demais', 'muito pequeno', não é bem observado'.

No tema 3 podemos destacar três tipos de *percursos figurativos* diferentes; Percurso figurativo do setor público: 'má gestão', 'recurso público', 'desperdício', 'desvio', 'arrecadação nacional de tributos', 'Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT)', 'corrupção', 'dinheiro do povo', 'setor público', 'governador', 'nomeado', 'Tomé de Souza', 'colônia', 'Provedor-mor', 'ministro da fazenda', 'Antonio Carlos de Barros', 'administrar', 'verba', 'constituição', 'destinar', 'dinheiro', 'coroa', 'construir', 'custo'. Percurso figurativo colonial: 'colônia', 'Provedor-mor', 'coroa', '1549', 'desembarque', 'Portugal', 'engenho de açúcar'. Percurso figurativo nacional: 'Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário', 'Brasil', 'gaúcho', 'história brasileira', 'Salvador', 'Bahia'.

As configurações discursivas "são organizações virtuais que englobam vários percursos figurativos e que se realizam por meio deles". (Barros, 1988, p. 85). No Tema 1 a configuração discursiva desses três textos é o sentido da vida. O núcleo sêmico, ou o conjunto das unidades lexicais, comum dessa configuração é tomar decisões. A esse núcleo comum são adicionadas variantes narrativas, temáticas e figurativas. À primeira leitura percebe-se que os três enunciados tratam de maneira distinta essa configuração. Essa diversidade deve-se às variações que se aglutinam ao núcleo invariante. No primeiro texto, o estado de disjunção com a satisfação pessoal tematizado como escolha frustrada, opção de vida, objetivos não alcançados. Esse tema é figurativizado com 'fama e fortuna', 'era jovem', 'mais maduro', 'só quero fortuna', 'mais maduro', 'só quero fortuna'. Em oposição à juventude, a maturidade é o tempo da desilusão, frustração, do dissabor, da infelicidade 'Agora eu só quero fortuna!' S₁ continua a desejar o que sonha desde a juventude.

O sentido da vida no texto/blog é recoberto pelo percurso narrativo conjunto com o querer, tematizado como classificação das pessoas que desejam o conhecimento: alguns – imaturos figurativizado pelas figuras "mente de uma criança", "inocente"; e outros – cansados pelas figuras "não as questionam", "desaprendido a questão", "saturados", "fatigados"; e, por fim, nós (os que buscam) – implicitamente são os sabidos, espertos.

Já as *metáforas*, para Greimas (s.d., p. 275), são procedimentos de substituição semântica. O grande interesse delas, para a semiótica, decorre do fato

de serem conectores de *isotopias*, nome dado à “repetição de tema ou recorrência de figuras”, conforme nos lembra Barros (1990, p. 87).

Partimos do princípio de que o tema 1 apresenta três textos individuais e independentes, porém dispostos numa sequência que possibilita o encadeamento (coerente) da junção dos textos, dando, assim, a ideia de um único texto. Notamos que as duas charges unidas compõem, considerando a sequência, uma espécie de introdução (charges). Em seguida, o texto/blog desenvolve a explicação dessa introdução, concluindo a ideia central “*o sentido da vida*”. Isso somente é possível graças à montagem dos recortes dos textos feita pela voz institucional.

Há a possibilidade perfeitamente cabível de se ligar a união dos textos à ancoragem das imagens, em uma lógica de percepção que direciona o enunciatário à identificação visível do processamento discursivo e sua constituição de sentido, por um viés denominado *metáfora*. A metáfora é quase palpável, na medida em que encontramos nas charges a apresentação e representação dos personagens transfiguradas em desenhos que auxiliam a confirmação de que ambos encenam um estado de embriaguez.

Na charge 1, pode-se notar na imagem que as canecas dos personagens estão sobre um balcão e estão vazias. No primeiro quadrinho S_1 mostra-se furioso, bate com a mão fechada (maneira que utilizamos para garantir a proteção dos dedos sob impacto) e com violência no balcão. E o enunciado, através da enunciação do mesmo quadrinho, confirma a frustração por meio do ponto de exclamação e dos verbos “era” (pretérito imperfeito), “queria” (futuro do pretérito), e verbos que apontam para uma debreagem enunciativa (estou, percebo, se deve e quero).

A partir do segundo quadrinho, o personagem se coloca num tempo presente, voltando para o mundo “real”, em um momento em que pára para refletir e demonstra lucidez, substituindo-se ao sujeito alcoolizado.

No terceiro quadrinho, S_1 levanta o braço esquerdo apontando o dedo indicador. Se somarmos esse gesto à expressão violenta do primeiro quadro e à caneca vazia, além do discurso pouco humilde de S_1 , podemos afirmar que este personagem está embriagado. É interessante observar a expressão de espanto de S_2 ao ouvir o discurso de S_1 . O amigo fica perplexo (no último quadrinho) com a maturidade e a esperteza de Hagar.

A sequência dos quadrinhos expressa, por meio da imagem e das expressões fisionômicas do personagem instantes oscilantes de agressividade, de reflexão e de

desequilíbrio. Os quadrinhos registram as características de uma pessoa alcoolizada. O visual, as imagens têm a vantagem, de desempenhar o papel de referente com maior impacto, mais fortemente, pois ancoram a crença, a ilusão, simulando a veracidade dos fatos mais marcadamente como uma “cópia do real”. Tais escolhas fortalecem o fazer persuasivo do enunciador, o qual tem a intencionalidade de ir ao encontro do fazer interpretativo do enunciatário. Isso ocorre pelo do contrato estabelecido entre ambos, ou seja, aquele impõe como este interpretará a sua verdade, portanto procura representar como se comporta um embriagado, retratando-o o mais próximo do real, a fim de que o enunciatário, acreditando na “verdade” do enunciador, aceite o enunciado como sendo real.

O efeito de sentido que se depreende da enunciação, portanto, é o de que o sujeito embriagado apresenta um estado emocional desequilibrado e oscilante, provando que a embriaguez desestabiliza o metabolismo humano, impossibilitando-o de fazer escolhas, de opinar. Neste ponto é importante levar em conta que o comando propõe que o candidato faça uma escolha, apresente um posicionamento “defendendo seu ponto de vista sobre o *Sentido da Vida*”.

Nesta segunda charge, a princípio, podemos notar nas imagens que a caneca de Hagar aparece bem cheia, transbordando (o balcão está molhado). Nota-se ainda que nos três quadrinhos o mesmo personagem faz um único movimento diferente, ou seja, no primeiro quadro Hagar faz dois questionamentos (quase sem se mover, abre apenas a boca); assim compreendemos que as cenas de S_1 parecem se repetir – a mão presa à caneca demonstra desânimo até para entornar a caneca – expressando um ar deprimido, de embriaguez (pelo pouco movimento). O cenário também é o mesmo. O único movimento e única mudança maior do ambiente estão em S_2 , cuja caneca está vazia – indícios de que ainda não começou a beber - o qual observa S_1 curiosamente, com um olhar atento e sóbrio. Já no segundo quadrinho, S_2 se expressa com desfeita, sem paciência, após o balbuciar do amigo. No terceiro quadrinho revela-se totalmente indiferente às preocupações do amigo; e apontando o dedo indicador a S_1 faz calmamente uma indagação fria e despreocupada: mais um recurso escolhido pelo enunciador para que a charge seja interpretada como verdadeira.

Através da enunciação podemos observar significações que enveredam para uma interpretação talvez antes desconhecida, não observada numa primeira ou única leitura. Ora, uma outra busca de sentido faz-nos perceber que a bebida

alcoólica, somada à imaturidade, à “ingenuidade” de S₂ é mais uma vez caracterizada como elemento que proporciona a instabilidade do homem, assim interrompe o diálogo, a troca, a interação entre as pessoas.

Todo esse encadeamento, essas escolhas de imagens expressivas e enunciados reforçam uma intencionalidade comunicativa de seu enunciador, portanto, ele pretende se fazer persuasivo àquele enunciatário que receber o seu enunciado. Com relação ao discurso, uma outra observação a se fazer é referente às indagações. O enunciado se resume em perguntas, as quais também contribuem para que o *fazer persuasivo* seja aceito como verdade, portanto contribuem para a sua veridicção.

A *metáfora* descrita nas charges vai ao encontro da embriaguez figurada e representada no texto/blog, (dando a ideia de que a bebida alcoólica altera o metabolismo do homem) se choca com o pensamento de que o devaneio, a indiferença em relação ao mundo que cerca os seres, a alienação, insatisfação do texto/blog são produtos de um estado ébrio em sentido conotativo. Já os dois primeiros textos denotam a embriaguez dos sujeitos envolvidos. Se acaso analisarmos os textos separadamente, compreenderemos também que as charges apresentam a sobriedade no sentido primeiro, no texto/blog figurativamente.

Levamos em conta que o termo “*alguns*” (pron. Indef. cujos sinônimos podem ser – um, entre dois ou mais, qualquer um, nenhum) do texto/blog se opõe figurativamente a “*outro*” (pron. indef. correspondentes a – diverso, diferente, mais um, modificado) confirmando então, uma *antítese*. Portanto, “*alguns*” caracterizado em: “*mente de uma criança*”, “*nível do inocente*” se opõe ao grupo dos “*outros*”; os “*saturados*”, “*fatigados*”. Há nesse caso oposição de *percursos figurativos*: o dos que não questionam jamais o sentido da vida por terem um grau de questionamento muito limitado (é importante destacar que a aproximação da mente infantil com o intelecto do adulto é expressão da enunciação para representar que o adulto apontado como sendo “*alguns*” não desenvolve as faculdades mentais conforme alguém de sua idade). E aqueles que algum dia acreditaram, mas por frustrações desconhecidas, deixaram de acreditar e hoje não acreditam mais em qualquer sentido.

No que se refere ao texto e *problemas de expressão* notamos que o personagem S₁ na primeira charge (tema 1), quando na juventude, encontrava-se em *euforia* com o seu objeto de valor: fama e fortuna, pois implicitamente nota-se

que na juventude ele tinha um sentido – *euforizante* – para a sua vida, ou seja, objetivos, propósitos a serem alcançados. Já na maturidade S_1 entra em *disjunção* de seu *objeto-valor*. Ao abrir mão da fama, aquilo que no passado fora euforia para S_1 , no presente, no instante da enunciação, diante da frustração e a não-conquista da fama e da fortuna, torna-se *disforia*. Há uma *oposição semântica* (passado x presente), dando a ideia de uma situação mal resolvida no passado e que seriam refletidas no futuro (agora já presente).

A charge 2, se considerada como sequência da primeira, mostra S_1 em seu estado pleno de *disforia* com seu *objeto-valor*. Quando indaga o porquê de estar aqui (aqui = naquele momento), pressupõe-se que o personagem está sem propósitos, sem diretriz, sem perspectiva, sem saber como agir, o que fazer, para onde ir, etc. Percebemos tais pressupostos pelo enunciado e pela imagem. A cabeça de Hagar nas três cenas está apoiada sobre as mãos, como se precisasse de ajuda para se apoiar, pois as forças já não as têm como na primeira encenação, elas se acabaram. S_1 nesses quadinhos finais aparenta forte tristeza, a frustração dá vazão à tristeza profunda, à depressão.

A *oposição semântica* alguns x outros do texto/blog. O primeiro está em euforia com o objeto de valor; por terem a mente de uma criança (“*ainda não questionou*”, “*ainda não olhou*”) estes estão *euforizantes* com seu *objeto de valor*, pois o advérbio “*ainda*” marca a presença de haver a possibilidade de a situação com o *objeto de valor* “Sentido da vida” ser revertida, pois a mente é de uma criança, o nível é inocente, porém “*ainda*” indica esperança e busca por transformações mostrando que “*alguns*” está *eufórico* com o *objeto de valor*. Enquanto “*outros*” é termo *disforizante* com o objeto de valor porque S_1 se encontra “*saturado*”, “*fatigado*”, “*desprendido a questão*”, “*já não as questionam*”, “*já não acreditam em qualquer sentido*”.

Neste ponto o texto do tema 2 não foi citado porque não conter trecho que necessitassem de comentários mais detalhados.

No tema 3 há a *oposição semântica* antigo x atual (euforia x disforia), sendo a euforia “*desembarque do primeiro governador-geral*”, “*construção da futura capital, Salvador*”, “*Salvador ficou pronta*”. Os enunciados *disfóricos* encontram-se em “*má gestão*”, “*desperdício*”, “*desvio*”, “*corrupção*”, “*desperdício do dinheiro do povo*”, “*remediado da classe média*”, “*dinheiro da coroa pra construir seis engenhos privados*”, “*custo quatro vezes superior*”. O que foi *euforizante* “*antigamente*”, agora

na atualidade (no momento da enunciação) reflete-se em disforia sob os relatos das pesquisas históricas.

Um pequeno relato nos faz entender o *tema de produção* que une as ideologias entre os temas 1 e 2. Neste quadro de análise apresentamos o *produtor* no seu papel de *destinador-manipulador*. Se partirmos do pressuposto de que todos os textos que compõem as três propostas, são recortes de meios de comunicação variados, alguns adaptados, se esses fatos, então, o produtor recai sobre aquele que elaborou a montagem dos recortes, ou seja, a voz institucional (COPS). Os personagens, assim como outros tantos que formam as charges de *Hagar, O terrível*, foram criados por Dik Browne. O texto do blog foi publicado por Moritz Schlick por Pedro Galvão, como determina a nota de rodapé dos textos.

O tema 2 é composto por uma adaptação de um texto publicado no jornal *O Globo*, intitulado ‘Uma revolução no céu’, de autoria de Roberta Jansen e Ana Lúcia de Azevedo. Na temática 3, a partir de uma adaptação de texto de Fernando Jasper, o produtor aborda ‘Dinheiro no desvio’, dando ênfase ao vocábulo dinheiro como se esse fosse, e o é, no texto presente, um personagem central.

Quanto ao *receptor-interpretante* (destinador-julgador), a semiótica o identifica como aquele que “*julga e sanciona o fazer do sujeito da enunciação, com base no contrato passado entre destinador-produtor e sujeito*” (Barros, 1988, p. 141). Esse é o papel representado pelo vestibulando.

Por fim, os três *tipos de contexto* considerados pela semiótica francesa no esclarece algumas questões importantes para a melhor interpretação de textos:

“Chama-se contexto o conjunto do texto que precede e/ou acompanha a unidade sitagmática considerada, do qual depende a significação. O contexto pode ser explícito ou linguístico, ou então implícito e, nesse caso, qualificado de extralinguístico ou situacional”. (GREIMAS, s.d., p. 82).

O *contexto situacional* é caracterizado pela localização do espaço e do tempo pelo *produtor* e pelo *receptor* da enunciação. No tema 1 as charges estão ambas dispostas no tempo 19/09/2006, o espaço também coincide ser <http://tiras-hagar.blogspot.com>. O enunciador do discurso (COPS), em seu *fazer persuasivo*, pensou juntar as duas charges para dar uma ideia de sequência para abrir discussão mais profunda sobre o sentido da vida (fazer interpretativo do enunciatário). As razões que levam à elaboração do texto devem-se à *metáfora* da embriaguez - já

comentada anteriormente - entre charges e texto/blog.

O *contexto situacional* deste último aponta para uma página de blog na internet <http://silencio.weblog.com.pt>. O tempo é datado dia 18/09/2003. O enunciador do discurso ao incorporar esse texto no comando da redação do vestibular certamente imaginou completar a polêmica estabelecida sobre a temática que o candidato deveria esboçar: "O sentido da vida". O texto serviu também para concluir a discussão apresentada, planeta pela União Mundial dos Astrônomos (UIA). Para isso, usa a estratégia sugerindo uma opção para concluir um assunto tão intrigante e extensivo a todos.

O tema 2 tem indicado como tempo o dia 25 do mês de agosto do ano de 2006; o espaço em que veicula o enunciado é o Jornal "O Globo" do Estado do Rio de Janeiro na página 32 do corrente veículo. O enunciador do discurso pensa com a sua apresentação informar que Plutão não é mais considerado linguística de depreciação para informar o acontecimento. Tais razões levam à fabricação do texto ao já (momento da enunciação) ex-planeta; Plutão. A *oposição semântica* deixa subentendido antipatia, aversão, contentamento, alívio pela exclusão do planeta.

Enfim a temática 3 tem como tempo demarcado 04/09/2006 em seu espaço Jornal "Gazeta do Povo" na página 16 de Curitiba, em que o enunciador do discurso informou seus leitores sobre o princípio da corrupção brasileira, suas origens, sua raiz; para isso o enunciador deixa pistas evidentes de estudos que atestam a veracidade dos fatos. As razões que levam à fabricação do texto são: desvelar, através da história, a verdadeira identidade dos dois primeiros políticos que o país já teve. A intencionalidade é chamar a atenção do povo brasileiro para compreender o passado e o presente torpe que cerca a sua história política, assim transferindo a responsabilidade da corrupção, dos desvios para o povo, já que estes elegem e têm o poder de escolher o melhor representante. Por não procurar e conhecer a própria história, ou melhor, do Brasil, o povo se submete a maus governantes.

No que se refere ao *contexto interno* adotamos que "é o que determina os elementos ideológicos e linguísticos que caracterizam o produto e o sujeito da enunciação." (Barros, 1990, p.144). No tema 1 entre as relações mantidas entre as charges destaca-se o humor e no texto/blog podemos destacar o pensamento filosófico enunciado na alienação, na indecisão, na dúvida, na fraqueza, no cansaço, no capitalismo, na ambição, na ganância (a expressão fisionômica das charges também constata estes sinais) e o contexto interno é indicado ainda pelas

expressões linguísticas (fortuna, fama, Qual é o sentido da vida?, Por que estou aqui?). A mente de criança, inocente, cansada, fatigada, “desaprendida a questão” (texto/blog), já não acredita em qualquer sentido na existência.

No Tema 2 as relações são estabelecidas entre mídia e material didático pedagógico, os quais divulgam as informações e mudanças das ciências. A ideologia é divulgar que o planeta deixou sua posição por merecimento: “escuro”, “gelado”, “menor até do que a Lua”, “prêmio de consolação”, “tornou-se o primeiro, mas sequer o maior”, “nova classe dos planetas anões”, “sempre foi um estranho”, “longe demais”, “muito pequeno”, “não é bem observado”.

O Tema 3 mantém as relações entre a história passada e a história presente “provedor-mor”, “Tomé de Souza”, “assim que surgiu o setor público no Brasil”, “29/03/1549”, “chegou à colônia”, “coroa”, “engenhos”, “história”, “desperdício”, “desvio”, “corrupção”, “desperdício do dinheiro do povo”, “metrópole”.

O *contexto externo* que marca a presença do *contexto externo* são os valores com que *enunciador* e *enunciatário* lidam constantemente na sociedade. Assim se pronuncia Barros acerca desse contexto “... responde pelos valores que produtor e receptor manipulam, sejam eles de classe, de grupo, de época, de cultura” (1990, p. 145). Diante desse conceito encontramos no texto 2 alguns elementos que comprovam a exterioridade do contexto, tais como, “Descoberto em 1930 pelo americano Clyde Tombaugh”; no tema 3 “... surgiu o setor público no país: em 29 de março de 1549”, “Para o jornalista e escritor gaúcho, Eduardo Bueno”.

6 Análises dos textos dos vestibulandos

As 231 composições, que revelaram a primeira opção temática como a mais atrativa para os vestibulandos, possibilitaram apenas para ilustração a formação da seguinte divisão dos textos para esta pesquisa:

Grupo 1	Textos que se aproximam da Leitura Semiótica	53
Grupo 2	Textos que não se aproximam da Leitura Semiótica	126
Grupo 3	Textos que mais se aproximaram da Leitura Semiótica	52

Já que a classificação se deu a partir da leitura das 231 dissertações, considerou-se pertinente separar as produções conforme o nível de maior ou menor proximidade daquilo que é proposto pela teoria semiótica no que se refere a sua contribuição para o ensino/aprendizagem de língua portuguesa. Com essa categorização, notamos já num primeiro instante que a maior parte dos candidatos não alcançou satisfatoriamente o que a Leitura Semiótica considera como leitura (cf. pg.7 desta dissertação), assim se conclui que mais uma vez o ensino de língua portuguesa tem algumas carências. Teoricamente é cabível a constatação de que existem dificuldades no ensino/aprendizagem de língua portuguesa e supostamente sempre haverá. No entanto, a função da distribuição – em grupos de redações – é facilitar o exame dos textos; por isso se considerou necessária a separação das produções. Contudo, não significa dizer que as dissertações classificadas no *grupo 2*, as que mais preencheram o grupo, são redações irrelevantes. Prova disso são as explicitações dessas ocorrências, que serão mencionados para a melhor constatação dessa classificação no decorrer deste capítulo.

E o terceiro grupo, o *grupo 3*, com 52 dos textos se encaixaram entre aqueles que mais se aproximaram da leitura semiótica, pois apresentaram um grau de leitura mais atenta, crítica e criativa demonstrados através dos exemplos da explanação do tema. E ainda alcançam uma relação mais íntima com o enunciador do texto/blog e o enunciador das charges. A seguir serão abordados mais detalhadamente os textos e seus respectivos “quadros” para a comprovação dos fatos.

Os textos que estão enquadrados entre aqueles que não se aproximam da

leitura proposta pela semiótica (grupo dois) são produções que não se afastam da temática, porém mostraram-se pueris e circulares. Características que se assinalam pela ausência de coesão, segundo Rocco *“por vezes, configura-se como uma falha de características até infantis, pode apresentar-se outras vezes como uma preocupação inconsciente do produtor do texto para com a própria explicitação do discurso.”* (ROCCO,1981,p. 97.)

Trechos de alguns textos deste grupo carecem ser demonstrados para constatar e justificar o enquadramento do grupo 2.

“Coisas da vida” (texto 11) é o título da redação que apresenta trechos do grupo em discussão, (grupo dois). Assim, temos na introdução da redação “Quando se é criança sonha-se muito, quer muito também, e quando se torna adulto percebe-se que não é tão fácil o quanto parece” (L1 e L2). Como conclusão o candidato define que “Com esse descontentamento com a vida, muitos se tornam alcolátras (sic) ou dependentes de outras químicas e pode gerar até mesmo a doença chamada depressão”. (L10, L11 e L12) Os dois recortes da redação possibilitam verificar que o candidato permaneceu na linha da abordagem; apesar disso, permaneceu no superficial e fez uma transcrição dos textos verbais e não verbais. Em outro texto, em outra demonstração, verifica-se um tênue desenvolvimento dos argumentos.

Quando o vestibulando, no texto 14, diz “É tão estranho quando olhamos ao nosso redor, e observamos de um lado, pessoas bem vestidas, com carros importados e almoçando em restaurantes caros, e de outro, pessoas sujas, pedindo esmolas, e até mesmo, morrendo de fome. Esta é a nossa realidade, ou até mesmo, a nossa ilusão. Acho que as pessoas não percebem, que verdadeiro amor está se acabando, e no lugar dele, estão entrando coisas fúteis, aquelas que muito querem, para preencherem seus vazios. Porisso (sic), que para conseguirmos sermos (sic) felizes, devemos buscar a felicidade, nas coisas simples da vida, e em primeiro lugar, em Deus”, (L5 a L12).

Em outra redação, esta na íntegra, finalizam os apontamentos feitos aos textos do grupo 2.

Intitulado ‘Felicidade’, o texto 15, (L1, 2 e 3) discorre “A vida, uma dádiva que temos o prazer de desfrutar ao máximo cada minuto enquanto durar, pois não somos eternos, ao passar do tempo questões, são jogadas ao ar sem resposta, realmente qual é o sentido da vida”.

“Como diz a canção do Zé Ramalho o sentido da vida é o amor, nascemos e morremos amando, mesmo que de uma forma ou de outra tentamos escapar de um grande amor não conseguimos” (L4, 5 e 6).

“Vivamos em busca da felicidade em casa com amigos, no trabalho e em outro lugar onde passamos o tempo do nosso viver, mas nem sempre conseguimos ser feliz, ai bate a tristeza em nossa porta e pensamos que a vida não tem sentido, porém isso não é verdade” (L7 a 10).

“Sentido da vida é ser feliz, independentemente do jeito (sic) que for, deste modo temos que lutar para fazer que nossas vidas tenham sentido” (L11 e 12).

Sobre os três textos do grupo dois acima relatados; a exposição dos trechos da introdução e conclusão do primeiro exemplo, mais o *discorrer argumentativo* da segunda e a terceira redações – esta última integral – notamos uma semelhança entre elas, a falta de argumentos mais sustentáveis, já que os vestibulandos fazem – se fizeram a leitura completa do comando – apenas uma descrição da leitura das charge. Conforme afirmação de Martins, p. 96 “... os olhos da imaginação veem o que a palavra ainda não expressou” a leitura simplista que não explora o que a coletânea oferecia, tornou-se circular, vagando na descrição e não numa reflexão. E ainda não expõe ponto de vista de quem fez uma leitura mais atenta e perspicaz. Os textos agrupados na mesma situação das citações anteriores são discursos do tipo que se mostram frágeis com nível baixo de originalidade e criatividade ao se referir à interpretação (SANTANA, p. 128, 2001) afirma que “... para analisarmos textos é necessário darmos conta das representações de todas as ações humanas pelo verbo fazer assim como todo estado pelos verbos ser, ter, estar”.

Textos do grupo 1 e 3 são em muitos casos paráfrases, contudo conseguem propor uma leitura mais própria, pessoal e os do grupo 3, em particular, relatam com mais precisão a percepção, a junção dos textos do comando, por conseguinte dos enunciadores. Estes textos constroem a Temática 1 com isso conseguem se aproximar mais ou um pouco menos – no caso do grupo 2 – da construção do significado da proposta compreendendo, portanto, o *fazer persuasivo* do(s) enunciador (es) do Tema. Isso pode ser notado em vários textos tornando o diferencial desse quadro classificatório, pois, a partir do momento que o vestibulando consegue absorver, na sua leitura, a *relação entre enunciador (es) e enunciatário (s)*, o *processo de construção do sentido* se torna muito mais simples e eficaz. Poderemos notar em algumas das redações que muitas delas apreenderam que nas

aparentes e ingênuas charges há correspondência com o fazer persuasivo (papel do enunciador) sobre o seu enunciatário, ou seja, nesses casos, o vestibulando percebe exatamente a sua função; se fazer interpretante a proposta do enunciador “...a presença de um actante-objeto implica a de um actante-sujeito e vice-versa; assim o objeto enunciado, que é o texto, podemos inferir a partir dele a existência do actante-sujeito” Bertrand, p.82.

Muito embora haja paráfrases nos textos, algumas *metáforas* desgastadas, clichês ou outras expressões do senso comum, existem também, em vários casos, nesses grupos de redações, argumentos suficientes que encobrem esses vícios da linguagem. Comprovados em alguns exemplos (argumentos) que os candidatos citam para fundamentar o seu ponto de vista frente à proposta de escolha. E, em muitas das redações, se encontram dicas, explicações, possíveis soluções e conclusões pertinentes que pontuam de forma coerente o ponto de vista de forma mais reflexiva. Alguns, inclusive, contra-argumentaram as charges e o texto /blog e ainda os que aproximam ambos os textos e argumentam sobre a sua exposição, outros fazem uma explanação geral e bem feita do que vem a ser o “Sentido da Vida”, texto 12. Em muitos, compreendem que os textos e especialmente a junção deles propõe uma reflexão sobre o “Sentido da vida” e em muitas das redações se encontram citados “*alguns*”, “*uns*”, “*outros*” estas marcas da enunciação expressam o ponto de vista dos enunciadores. Mas em vários deles sem qualquer ligação direta com os textos (charges e/ou texto/blog) certos candidatos filosofam ou *metaforizam* a polêmica questão e procedem bem ou muito bem em suas explicações – se comparadas ao *corpus* como um todo.

Sugere-se (alternativas de atividades virão no capítulo *proposta de atividade*) que seja proposto um trabalho de leitura mais crítica na escola, tomando por base textos dessa linhagem, ou seja, aproveitando as propostas dos comandos do vestibular e as composições dos próprios vestibulandos. Possivelmente, o processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa no ensino médio seria mais facilmente aperfeiçoado “*Em verdade, há mesmo que se encarar os complicadores de leitura não verba*” (MARTINS, 1993, p. 98).

Para o melhor esclarecimento das afirmações acima é viável que sejam evidenciadas mais algumas redações selecionadas. No texto intitulado “Sentido da Vida” o vestibulando revela o seu ponto de vista e estabelece relação com a temática; o primeiro “(aqueles que) Aceitam viver monotonamente sem mudanças ou

expectativas. Outras (pessoas) já até perderam a esperança e deixaram de pensar sobre tal” (L7 e L8) de tal modo completa, “Todos que tem essa mesma ação podem ser considerados não significativos para a formação de uma sociedade. Como poderá influir em uma (sociedade), se não consegue saber o sentido da própria vida, para que está aqui e quais os benefícios ou malefícios que está causando. Por tal razão muitos preferem desistir de procurar (um sentido para a própria vida) e comportam-se como crianças, desejando possuir uma mente infantil e não pensando se tudo isso faz sentido ou fará algum dia em sua vida ou na de qualquer pessoa”. (L9 a L15)

Nessa redação o enunciador exhibe duas categorias de indivíduos, a primeira “(aqueles que) Aceita viver monotonamente sem mudanças ou expectativas” (L7) assim como o personagem Hagar da charges que indaga “Qual é o sentido da vida?” “Por que estou aqui?”. E conforme é exposto no texto/blog “alguns” têm a mente de uma criança, que ainda não questionou tais coisas e um segundo pensamento que se reconhece por “Outras (pessoas) já até perderam a esperança e deixaram de pensar sobre tal” (L7 e 8) característica também latente nas charges marcadas também pelas *figuras* desânimo, deprimido, tristeza, se entregando a bebida por insatisfação à vida, as *lamúrias* tematizam a tristeza profunda e no texto/blog identificados por “outros” são os saturados e fatigados. Desse modo o vestibulando realça as ideias fixadas nas charges e no texto/blog, mas aqui ele mostra sutil inovação com relação aos textos do comando (isso tomando por base os demais textos do *corpus* de análise) quando, por exemplo, aplica “Todos que tem essa mesma ação podem ser considerados não significativos para a formação de uma sociedade. Como poderá influir em uma (sociedade), se não consegue saber o sentido da própria vida, para que está aqui e quais os benefícios ou malefícios que está causando. Por tal razão muitos preferem desistir de procurar (um sentido para a própria vida) e comportam-se como crianças, desejando possuir uma mente infantil e não pensando se tudo isso faz sentido ou fará algum dia em sua vida ou na de qualquer pessoa” (L9 a L15). Com tom de crítica conclui que esses dois grupos que indicou são insignificantes para a sociedade, já que não podem ao menos lidar nem mesmo com a sua própria condição de vida pouco poderão contribuir para a sociedade. Segue dizendo que, por comodismo “muitos preferem desistir de procurar (um sentido para a própria vida) e comportam-se como crianças, desejando possuir uma mente infantil (...)”, (L13 e 14), ou seja, por conta dessa indiferença e

falta de lucidez com o sentido da vida não terão visão para prever o que poderá vir nos dias futuros.

As palavras “*todos*”, “*sociedade*”, “*criança*”, “*mente infantil*” e “*pessoa*” formam isotopias que generaliza o ser humano neste texto. As isotopias são capazes por agrupamentos dos léxicos baseando-se em Greimas, Ceia¹⁰ diz que “*Entende-se por isotopia a interatividade de classemas responsáveis pela homogeneidade do discurso*”.

São notáveis, evidentemente, alguns pequenos desajustes no texto do candidato – o que não prejudica a coerência. O importante é poder-se valer do melhor do escrito do vestibulando para propor um bom trabalho para o ensino/aprendizagem em língua portuguesa na escola.

Na dissertação “*A felicidade é o objetivo*”, texto 13, apresenta dois momentos interessantes, o primeiro deles quando relata: “*Dúvidas, incertezas e angústias predominam a mente das pessoas durante toda a vida, em cada fase encaramos tais sentimentos de forma diferenciada. Na infância – como diz Carlos Drummond no poema Infância – “A vida chama-se agora”, há dúvidas, angústia, mas a criança não se preocupa em refletir tais coisas recorre aos adultos*” (L6 a L10).

No primeiro período do parágrafo encaixa-se o personagem Hagar na luta em compreender o significado de sua existência – expresso na charge 1 – e quando o vestibulando diz “*a forma diferenciada*” (L7) característica presente também no personagem Hagar é a representação da ingestão de bebida alcoólica por S₂. E na charge 2; “*Dúvidas, incertezas e angústias predominam a mente das pessoas durante toda a vida(...)*” (L6 e 7) neste recorte se nota um exame mais atento da leitura das historietas, pois a expressão “*predominam a mente das pessoas por toda a vida*” (L6 e 7) vai ao encontro do que o enunciador das charges tenciona, ou seja, mostrar através das *figuras* a estagnação, a cauterização mental, a alienação, o comodismo, o conformismo que traz a *temática* do ser humano, das pessoas, assim o vestibulando completa, em “*há dúvidas, angústia, mas a criança não se preocupa em refletir tais coisas recorre aos adultos*”; (L9 e 10) sentimentos como dúvida e angústia são dispostos na vida do adulto, pois crianças não têm desenvolvimento suficiente para essa sensibilidade e reflexão acerca da vida.

¹⁰ E-Dicionário de termos literários Carlos Ceia – dicionário virtual. Acesso em 20/08/09.

Mas recorre ao adulto, então. A pessoa que não souber lidar com as intempéries da vida, porque são frágeis e imaturas, devem procurar os mais fortes; os adultos.

O vestibulando consegue entrar em harmonia com o seu enunciador e capta uma das leituras possíveis dos textos. As *isotopias* “*dúvidas*” grande aflição acompanhada de opressão e tristeza, “*incetezas*” estado de coisas incertas e “*angustias*” grande aflição acompanhada de opressão e tristeza mostram perturbação emocional do enunciador.

No segundo período, para mostrar intelectualidade e conhecimento literário, o candidato faz uma infeliz citação sobre o poema *Infância* de Carlos Drummond de Andrade, o qual não compõe o verso que cita. Todavia, bem destaca; “A adolescência é a transmissão entre infância e maturidade, o corpo muda radicalmente, a ingenuidade da criança é corrompida pela sociedade, o adolescente começa a buscar sua identidade, o seu papel na sociedade, um sentido à sua vida, faz isso questionando valores, atitudes, cultura, família. Sente saudades da infância, mas procura viver o momento, pensa sobre o futuro também. Muitos não encontram sentido pra vida e acabam com ela (...).” (L12 a L17) Em “(...) a ingenuidade da criança é corrompida pela sociedade, o adolescente começa a buscar sua identidade (...).” (L13 e 14) a passagem da infância para a adolescência há o homem começa a buscar a sua identidade, assim, o sentido da vida acompanha a construção da personalidade, pois na infância já há corrupção, não mais existe inocência, enfatiza o vestibulando.

No entanto, é preciso considerar o *contexto de produção* e levar em conta a situação de vestibular, a pressão do tempo cronológico, abalo emocional, ansiedade para conquistar a vaga – o candidato redige para uma banca examinadora – depende da sua aprovação, assim é conveniente (para o vestibulando) que demonstre vocabulário eficiente e conhecimento acerca das culturas como música e literatura, principal citação dos candidatos e conhecimento da atualidade.

Na sequência seguem analisados sob a perspectiva da semiótica greimasiana, 10 (dez) textos de vestibulandos que escolheram a Temática 1 para a sua redação.

Texto 1

Na distribuição dos cinco parágrafos do texto notamos que o enunciador fez uma disposição de leitura do texto/blog da forma que segue: “o mundo moderno” (L1), “agitação do dia-a-dia” (L1), “não disponibilizarem um tempo” (L2), “não se interessavam em refletir” (L2), “ou buscar um sentido para suas vidas” (L2 e L3). Neste caso encontramos a representação de “alguns” caracterizados no texto. Em “Outros nem sabem o significado do sentido da vida” (L3) o enunciador faz referência parafraseada ao que é caracterizado como “outros” no mesmo texto/blog, com outras formas linguísticas o enunciador se apropria das vozes *delegadas* no excerto do artigo filosófico (L2) e “alguns” e “outros” (L3). Nos trechos da (L1) no que toca à relação enunciador (vestibulando) e enunciatário (seu leitor) entendemos que o enunciador transcreve de modo que o *eufemismo* percorre seu discurso sob o discurso do texto filosófico, notamos isso quando enuncia: “Nem todos se preocupam com a questão de saber se a vida tem sentido”, assim procura mostrar, nestes casos, que a “culpa” de o homem não se preocupar com o sentido da vida é a agitação do dia-dia, natural do mundo moderno. Já nos trechos “não disponibilizam um tempo” (L2) e “não se interessam em refletir” (L2) ou “buscar um sentido para suas vidas” (L2 e 3) e “Outros nem sabem o significado do sentido da vidas”(L3).

No segundo parágrafo há uma relação bem interessante entre sentido e direção (sentido=direção), o mesmo que rumo; assim o vestibulando demonstra, no seu ponto de vista, que a grande maioria das pessoas busca o conceito de sentido para a vida: “traçam objetivos relacionados à família, à profissão, ao bem estar pessoal...” (L6 e L7) características que não correspondem às charges, tendo em vista os perfis do caráter de S₁ e S₂ (despreocupação com o futuro, além do financeiro) apresentando uma relação contrária entre o ponto de vista próprio e o apresentado nas charges formando uma *oposição semântica* objetivo x falta de objetivo. Mas subentende que essas sejam as metas do ser humano que procura sentido para a sua existência, como pareceu transmitir o texto/blog para o candidato.

Quando lemos “aproveitando as oportunidades” (L11), “enfrentando problemas”, (L11) “... sobretudo ser otimista e perseverante” (L13), imediatamente recorre-se à enunciação do texto/blog, as quais se confirmam em “Entre ambos estamos nós próprios”, aqueles que procuram”, são vigorosos, animados porque são otimistas e perseverantes.

O penúltimo parágrafo abre um parêntese e dá conta de reforçar argumentando a passagem dos olhos escuros e misteriosos (referência ao texto/blog) e o candidato afirma: “que não acreditam em nada, são pessoas que se tornam desmotivadas, pessimistas e frustradas”, (L14 e L15) “o fato de viver, ou ter uma família, ou um emprego, ou estudar, não tem significado algum” (L16). Há duas importantes observações a se fazer acerca da leitura do vestibulando: a primeira delas é a ideia que ele propôs, relativa àqueles que olham com “olhos escuros” e se tornam, transformam-se em seres frustrados, desmotivados e pessimistas. No texto, o autor assinala que, mesmo com a vida aparentemente organizada com família, emprego e estudo, isso não significa que o indivíduo seja realizado. A segunda observação refere-se ao seguinte comentário, do segundo período do primeiro parágrafo, “Outras nem sabem o significado de sentido da vida” (L3), o qual tem ligação à encenação da embriaguez literal das charges, e se caracteriza perfeitamente através das figuras (aparência física charges) rude, grosseira, da violência com a mão, do estado emocional visivelmente desequilibrado, do vocabulário e da filosofia de botequim (lamúrias) e da embriaguez conotativa. Esses foram os *pressupostos* do candidato (como de fato deveriam ter sido) nos textos 1,2 e 3 que formam o tema 1. Vemos, então, que o vestibulando, para expressar o seu ponto de vista, aproveitou bem os textos que teve como apoio.

Ao encerrar o texto dissertativo, o vestibulando mostra um desfecho que enlaça os três textos, finalizando por “dar chance a si mesmo de ser feliz” (L19 e L20) – é o que, na verdade, a *enunciação* dos três textos representa, já que as charges, graças à ancoragem das imagens, levam o *enunciatário* a concordar com a ideia de que ao homem é necessário abandonar os vícios (os quais levam à autodestruição). Há um pensamento de que é conveniente que o homem se esforce para alcançar a libertação da dependência química, mas também a dependência da mesmice, do comodismo, dando chance a si mesmo de conquistar algo, pois, como se percebe nas charges, S₁ e S₂ vivem em um mundo cercado de indagações e imaturidade, que os levam à frustração. Muitas vezes, na tentativa de “curar” a dor da alma, o homem encontra apoio na bebida alcoólica – como demonstram as charges –, mas a cura para a embriaguez (figurada) tem como caminho alternativo o comodismo, o desânimo, a alienação.

No texto 3 (texto/blog) o mesmo “dar uma chance a si mesmo” (L 19 e 20 do texto do vestibulando) para alcançar a felicidade, assim como nas charges, faz parte

de uma escolha. Se, nos primeiros textos, temos a representação daqueles que optam pelo fracasso porque desistiram de lutar (por um motivo ou por outro), no texto/blog o enunciador mostrou dispostas as suas três maneiras de enfrentar a vida em busca do sentido para ela. O vestibulando parece ter compreendido a ideia expressa no enunciado do artigo filosófico, por isso estabeleceu “chance para si mesmo”, mais uma vez a junção entre os textos (tema 1 e candidato) incluindo-se entre as pessoas que fazem as melhores escolhas e que seguem a orientação do enunciador, ou seja, junta-se àqueles que buscam o sentido para a sua existência. O próprio título sugere auto-estima, uma escolha para aquilo que é bom, agradável e, para isso, é conveniente que haja otimismo e perseverança para se ter “Prazer de viver” como ele afirma.

Texto 2

Foi através de figuras “apoiar”, “arrancar” e “sustentar” que o vestibulando estabeleceu suas leituras e metaforiza “Apóiam-se nos outros” (L3), (os personagens são vikings – saqueadores) “arrancando-lhes a esperança” (L3), (até o momento da enunciação o *sujeito da enunciação*, homem de meia idade, ainda não sabe responder qual é o propósito de sua existência o candidato dá um desfecho que complementa as metáforas “uns têm muito e outros, nada; nem todos podem sustentar seus sonhos” (L4 e L5) dos textos da proposta. Ele subentendeu que o texto imagético que ampara S₁ e S₂ nas charges dá a eles um aspecto de desafortunados. O que, somado ao texto verbal dos mesmos personagens com enunciação vazia e sem objetividade, cria a ideia de seres sem projetos com relação ao sentido da vida.

O parágrafo seguinte continua a defender a tese de que existe uma hierarquia social, onde os mais fracos e subalternos são dominados e vencidos pelos mais fortes e poderosos. Assim, a função de cada um na encenação é “muito bem estipulada” (L6), como ele mesmo afirma, ou seja, cada qual no seu espaço pobre e subordinado; e ricos e poderosos retratados como “sociedade de castas” (L4) apresenta a oposição semântica.

Nas linhas 4 e 6 o *ator da enunciação* promove leituras que explanam a antítese da desigualdade social, pelas figuras “rico”(L10), “pobre”, “tribo”(L6 e L9), “presidente”, (L8) “mundo individualista”(L1), “cacique” (L7 e L8), “guerreiros”(L7),

“outros são incentivados” (L10) “caçadores” (L7), estas *figuras* somadas às anteriores dão espaço para a oposição de base rico x pobre.

Outro aspecto relevante que se depreende da leitura do candidato foi a opção pelo vocábulo “tribo” (L6 e L9) também pode ser, aqui, vista como *metáfora* “casta da sociedade” que, propositadamente aparece entre aspas, leva a uma observação do termo. Sabemos que tribo pode-se referir a certo grupo ou uma divisão do povo indígena, cuja liderança está sob a orientação do cacique e, também, conforme opção do enunciador, o termo pode-se referir ao povo, de forma geral, brasileiro, sendo o chefe dessa tribo o presidente da República. Aparentemente, trata-se de uma simples comparação, contudo, tomando nota dos relatos anteriores, vem à tona uma outra possibilidade de leitura que desmascara, através de uma *metáfora* mais elaborada, os ricos e poderosos. Assim, o Presidente da República associa-se àqueles que de forma direta ou indireta detêm poder e ou dinheiro. O parágrafo final conclui, por fim, que os “ricos” (L11) é que “despacham” (L13) o pobre “à periferia” (L13).

Para encadear e concluir suas ideias, mesmo de forma desconexa, o *enunciador* ancora sua posição, ilustrando com palavras de Fernando Pessoa (demonstrando ainda conhecer a procedência da citação – por Alberto Caeiro, um dos três heterônimos do escritor). Dessa forma, certamente acredita garantir credibilidade e confiança do seu *enunciatário* e o manipula quando opta pela estratégia da *delegação de voz*.

Texto 3

O título “A escolha certa” antecipa algo bem valioso apreendido nas leituras do vestibulando que perpassa por todos os textos do tema 1. O texto/blog, por exemplo, apresenta exatamente as opções de escolha de cada um sobre o sentido da vida em que uma delas é “a escolha certa” faz referência a *enunciação* do excerto filosófico *“entre ambos estamos nós próprios, aqueles que procuram”*.

O primeiro dos seis parágrafos é bem curto, mas demonstra com precisão que realmente o vestibulando escolheu para seu texto a discussão que se volta para a escolha que cada pessoa deve fazer na vida, ou seja, aquela que achar mais conveniente, assim como no texto/blog, o enunciador apresenta o livre arbítrio para suas opções, mas existe uma delas que é viável daqueles que buscam um sentido

para a vida, uma escolha coerente e certa, garantindo o sucesso. No segundo parágrafo há a confirmação das escolhas não desejadas pelo enunciador da dissertação “Acredita-se que muitos quando crianças não imaginavam no seu futuro, só pensavam em brincar e mais nada, Mas a vida não é só ser criança, todos nascem, crescem e morrem” (L3 a L5) nesse trecho há o retorno a uma das teses também expostas na charge 1 *“Quando eu era jovem, eu queria fama e fortuna! / Agora que estou mais maduro, eu percebo que se deve abrir mão! / Agora eu só quero fortuna!”*, cita a charge porém aproveita o texto/blog em crítica ao primeiro e se posiciona a favor do segundo “a vida não é só ser criança” (L14) este candidato traz para o seu texto a enunciação que marcam os discursos das charges e o artigo. Ainda sobre as L3, 4 e 5 o *sujeito da enunciação delega*, entrecruzadas, as vozes das charges e do artigo filosófico *“tem mente de uma criança, que ainda não questionou tais coisas”* e charges *“agora eu só quero fortuna”*.

A sequência do texto insinua a inconstância do ser humano, o qual naturalmente na fase adulta deixa no passado – com a infância – a inocência para tornar-se responsável; fato que não sucede na enunciação da charge 1 como bem observou o candidato “Mas a vida não é só ser criança” (L14). Aqui o vestibulando apresenta o evidente posicionamento contrário à charge e aproveita e faz uma ligação com a segunda historietta a frustração e insatisfação por não ter conquistado ideais nem mesmo depois de adulto, todavia a frustração não é motivo suficiente para o desânimo “todos são postos neste mundo e são obrigados a se virar para sobreviver” (L12). O homem tem a obrigatoriedade de lutar e vencer por isso existe a seleção de pessoas em todas as áreas da vida, em que cada um deverá lutar pela melhor colocação. Nesta mesma linha, o *autor da enunciação* desenvolve a *enunciação* do texto/blog.

Do ponto de vista crítico contesta “Talvez se todos tivessem sua própria escolha de viver ou não, não existiria quase que absolutamente nada, pois a vida não teria sentido”(L13 e L14) nesse instante de *enunciação* o *enunciador* se mostra pertinente às pessoas que conseguem olhar com os olhos escuros e misteriosos descritos no texto/blog, todavia são pessoas que estão preparadas para enfrentar os desafios da vida, o enunciador da dissertação completa “e ela (a vida) sempre traz os caminhos do bem e do mal, basta escolher o certo para não sofrer no futuro” (L14 e 25). Nas linhas 13,14 e 15 aparecem as marcas da enunciação das charges, visto que, se todos resolvessem “cruzar os braços” é “embriagar-se”, “querer fama e

fortuna sem esforço”, “não questionar o sentido da vida” e “viver fosse uma escolha, viver não teria sentido”. Para encerrar as linhas 14 e 15 se entrelaçam as vozes da *enunciação* das charges e do texto/blog. Nas linhas 16 e 17 aparecem as vozes *delegadas* do excerto filosófico: “alguns”, “outros” e “entre ambos” encerra o texto propiciando ao *enunciatário* liberdade de escolha ao se posicionar “Em suma, o sentido da vida pode ser interpretado de várias formas para cada um” (L16 e L17), contudo intimida o mesmo a fazer a escolha mais viável quando alerta “basta que se aprenda a viver do melhor jeito possível” (L17) induzido ainda no título “A escolha certa”.

Texto 4

No segundo dos cinco parágrafos elaborados, o *enunciador* expressa as duas histórias em quadrinhos, pois afirma: “Muitos acreditam que o dinheiro possa trazer tal felicidade e mudar sua vida para melhor” (L5 e 6) o *autor da enunciação* demonstra no enunciado que apreendeu quando as charges *enunciam* um poder (o dinheiro) x fazer (trazer felicidade). Encontra-se aqui o mesmo pensamento de S₁: segundo o *enunciador*, o dinheiro não traz plena felicidade e tanto não traz que “a Suécia apresenta um dos melhores IDH, mas tem um grande índice de suicídios” (L7 e 8) há neste destaque o discurso é ancorado nos dados estatísticos que garantem a credibilidade dos *argumentos* (cf. p. 37 deste trabalho) Por ser um país muito bem desenvolvido (um dos melhores IDH – Índice de Desenvolvimento Humano) a taxa de pobreza baixíssima (argumento por ilustração), porém o privilégio ainda não satisfaz esta nação liderada pelo fracasso e os sonhos interrompidos, que se transformam em suicídio. Nesse parágrafo ao expressar *suicídio* o *enunciador* marca a presença do homem que se deixa abater pelas dificuldades. Segundo ele, qualquer pessoa pode alcançar a felicidade. Faz uma crítica àqueles que dão prioridade aos bens materiais. *Argumenta* que o dinheiro por si só não garante felicidade e se as pessoas não souberem lidar com as mudanças que o dinheiro traz na vida do homem ele pode levar à autodestruição (suicídio), tal qual o vício do álcool nas charges. E aconselha: “A felicidade pode ser encontrada nas coisas mais simples da vida” (L9) porque “o fato é saber sugar o tutano daquilo que a vida lhe oferece de bom” (L17). A *figura* “sugar o tutano” este último; medula dos ossos, a parte mais íntima, o âmago, o coração, o foco, o meio, o espírito, o sentimento abre

uma discussão para o tema da felicidade. Em “optamos sempre pelo caminho mais curto, nunca querendo percorrer o caminho certo” (L12 e 13) no penúltimo parágrafo, também existe uma ligação direta com as charges, porque transparece a S₁ essa tese: conseguir fama e fortuna sem a preocupação de conquistá-las com muito esforço, dedicação e trabalho.

Texto 5

Este texto foi estruturado em um único parágrafo e sua conexão acontece mais diretamente com o texto/blog. Aqui o enunciador transcreve a leitura de quem seria “alguns”, “aqueles que buscam” e “outros”. Nos primeiros comprova-se tal leitura: “Desde pequenas as pessoas já são expostas a dificuldades, e que exigem força de vontade para enfrentá-las, são as dificuldades que fazem-nas crescer”. (L9 a L11). Esses que têm a mente de uma criança, se tivessem sido educados como pessoas preparadas para lutar e enfrentar as dificuldades, não teriam se tornado adultos incapazes e alienados. Outra constatação está em “a vida é recheada de riscos, e só arriscando para crescer, amadurecer, aprender” (L11 e 12).

Identificados como “outros”, ou seja, pessoas que não questionam, conforme afirmação do texto/blog verificamos no texto do vestibulando: “pessoas que se deicham (sic) cair na rotina, já não almejam um futuro melhor” (L2 e 3) “a vida já não faz mais tanto sentido”, (L3) “a vida já não importa mais”, “Essas pessoas que se conformam com as coisas muito rápido, que não são insistentes, acabam virando pessoas insignificantes, sem vontade alguma de viver”. (L9 a L11). Nos destaques seguintes verificamos que o enunciador contesta as charges e explicita quem são “Aqueles que buscam” (citado no texto/blog). Dessa forma apresenta uma leitura que traz à tona alguns *subentendidos* das charges e do excerto artigo filosófico. Portanto, no texto/blog é marcado o posicionamento ideológico do *enunciador* que surgem nas seguintes conceitos do vestibulando: “A vida só faz sentido quando a pessoa traça um caminho a ser seguido, um objetivo a ser alcançado”,(L1 e 2) “E só se cresce na vida, se tiver garra, se batalhar, se traçar um objetivo e lutar para consegui-lo”, (L7 e 8) “as pessoas sempre devem traçar uma meta na vida”,(L15) “batalhar sempre”,(L16) “não se deixando abater pelos obstáculos” (17).

Os trechos acima mostram o *percurso figurativo* dos obstáculos que muitas vezes as pessoas passam para se alcançar os seus objetivos; o sentido da vida,

compõem as figuras “expostas a dificuldades”, “a vida é recheada de riscos”, “só arriscando”, “cair na rotina”, “exigem força de vontade para enfrentá-las” “pessoas insignificantes”, “sem vontade alguma de viver”.

No percurso figurativo conquista para os objetivos aparecem as figuras as dificuldades que fazem-nas crescer” só arriscando para crescer, amadurecer, aprender”, “garra”, “batalhar”, “traçar um objetivo” e “lutar”.

Texto 6

Sobre o sentido da vida, esse enunciador afirma que não são todos que alcançam o seu próprio sentido: “A vida é complexa, cheia de obstáculos e atalhos. Por isso encontrar um sentido pode a tornar mais produtiva e agradável. Mas nem sempre isso é fácil assim muitos nem tentam, uns desistem e outros persistem em uma longa busca e enfim os poucos que conseguem”(L1,2,3 e 4).

Quando o vestibulando enuncia que “muitos nem tentam, uns desistem” (L3), ele refere-se ao fato de muitos não terem tido esse encontro com o lado dificultoso e sombrio da vida (expresso no excerto), embora admita que existam “outros que persistem” e “os poucos que conseguem”(L3), ou seja, os perseverantes, alcançam os seus objetivos.

Em certo instante, no segundo parágrafo, o texto volta-se às charges, contemplando aqueles que estão muitas vezes desorientados, ao afirmar: “sem um sentido na vida a pessoa fica alienada, não sabe qual é o melhor caminho”, (L5 e 6) ou seja, acaba vivendo como o embriagado que não tem lucidez para se projetar em direção ao futuro e alcançar as suas metas. São os que “vivem apenas o presente” (L7).

Conclui apontando que a felicidade está nas realizações pessoais de cada indivíduo: “Como uma mãe que deixa a profissão pelos seus filhos” (L10 e 11), “um vestibulando se dedica aos seus estudos afim de (sic) conseguir o que tanto almeja” (L14 e 15).

As figuras “complexa”, “obstáculos”, “atalhos”, “uns desistem”, “lado dificultoso”, “sombrio”, “poucos que conseguem”, “alienada”, “não sabe qual é o melhor caminho”, “vivem apenas o presente” assim como no enunciador da redação anterior o enunciador desta dissertação explana em sua leitura o percurso figurativo dos obstáculos que muitas vezes as pessoas passam para se alcançar os seus

objetivos; o sentido da vida.

Texto 7

Mais uma vez as mini-histórias em quadrinhos marcam presença na produção de vestibulando. O título “A resposta vem de Deus” é original, muito sugestivo e vai ao encontro das indagações de S₁ na segunda charge. Na verdade, o que o *enunciador* faz é responder às questões que afligem o personagem, apresentando possíveis soluções para o preenchimento da incógnita que cerca de polêmica o ponto de vista de cada um sobre o sentido da vida: “alguns procuram a resposta na ciência” (L3), “até na morte” (L3). E o candidato sugere: “mas a resposta vem de Deus” (L3 e 4).

Por meio do último parágrafo, já concluindo, o enunciador, de forma original, mostra ao seu *enunciatário* (demonstração das leituras que teve como apoio) que a resposta para questionamentos e aflições humanas vem de Deus, e que somos seres individuais com necessidades e dificuldades distintas, já que Ele “tem um propósito para cada um de nós” (L12). Cada pessoa, individualmente, crê em Deus e recebe a expressividade divina em sua vida para que as dúvidas e indagações não possam “perturbar” (L15) a mente, tal como ocorre com S₁ que, apesar da idade madura, não tem propósitos, e entrega-se ao vício da bebida e ao comodismo.

Ao dialogar com as charges o autor enunciador desta dissertação mostra três possibilidades de resposta às indagações de Hagar (Qual o sentido da vida / porque de sua existência) sugestiona tais respostas a serem encontradas em Deus, na ciência ou na morte, abrindo oposição de base entre Deus e ciência. Na linha 15 a *figura* abre a discussão para a *tematização* sobre o sentido da vida e a busca de resposta.

Texto 8

O título desse texto “A determinação contra o comodismo” sugere ânimo, esperança e perseverança, ideias contrárias a alienação e a baixa estima e desponta para a *oposição semântica* determinação (entre ambos, estamos nós próprios) x comodismo (“alguns” e “outros”). Na introdução há certa indignação com relação ao ser humano: “as pessoas deveriam agir como tal e se mostrarem capazes

de conduzir suas vidas com sabedoria e inteligência”(L1 e 2). Nestas linhas outra oposição de base surge capacidade x incapacidade Pasmó com o fato de as pessoas não direcionarem a própria vida, o enunciador cita as charges “as pessoas mais preocupadas com a vaidade e dinheiro” (fama e fortuna).

Quando diz que “Muitos vivem como crianças sem preocupações (...) vivendo apenas por viver” (L5 e 6), visualiza-se a união dos textos que montam a proposta: nos sincréticos, a indicação exata desse estereótipo de pessoa; no verbal, a caracterização daquele que nutre a mente pueril, sem muitas preocupações futuras. Porém, existem “aqueles que estão em constante questionamento, buscando respostas para a existência (...) são os que têm vontade de crescer e não se deixam vencer por encontrarem uma dificuldade” (L8 e 9). Desse modo, o enunciador insinua que questionamentos e dificuldades são válidos na medida em que auxiliam e orientam o ser humano no crescimento pessoal. Portanto, os que estão em constante questionamento enquadram-se entre aqueles que procuram sentido para a vida.

No parágrafo de conclusão expressos no texto “Hoje o mundo tem uma tendência de selecionar as pessoas com determinação e vontade de crescer, deixando de lado aquelas conformadas com tudo, que vivem pelo simples fato de existirem e tem como prioridade futilidades. Estamos todos aqui para aprendermos, mudarmos e evoluirmos como seres humanos. Por isso é sempre importante que as pessoas procurem achar suas próprias respostas sobre o sentido de suas vidas” (L11 a L16). O candidato comenta no trecho acima algo que pode ser compreendido apenas por meio da *enunciação* do Tema 1. Então, a ideia de que os “selecionados” são os que procuram um sentido para a vida está fixada no texto/blog como “Entre ambos estamos nós próprios, aqueles que procuram”.

De forma clara e objetiva explicita coerentemente o papel da seleta classe dos privilegiados, as pessoas ditas sábias e inteligentes (conforme citou na introdução), pois, se as pessoas não se moldarem a essa categoria, não alcançarão grandes avanços já que “o mundo tem uma tendência de selecionar as pessoas com determinação e vontade de crescer, deixando de lado aquelas conformadas com tudo, que vivem pelo simples fato de existirem e tem como prioridade futilidades” (L11 a L14). Os preguiçosos e os comodistas certamente serão esquivados, por isso S₁ sonhou na juventude o que não se concretizou na maturidade.

Texto 9

Diferencia-se da maioria, por representar uma releitura fria, sóbria, marcando a certeza do seu pensamento, o que ocorreu em raríssimas produções. Ao expor a visão sobre o sentido da vida, coloca em xeque o Deus soberano do cristianismo, equiparando-o ao misticismo e ainda culpa aqueles que crêem em sua existência por serem acomodados: “aceitar que seus destinos são decididos por Deus” (L18 e19). Em tom de dúvida, deboche e indignação sustentam a ideia de ser mais cômodo esperar o que Deus tem destinado a cada um daqueles que acreditam nessa possibilidade. Desse modo, questiona: “A incapacidade de apresentar uma solução para o dilema, fez com que muitas civilizações recorressem à mesma saída: criaram um Deus supremo e diziam-se uma criação privilegiada deste, sendo assim, o destino e o sentido da vida de cada pessoa não são consequências de vontade própria e sim da vontade divina” (L5 a L9).

Para uma resposta mais plausível sobre o sentido da vida, o enunciador constata que a única vez que ciência e o “misticismo” (L10, 20 e 23) entraram em acordo foi por intermédio da declaração de Buda, que diz “A única verdade na vida dos homens é a morte” (L24). A *delegação de voz* atrai o enunciador a compreender e a aceitar os *argumentos* anteriores, contrários à existência de Deus.

A filosofia entra para esse enunciador como a alternativa mais viável para a questão que ele formulou: “Há sentido em viver?” (Título). Os filósofos seguem uma linha mais racional e deixam de lado as insignificâncias das credices religiosas, alertam que o homem é apenas uma matéria e “o sentido da vida de cada indivíduo é decidido de acordo com suas escolhas” (L14 e 15). Algumas *oposições semânticas* marcam a presença neste discurso Deus (L18 e L5 a L9) x misticismo (L10, 20 e 23), escolhas (L5 a L 14, 15 e 19) x imposição (L18 e 19) e vida (L4 a 9 e L24) x morte (L24).

Tal qual apresenta o texto/blog, em trecho de um artigo voltado à pensamentos filosóficos, é enunciado, aqui, neste texto, uma resposta bem prática para as questões existenciais, contudo não há meio termo, tampouco desvios, há apenas a ideia de se fazer uma escolha, seja ela boa ou ruim.

Texto 10

A referência ao texto/blog acontece quando o enunciador apresenta, “...não se desenvolvem ou amadurecem e são, por toda sua vida, manipulados por qualquer pessoa ou ideia que se imponha a ela” (L8 a L10). Os “outros” vêm sob a descrição de “cansado de refletir sobre essas questões” (L11 e 12), “não ter chegado a lugar algum” (L12), “passa a viver como que desiludido” (L12 e 13), “são tristes e de mentalidade mais decrépita” (L14), “indiferentes ao que acontece no mundo” (L15), “inabaláveis perante qualquer ideologia” (L15 e 16).

Entre as linhas 8, 9 e 10 dois blocos de *oposições semânticas* (não desenvolver x manipulação e (não amadurecer) x imposição estas oposições refletem “alguns” descrito no artigo filosófico. Os “outros”, que também aparecem no mesmo texto, são *figurativizadas* nesta dissertação por “cansados”, “tristes”, “indiferentes”, “desiludidos” e “mente decrépita”.

7 Redação: Uma Proposta de Atividade

As propostas de atividade esboçadas aqui são voltadas para alunos do ensino médio. Pretende-se sugerir questões direcionadas à prática da leitura seguida da produção de texto em que o aluno tenha como base texto(s) de gênero(s) variado(s) que o auxiliem na redação; conforme acontece no vestibular da UEL. Redações de candidatos¹¹ também poderão servir como hipótese para as propostas de atividades em sala de aula. Considerando a afirmação de Límoli (2004, p.1):

“... ler, no contexto escolar e pára-escolar, é um ato de enriquecimento que parte de um pequeno 'capital' de letras, sílabas e palavras, ou, no caso de textos não-verbais, traços linhas, cores, etc. para a compreensão mais ampla do indivíduo, de sua atuação na comunidade, e dos discursos sociais dos quais ele participa”.

Acreditamos que as atividades propostas, através de questões investigativas previamente elaboradas, servirão para auxiliar alunos do ensino médio na identificação de ferramentas semióticas no(s) texto(s) proposto(s) pela instituição, confiando na experiência com ensino de língua portuguesa e semiótica da mesma pesquisadora, concordamos:

“Os conceitos básicos e os princípios de análise da teoria greimasiana, quando devidamente adaptados às capacidades e necessidades dos alunos, tornam-se um instrumental de grande eficácia no ensino da leitura. As ferramentas de análise da teoria semiótica mostram-se extremamente performantes, contribuindo para a formação de alunos com maior capacidade de entendimento do texto escrito. O rigor e a objetividade da análise, previstos pela semiótica, desenvolvem não apenas as potencialidades de compreensão no sentido estrito, mas contribuem para o domínio linguístico do aluno, a capacidade de formulação de ideias e a consequente melhoria da participação nas praticas sociais mediadas pela linguagem (Límoli, 2003, p. 1).

Confiando na credibilidade da citação propomos outro momento de atividades que se voltam para a confecção do texto do estudante. Nesse caso a indicação é a de que o aluno, após resolver os exercícios de reflexão e examinar e identificar o funcionamento das ferramentas semióticas nos textos do vestibular, já com o conhecimento de que a semiótica contribui para boa leitura e desenvolvimento da produção de texto.

¹¹página virtual da Fuvest (<http://fuvest.com.br/vestibular>) expõe redações dos seus melhores ingressantes.

O aluno, agora, produz um texto nos mesmos moldes do vestibular e assim, depois, de discutir e apontar nos textos dos estudantes; que eles, como autores enunciadorees de seus textos também estabelecem relações com os enunciadorees dos textos que leem, logo poderão visualizar que fazem uso do instrumental semiótico e que mantêm relações com o seu enunciatário mostrando que ele (o aluno) quando lê, redige e percebe as relações semióticas também apresenta em seu texto temas e figuras e se envolve com seus enunciadorees e enunciatário.

Constatamos, portanto que as leituras mais atentas e o exame minucioso dos textos, por meio de exercícios de reflexão, contribuem para a construção da identidade do indivíduo e seu desempenho em sociedade em que aplicam os discursos adequando-os às necessidades. Com o propósito de salientar o processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa na escola, serão apresentadas no próximo tópico algumas questões norteadoras para auxiliar e melhorar o desempenho da leitura. Algumas dessas questões direcionarão a leitura dos textos do comando e outras serão voltadas especificamente às redações dos vestibulandos.

Há uma orientação importante para a realização dessa atividade. É interessante que, ao refletir sobre as questões a seguir, o aluno redija textos para expressar suas ideias, tecer comentários e exemplifique ilustrando e argumentando coerentemente. As mesmas questões também podem ser discutidas oralmente, para que a sala possa interagir e enriquecer a polêmica da discussão.

Atividades de leitura referentes às charges



(Disponível em: <<http://tiras-hagar.blogspot.com/> Acesso em 19 set. 2006)



(Disponível em: <[http://tiras-hagar.blogspot.com./](http://tiras-hagar.blogspot.com/) Acesso em 19 set. 2006)

- 1-) Entre as charges é possível estabelecer uma estreita relação entre os tempos presente e passado. Monte um pequeno esquema demonstrando essa conexão.
- 2-) Segundo uma especialista¹² em Direito Penal brasileiro, o indivíduo embriagado naturalmente tem características bem particulares. Identifique nos textos verbais e não-verbais das charges as características de um embriagado.
- 3-) Como se dá a representação física e fisionômica de Hagar na charge 2? O que essa imagem podem representar nesse contexto?
- 4-) Na charge 1 há predominância de frases exclamativas e na charge 2 a preferência pelas interrogativas. O que isso pode significar?

Atividades de leitura referentes ao texto /blog

“Nem todos se preocupam com a questão de saber se a vida tem sentido. Alguns - e esses não são os mais infelizes - têm a mente de uma criança, que ainda não questionou tais coisas; outros, tendo desaprendido a questão, já não as questionam. Entre ambos estamos nós próprios, aqueles que procuram. Não conseguimos projetar-nos de novo no nível do inocente, para quem a vida ainda não olhou com os seus olhos escuros e misteriosos, e não nos interessa juntarmo-nos aos saturados e fatigados que já não acreditam em qualquer sentido na existência por não terem conseguido encontrar qualquer sentido na sua própria vida”.

Fonte: <http://silencio.weblog.com.pt/arquivo/010359.html>. Acesso em 19 de setembro de 2006.

Com base nas charges e no excerto acima, elabore um texto dissertativoargumentativo, defendendo seu ponto de vista sobre o Sentido da Vida.

- 1-) O texto/blog destaca três categorias de pessoas e o enquadramento de cada uma delas, pelo enunciador, acerca do sentido da vida. Qual (is) dessa(s) categoria(s) encaixam nos perfis de Hagar e de Eddie Sortudo (personagem secundário)?

¹² Gelciane Allen Bareta é mestra em Direito Penal pela UEM; professora de Introdução ao Estudo do Direito Penal nas Faculdades Nobel de Maringá. Fez um comentário sobre a embriaguez: “Reflexões sobre a embriaguez e a teoria da *Actio Libera* in causa no Direito Penal brasileiro”.

2-) O texto/blog destaca alguns adjetivos pertinentes às duas das categorias de pessoas nomeadas pelo enunciador do texto; *inocente* e *saturados e fatigados*. Quais outros adjetivos extra-textuais também ilustrariam o texto?

Atividades de leitura utilizando-se do conjunto de textos (Charges e Texto/blog)

Charges



(Disponível em: <<http://tiras-hagar.blogspot.com/> Acesso em 19 set. 2006)



(Disponível em: <<http://tiras-hagar.blogspot.com/> Acesso em 19 set. 2006)

Texto /blog

“Nem todos se preocupam com a questão de saber se a vida tem sentido. Alguns - e esses não são os mais infelizes - têm a mente de uma criança, que ainda não questionou tais coisas; outros, tendo desaprendido a questão, já não as questionam. Entre ambos estamos nós próprios, aqueles que procuram. Não conseguimos projetar-nos de novo no nível do inocente, para quem a vida ainda não olhou com os seus olhos escuros e misteriosos, e não nos interessa juntarmo-nos aos saturados e fatigados que já não acreditam em qualquer sentido na existência por não terem conseguido encontrar qualquer sentido na sua própria vida”.

Fonte: <http://silencio.weblog.com.pt/arquivo/010359.html>. Acesso em 19 de setembro de 2006.

Com base nas charges e no excerto acima, elabore um texto dissertativoargumentativo, defendendo seu ponto de vista sobre o Sentido da Vida.

1-) Na leitura conjunta dos textos do comando é notável a embriaguez física (caneca de chop vazia, agressividade ao bater com a mão fechada no balcão e o dedo apontando para o alto – gesto comum do embriagado) e psicológica (os desejos da

juventude – falta de experiência e imaturidade que ressurgem no momento da embriaguez alcoólica) de Hagar. No texto/blog é justo afirmar que o enunciador demonstra um tipo de embriaguez figurada? Reflita e explique.

2-) Podemos considerar a sequência: charge 1, charge 2 e texto/blog e ainda afirmar: Os três textos podem compor um único e coerente texto.

Após aplicação dos exercícios de leitura o aluno pode redigir um texto sob as mesmas orientações do vestibular, neste caso o vestibular da Uel: **Com base nas charges e no excerto acima, elabore um texto dissertativoargumentativo, defendendo seu ponto de vista sobre o Sentido da Vida.**

Finalizada a atividade dos exercícios de leitura, ao professor são sugeridas outras duas possibilidades de trabalho. Na primeira; ele solicita a entrega do texto do aluno, avalia, dá dicas, tecem comentários, elogios e faz advertências necessárias no texto do estudante. Na segunda, o aluno resolve as atividades de leitura e, depois de comentadas e discutidas, o professor oferece textos de vestibulandos (**conforme sugestão da página 1**) e solicita ao estudante a reflexão de algumas questões, por exemplo:

1-) Como é estabelecida a relação entre os enunciadores das charges, do texto/blog e o enunciatário da dissertação?

2-) As redações desses vestibulandos foram consideradas classificadas, por isso os argumentos são discorridos com coerência. Identifique quais os recursos que o enunciador (da redação) utilizou para expor seus argumentos, por exemplo: ilustração, metáforas, hipérbole, entre outros.

É importante ressaltar que as atividades acima são apenas algumas sugestões para se trabalhar leitura, produção de texto e introdução à semiótica. Contudo, não se trata de uma 'receita' para o ensino/aprendizagem da linguagem e do discurso, tampouco se pretende impor um postulado. O propósito tão somente é sugerir algumas formas diferenciadas de trabalho com leitura e produção, que abrangem ao mesmo tempo gêneros textuais diferentes. E incentivar a reflexão da junção dos textos (quando a proposta apresenta mais de um texto no mesmo tema), em especial aos alunos do ensino médio, visando orientá-los na produção da

redação do vestibular.

Dessa forma consideramos que na leitura, citamos Lajolo na página 4 comentando sobre leitura, completamos com a citação acima que todo e qualquer detalhe, verbal, imagético ou sonoro necessita ser considerado pelo aluno (e pelo professor quando orienta os alunos no aprendizado na sala de aula), pois explorar é mergulhar, investigar intimamente o texto na superfície e na profundidade. As partes isoladas em tempo algum podem representar a totalidade. Na sequência, um quadro resumido da aplicação e da conclusão do trabalho da semiótica com textos em sala de aula:

Quadro demonstrativo de Proposta de Atividade

Texto (s)	Atividade de Leitura	Resultado	Página para conferência da questão
Charge 1	Elaboração de um esquema estabelecendo as relações entre os tempos verbais presentes nos balões.	Pret. Perf. – Acabado ('eu era') Fut. do Pret. Posterior ('eu queria') Presente ('estou aqui', 'você está', 'deixa você')	37 e 76
Charge 2	Elaboração de um esquema estabelecendo as relações entre os tempos verbais presentes nos balões.	Presente ('estou', 'percebo que se deve', 'quero')	37 e 76
Charge 1	Leitura do texto sincrético (imagem e textos escritos – balões). Os traços da embriaguez do personagem Hagar.	Caract. / Físicas: caneca vazia, agressividade ao bater no balcão e o dedo apontando para o alto (gesto de muitos embriagados) Psicol. / Emocionais: os desejos da juventude (falta de experiência e imaturidade) ressurgem ressurtem no momento da embriaguez alcoólica.	76

Charge 2	Leitura do texto sincrético (imagem e textos escritos – balões). Os traços da embriaguez do personagem Hagar.	Caracts. / físicas: uma caneca vazia à esquerda e outra presa na mão (simbolizando um apoio, uma escora), aparência triste e desanimada. Caracts. psicol. / emocionais: a impotência diante da vida e as indagações que já deveriam estar superadas pela idade do personagem.	76
Charge 1	Pontuação: textos exclamativos	Expressam a certeza, a confiança e a segurança do discurso do enunciador.	76
Charge 2	Pontuação: textos interrogativos	Expressam a dúvida e a insegurança do discurso do enunciador.	76
Texto/blog	Classificação do ser humano pelo enunciador: caráter (características das pessoas)	‘Alguns’ personagem Hagar (Charge 1), ‘outros’ personagem Hagar (Charge 2) e ‘entre ambos’ (nós – enunciador e enunciatário)	77
Texto/blog	Adjetivos textuais e extra-textuais para ilustrarem o texto	<i>Inocentes</i> (mente pueril, inexperiência e imaturidade), <i>Fatigados</i> (fracos, cansados, sobrecarregados, exaustos da vida)	77

<p>Charge 1 / Charge 2</p>	<p>Temas e Figuras</p>	<p><u>Temas:</u> Embriaguez <u>Figuras:</u> evidenciadas e ancoradas pelas imagens (bater com violência no balcão, estágios de humor oscilantes, exclamações pouco lúcidas) <u>Tema:</u> Capitalismo <u>Figuras:</u> Fama, fortuna</p>	<p>33, 77 e 78</p>
<p>Texto/blog</p>	<p>Linguagem figurada</p>	<p>‘mente de uma criança’ (não questiona, não argumenta), ‘desaprendido a questão’ (alheio à vida), ‘inocente’ (discurso inconsistente, pueril), ‘saturados’, ‘fatigados’ (desistiram de lutar, de buscar melhora, sentido para a vida)</p>	<p>78</p>
<p>Charge 1, Charge 2 e Texto/blog</p>	<p>Intertextualidade / Interdiscursividade</p>	<p>Embora o Tema 1 seja constituído de três textos independentes é possível notar que os três textos ‘dialogam entre si’ e notamos até mesmo uma sequência lógica dos discursos.</p>	<p>77 e 78</p>

8 Considerações Finais

Este trabalho é fruto da percepção de que, embora esteja havendo inovação no que diz respeito às propostas de redação dos vestibulares em todo o país, os textos resultantes de produções dos candidatos classificados na prova de redação ainda apresentam alguns problemas de ordem textual e discursiva. Ao lerem (ou não) o comando do vestibular, alguns vestibulandos deixaram a originalidade de lado, porém, outros, desenvolveram com mais precisão suas ideias e demonstraram um pouco mais de segurança e criatividade ao produzirem seus textos. Foi sobre as produções que apresentaram leitura mais atenta e satisfatória, daqueles candidatos que mais se aproximaram da leitura proposta pelo conjunto de textos (duas charges e o excerto do artigo filosófico) do Tema, que esta pesquisa incidiu.

Alguns exemplos de textos com menor evidência no que se refere à leitura discursiva também compõem parte deste trabalho, cujo objetivo foi demonstrar que, mesmo com uma base de leitura apresentando insuficiências de argumentação, ainda foi possível a esse candidato discorrer sobre um assunto no vestibular e alcançar classificação. Portanto, procuramos sugerir um trabalho significativo que tenha como apoio ao processo ensino/aprendizagem de língua portuguesa o texto do próprio aluno, ainda na escola, bem como redações de vestibulares já realizados. Isso porque a escola é a preparação para o vestibular e, por meio dela, é necessário que aconteçam momentos de capacitação de leitura e de escrita dos estudantes. Por isso os futuros universitários precisam compreender que:

“... há, no momento da leitura, a intromissão de procedimentos de produção, da mesma forma que o momento de produção é também um momento de releitura. Nesse sentido, podemos retomar para o problema que nos ocupa a afirmação de que um texto nasce do outro. Em outras palavras, não há texto produzido sem produção de leitura” (FERES, 2007, p. 3).

Tendo em vista tais evidências, nesta pesquisa, foi possível considerar ao menos dois pontos que podem ser fundamentais para a contribuição com o ensino/aprendizagem de língua portuguesa. Primeiro: trabalhar a dificuldade que alguns dos autores das dissertações tiveram em realizar leituras mais apuradas – desconsideraram enunciados, não assimilaram os textos do comando, por isso não chegaram a implícitos e subentendidos, tampouco, identificaram os papéis dos enunciadores dos textos. Não estabeleceram as relações entre os conceitos

mencionados no comando e as próprias ideias, o conhecimento deontológico. Um segundo aspecto envolve as dissertações dos vestibulandos que atingiram um nível um pouco mais elevado de leitura. Tais textos podem ser trabalhos em sala de aula para confirmar o potencial a ser desenvolvido pelos alunos e desmistificar que semiótica é complicada para a aplicação ao ensino de língua portuguesa.

Observando-se os textos produzidos pelos candidatos, tentou-se recuperar a leitura que estes fizeram até chegarem às suas produções textuais. Esta pesquisa procurou demonstrar como o candidato contempla as leituras visuais e verbais do comando e igualmente as leituras que cotidianamente cercam os enunciadores das dissertações.

Porém, acreditamos que a imposição ler/produzir textos, para um enunciador em situação de vestibular cercado de desconforto e de ansiedade em concorrer a uma vaga de Universidade pública – uma das mais disputadas do país – pode trazer alguns constrangimentos. E para que certos embaraços ou obstáculos que supostamente os alunos venham a encontrar no vestibular sejam menores, a sugestão no que tange à leitura seguida da produção de texto é que professores, alunos, educadores e interessados no ensino/aprendizagem de língua portuguesa discutam a questão da leitura de maneira mais profunda e densa do que a aparência nos demonstra ser, ou seja, orientar os aprendizes a leituras mais investigativas. Uma maneira de trabalhar redação de vestibular sem causar tanto impacto de medo ao aluno é trazer a realidade do vestibular a ele. Um estímulo pode ser propor atividades com textos classificados em vestibulares passados, para que o aluno evidencie como são os textos que atingiram classificação ou aprovação. É interessante discutir essas redações aprovadas, verificar pontos fortes, fracos, identificar ferramentas (as semióticas defendidas aqui) de uma boa leitura.

A análise das propostas e a identificação da inserção da releitura nos textos dos vestibulandos da UEL despertou também uma outra opção de trabalho para o aperfeiçoamento da leitura e produção de texto dos discentes – identificação do instrumental semiótico via indagações e esquemas demonstrativos – a qual poderá trazer resultados positivos. Esta investigação pretendeu propor, com isso, um trabalho com as redações de vestibular, mostrando como elas oferecem uma série de recursos para o aperfeiçoamento e progresso da leitura em sala de aula, viabilizando os discursos dos estudantes e trazendo êxito no vestibular, no percurso acadêmico e na vida profissional. Daí a escolha pela análise semiótica discursiva de

linha francesa, pois, ao examinar o *corpus*, notou-se que este era sensível a esse tipo de análise.

A proposta primeira desta pesquisa foi investigar diretamente os textos dos vestibulandos, porém vimos à necessidade de identificar e demonstrar semioticamente como foram construídas as três opções de proposta para o vestibulando daquele ano para melhor compreender a escolha da maioria dos candidatos.

Nada surpreendente foi o fato de os textos oferecidos como base para a produção textual dos vestibulandos terem as ferramentas semióticas mais acessíveis, pois se tratam de textos bem selecionados, bem escritos, de credibilidade. Por isso, em jornais de circulação nacional, charges com reconhecimento artístico e artigos científicos, são mais fácil de encontrar os dispositivos semióticos; o contrário ocorreu com as produções, que se tratavam de releituras egressos do ensino médio.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do Discurso: fundamentos semióticos*. 1. ed. São Paulo: Atual, 1988.

_____. *Teoria Semiótica do Texto*. Editora Ática, 1990.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da Semiótica Literária*. Bauru: Edusc, 2003.

BLIKSTEIN, Isidoro. *Kaspar Hauser ou fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1983.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & Linguística*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

CEIA, Carlos. E-Diccionário de termos literários. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/docentes/cceia/projectos/e-dicionario-de-terminos-literarios>> Acesso em: 20 ago. 2009.

FERES, Beatriz dos Santos. Receita para boa leitura: *Charudeau, Peirce, Quino e Laerte*. In:_____. Colóquio de Semiótica: mundos semióticos pos, 2007, Rio de Janeiro.

FERRARA, Lucrecia D' Alessio. *Leitura sem palavras*. 4. ed. São Paulo: ATICA, 2004.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

GARCIA, O.M. *Comunicação em prosa moderna*. 17. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GERALDI, João Wanderley. A prática da leitura na escola. In:_____. (Org.) *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GREIMAS, Algirdas J. COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Editora Cultrix, São Paulo. s.d.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ, Maria Helena. *Escola, leitura e produção de texto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, Angela. Objetivos e Expectativas de Leitura. In:_____. *Texto e leitor*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *Oficina de leitura*, 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2004.

KOCH, Ingedore G.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto,

1997.

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Usos e abusos da literatura na escola*. São Paulo, ed. Globo, 1982.

LÍMOLI, Loredana. Funções do estereótipo verbal no ensino/aprendizagem da leitura. 6º Encontro Celsul – Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, 2004, Florianópolis. *Anais do 6º Encontro Celsul*. Florianópolis: UFSC, 2004 a.

_____. *Semiótica e ensino: práticas pedagógicas de leitura*.
<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos>

MARTINEZ, Rosa Helena Blanco. *Três tipos de discurso*. In: _____ Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus. Coletânea de textos. Vol. 1. São Paulo: CENP, 1988.

MARTINS, Maria Helena (org.) *Questões de linguagem*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1993.

ORLANDI, E.P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes curriculares da educação básica*. Disponível em: <http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/diretizes>. Acesso em: 10 out. 2009.

PEREIRA, Sibélius Cefas. Leitura como produção. *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 38, p. 71–78, Jan./Jun, 2000.

PILAR, J. A redação de vestibular como gênero. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) *Gêneros textuais*. Bauru, SP: Edusc, 2002.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na Linguagem: a redação no vestibular*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

SANTANA JUNIOR, S. *Reflexões sobre Linguística, Comunicação e Semiótica*. In: AZEREDO, J. C.. (Org.). *Letras & Comunicação - uma parceria no ensino da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2001, v., p. 157-164.

SICON. Sistema de informações do congresso nacional. *Legislação*. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/sicon>. Acesso em: 15 out. 2009,

SILVA, Ezequiel T. *Leitura na escola e na biblioteca*. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1986.

SMITH, F. *Leitura significativa*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

TEIXEIRA, A.S. *Notas sobre a universidade*. In: ____ Educação Nacional. São Paulo, 1969.

TUPIASSU, A.I.A. *O texto e as possibilidades de linguagem*. 1. ed. Belém: Edufpa, 1993.

VAL, M. da G. C. *Redação e Textualidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Anexos

Textos dos vestibulandos

Texto 1

Prazer de viver

1 No mundo moderno com a agitação do dia-a-dia, as pessoas não disponibilizam um tempo, ou não se interessam, em refletir ou buscar um sentido para suas vidas. Outras nem sabem o significado de sentido da vida.

4 Considera-se que o termo “sentido” é sinônimo de direção, “rumo”. Logo, grande parte dos indivíduos da sociedade tentam direcionar suas vidas. Por isso, traçam objetivos relacionados à família, à profissão, ao bem-estar pessoal, etc., os quais pretende alcança-los.

8 Nem sempre, a concretização desses objetivos trará um sentido completo para a vida do ser humano, pois, além disso, há outro fator determinante: o prazer de viver. Neste caso, é primordial saber com as diversas situações que aparecem, aproveitando as oportunidades, enfrentando os problemas; cuidar da saúde, alimentar-se bem e praticando exercícios físicos; divertir-se; e, sobretudo, ser otimista e perseverante.

14 Aqueles que vêem a vida com olhos escuros e que não acreditam em nada, são pessoas que tornam-se desmotivadas, pessimistas e frustradas, digo frustradas, já que o fato de viver, ou ter uma família, ou um emprego, ou estudar, não tem significado algum.

18 Mais do que entender a existência humana, é importante fazer a vida valer a pena, é dar valor às pessoas e às coisas, é, acima de tudo, dar chance a si mesmo de ser feliz.

Texto 2

Construindo sonhos

1 Vivemos em um mundo individualista, no qual muitos acreditam que o sentido de viver está no reconhecimento de seus feitos. Para conseguirem tal reconhecimento apóiam-se nos outros, muitas vezes, arrancando-lhes a esperança.

Na sociedade de castas em que uns têm muito e outros, nada; nem todos podem sustentar seus sonhos.

6 Numa tribo indígena cada um tem a sua função muito bem estipulada. Existe o cacique, os guerreiros, os caçadores, o sentido da vida é o trabalho em conjunto para o bem comum. Na república, o presidente, assim como o cacique, tem a função de organizar a “tribo”, mas em vez disso ele participa de uma organização que favorece a exclusão da maior parte da população. Os ricos são incentivados a encontrar o sentido da sua vida individualmente, seja publicando um livro ou abrindo uma empresa aos pobres declaram sua vida inutilidade na sociedade os *despachando à periferia*.

14 Como Fernando Pessoa, através de seu pseudônimo Alberto Caeiro, dizia: “Pensar é estar doente dos olhos”. Muitas vezes ao acreditarmos que temos um caminho certo para seguir fechamos as portas para muitas oportunidades. Precisamos ter princípios e com estes construir nosso sentido.

Texto 3

A escolha certa

1 Primeiramente a vida pode trazer vários sentidos as pessoas basta cada um escolher o caminho que acharem melhor.

3 Acredita-se que muitos quando crianças não imaginavam no seu futuro, só pensavam em brincar e mais nada. Mas a vida não é só ser criança, todos nascem, crescem e morrem.

6 Quando adultos as pessoas constantemente mudam de opinião, deixando para trás aquela inocência na infância, se tornando responsáveis agora por tudo o que fazem.

9 Estima-se que alguns mesmo depois de adultos não encontraram sua razão de viver, não conseguem entender o por que de estarem ali sendo que não pediram para nascer por serem infelizes, mas ninguém tem como pedir isso, todos são postos neste mundo e são obrigados a se virar para sobreviver.

13 Talvez se todos tivesse sua própria escolha de viver ou não, não existiria quase que absolutamente nada, pois a vida não teria sentido e ela sempre traz os

caminhos do bem e do mal, basta escolher o certo para não sofrer no futuro.

16 Em suma, o sentido da vida pode ser interpretado de várias formas para cada um, basta que se aprenda a viver do melhor jeito possível.

Texto 4

A busca pelo sentido da vida

1 Numa sociedade tão desigual como a nossa, encontramos perspectivas de vidas diferentes, com alguns querendo fama e fortuna e muitos apenas a garantia do que terá o que comer no final do dia. Porém o grande sentido da vida de cada um é ser feliz.

5 Muitos acreditam que o dinheiro possa trazer tal felicidade e mudar sua vida para melhor, realmente ele possibilita tal mudança mas ele sozinho não traz o grande sentido de sua vida, como pode visto (sic) na Suécia que apresenta um dos melhores IDH, mas tem um grande índice de suicídios.

9 A felicidade pode ser encontrada nas coisas mais simples da vida, onde o ato de preparar um jantar com quem você goste e de estar desfrutando daquele momento com tal pessoa seja muito mais valioso do que pedir uma refeição pronta.

12 Vemos também que em nossa sociedade optamos sempre pelo caminho mais curto, nunca querendo percorrer o caminho certo e absorver o que nele possa ser encontrado de melhor.

15 Dessa forma, todos podem encontrar o sentido de sua vida, onde para alguns ela esteja ao seu lado ou para outros através de conquistas em busca de grandes sonhos, o fato é saber sugar o tutano daquilo que a vida lhe oferece de bom.

Texto 5

O sentido da vida

1 A vida só faz sentido quando a pessoa traça um caminho a ser seguido, um objetivo a ser alcançado. Tem pessoas que se deixam cair na rotina, já não almejam

um futuro melhor, para estas, a vida já não faz mais tanto sentido, ela só faz sentido quando há esperança em crescer, em vencer, em se tornar uma pessoa, um profissional cada vez melhor, quando ela já não existe mais, tudo basta como está, não se tem mais vontade de crescer, conseqüentemente, a vida já não importa mais.

7 E só se cresce na vida, se tiver garra, se batalhar, se traçar um objetivo e lutar para consegui-lo, pois aí sim estarão dispostos a viver. Essas pessoas que se conformam com as coisas muito rápido, que não são insistentes, acabam virando pessoas insignificantes, sem vontade alguma de viver, pois a vida é recheada de riscos, e só arriscando para crescer, amadurecer, aprender. A vida é uma escola, viver é um aprendizado constante. Desde “pequenas” as pessoas já são expostas à dificuldades, e que exigem força de vontade para enfrenta-las, são essas dificuldades que fazem –nas crescer. Por isso as pessoas sempre devem traçar uma meta na vida, para que a mesma faça sentido, e batalhar sempre para conquistá-la, não se deixando abater pelos obstáculos que irão surgir pelo caminho.

Texto 6

Encontrar um sentido à vida

1 A vida é complexa, é cheia de obstáculos e atalhos. Por isso encontrar um sentido pode a tornar mais produtiva e agradável. Mas nem sempre isso é fácil assim muitos nem tentam, uns desistem e outros persistem em uma longa busca e enfim os poucos que conseguem.

5 Sem um sentido na vida a pessoa fica alienada, não sabe qual é o melhor caminho. Ela também fica vazia. Assim como ocorre com muitos jovens que não pensam num bom futuro, vivem apenas o presente.

8 E quando se busca esse preenchimento começa a seleção das coisas mais importantes da vida restando apenas o verdadeiro eixo que guiará à felicidade própria, ao sucesso. Como uma mãe que deixa a profissão pelos seus filhos.

11 Encontrado o verdadeiro sentido da vida, a luz que ilumina o túnel, basta entregar todo o ser e alma que a felicidade estará garantida. Da mesma forma que um vestibulando se dedica aos estudiosos a fim de conseguir o que tanto almeja.

14 Portanto, o sentido da vida é um meio seguro para viver bem, o que é

buscado persistentemente.

Texto 7

A resposta vem de Deus

1 Muitas pessoas já devem ter parado para pensar: qual é o sentido da vida? Por que estamos aqui na terra? Qual o propósito de tudo que passamos? Algumas procuram a resposta na ciência, outra até na morte, mas a resposta vem de Deus.

4 Quando passamos por situações tristes e constrangedoras, como perder um ente querido, doenças ou perda de bens materiais, essas dúvidas vem a nós. Algumas pessoas ficam angustiadas e acabam perdendo a vida por causa da dúvida que rodeia a sua mente, outros passam a vida toda com essa pergunta na cabeça e não acham a resposta e levam a vida normal deixando acontecer, pois às vezes conseguem compreender a situação que passou ou está passando.

10 Mas Deus tem um propósito para cada um de nós, não foi à toa que ele nos criou e nos colocou no mundo, seu objetivo com isso é que creiamos nele e que sua vida expresse em nós, e quando isso acontece todas as novas dúvidas e as perguntas não vem mais a nossa cabeça nos perturbar e assim entendemos o sentido da vida.

Texto 8

A determinação contra o conformismo

1 Na condição de seres racionais, as pessoas deveria agir como tal e se mostrarem capazes de conduzir suas vidas com sabedoria e inteligência.

3 Como nos mostra as charges apresentadas, as pessoas estão mais preocupadas com a vaidade e dinheiro do que com a busca de respostas para suas próprias vidas. Muitos adultos vivem como crianças, sem preocupações a respeito da vida vivendo apenas por viver, revelando um conformismo com relação a ela.

7 Porém, aqueles que estão em constante questionamento, buscando respostas para a existência humana e do indivíduo em si, são os que têm vontade

de crescer e não se deixam vencer por encontrarem uma dificuldade.

10 Hoje o mundo tem uma tendência de selecionar as pessoas com determinação e vontade de crescer, deixando de lado aquelas conformadas com tudo, que vivem pelo simples fato de existirem e tem como prioridade futilidades. Estamos todos aqui para aprendermos, mudarmos e evoluirmos como seres humanos. Por isso é sempre importante que as pessoas procurem achar suas próprias respostas sobre o sentido de suas vidas.

Texto 9

Há sentido em viver?

1 Desde os primórdios da racionalidade humana, quando os homens passaram de simples caçadores nômades à seres com consciência social, que a inteligência humana busca uma resposta para uma das maiores dúvidas da humanidade: o sentido da vida.

5 A incapacidade de apresentar uma solução para o dilema, fez com que muitas civilizações recorressem à mesma saída: criaram um Deus supremo e diziam-se uma criação privilegiada deste, sendo assim, o destino e o sentido da vida de cada pessoa não são conseqüências de vontade própria e sim da vontade divina.

9 Além das explicações de caráter místico, muitos filósofos dedicaram suas vidas refletindo sobre o assunto. Estes seguindo uma linha de raciocínio baseado na razão e deixando crenças religiosas de lado, levantaram a hipótese de que o homem nada mais é do que uma forma diferenciada de matéria, sua existência é efêmera e que o sentido da vida de cada indivíduo é decidido de acordo com suas escolhas.

14 Com certeza a visão racional é repudiada pela maioria das pessoas, já que terá do homem o caráter divino do sentido de sua vida, e coloca sobre eles próprios toda a culpa dos erros cometidos. A comodidade em aceitar que seus destinos são decididos por Deus, é o que leva a maioria a acreditar na hipótese mística.

19 Todavia, essa discussão que remonta da antiguidade e atravessou os milênios até os tempos atuais está longe do fim, e a única resposta que foi aceita por místicos e cientistas foi dada por Buda, em discurso sobre a existência humana: - A única verdade na vida dos homens é a morte.

Texto 10

A necessidade da reflexão

1 Desde muito tempo atrás as pessoas se questionam com perguntas como “Quem somos?”, “Onde estamos?” ou “Por que existimos?”. Embora existam muitas hipóteses, não se conhece uma resposta absoluta para elas. No entanto, devemos nos questionar também sobre a finalidade dessa reflexão e sobre seus benefícios ou prejuízos para nossa vida.

6 Existe certo tipo de pessoa que nunca se questionou sobre o sentido da vida são aquelas que podem ser comparadas a criança e possuem um desenvolvimento racional mínimo. Analisando-as, percebemos que não se desenvolvem ou amadurecem e são, por toda sua vida, manipulados por qualquer pessoa ou idéia que se imponha a ela.

11 Outro tipo bastante característico é aquele que, cansado de refletir sobre essas questões e não ter terem chegado a lugar algum, as abandona e passa a viver como que desiludido acerca de sua existência. Vendo essas pessoas, percebemos que são as mais tristes e de mentalidade mais decrépita, indiferentes ao que acontece no mundo e inabaláveis perante qualquer ideologia.

16 Analisando o que foi o que foi dito, evidenciam-se a necessidade de se fazer tais perguntas, uma vez que representam à base do pensamento racional. A ausência desse questionamento gera total submissão; seu abandono na morte intelectual do indivíduo. Portanto, impõem-se como ideal a constante reflexão sobre temas existenciais, tanto para o amadurecimento como para a manutenção da racionalidade.

Texto 11

Coisas da vida

1 Quando se é criança sonha-se muito, quer muito também, e quando se torna adulto percebe-se que não é tão fácil (sic) o quanto parece.

3 Muitos perguntam-se sobre sua existência, sobre seu meio social, sobre o

mundo, a política (sic) do Brasil, o motivo das guerras. Mas, infelizmente existe indivíduos (sic) que ao menos questionam sua vida, continuam com a mente de criança sem sentido algum da vida. Todavia essa questão vem do meio social em que se vive, talvez certo indivíduo (sic) sonhou quando se era criança mas, quando se tornou adulto percebeu que não era fácil (sic) ou sua situação de classe social não permitia se fazer real tal situação.

10 Com esse (sic) descontentamento com a vida, muitos se tornam alcolátras (sic) ou dependentes de outras químicas e pode gerar até mesmo a doença chamada depressão.

Texto 12

Sentido da vida

1 Nem todas as pessoas questionam se a própria vida tem algum sentido. A maioria se acomoda sem o mínimo interesse sobre donde surgiu a terra, o céu, o mar, o ser humano, como respiramos, andamos, falamos ou ainda nascemos.

4 Em pleno século XXI é um absurdo olharmos para uma nação e vermos que nem metade se preocupa com o assunto. Vivem sem curiosidade e com a aceitação de qualquer explicação que recebem, sem questionar ou impor seu ponto de vista.

7 Aceitam viver monotonamente sem mudanças ou expectativas. Outras já até perderam a esperança e deixaram de pensar sobre tal.

9 Todos que tem essa mesma ação podem ser considerados não significativos para a formação de uma sociedade.

11 Como poderá influir em uma, se não consegue saber o sentido da própria vida, para que está aqui e quais os benefícios ou malefícios que está causando.

13 Por tal razão muitos preferem desistir de procurar e comportam-se como crianças, desejando possuir uma mente infantil e não pensando se tudo isso faz sentido ou fará algum dia em sua vida ou na de qualquer pessoa.

Texto 13

A felicidade é o objetivo

1 Enriquecer, amenizar problemas sociais, descobrir a cura de uma doença, viajar o mundo, constituir uma família, enfim, cada pessoa tem seus objetivos de vida e acredita que se forem alcançados lhe trarão suprema felicidade, porém quando um objetivo é alcançado a alegria é imensa e parece eterna, mas logo surge outro que gerará a mesma angústia anterior ao primeiro.

6 Dúvidas, incertezas e angústias predominam a mente das pessoas durante toda a vida, em (sic) cada fase encontramos tais sentimentos de forma diferenciada na infância – como diz C. Drummond no poema Infância – “A vida chama-se Agora”, há dúvidas, angústia, mas a criança não se preocupa em refletir tais coisas, recorre aos adultos, vive e se preocupa com o momento, essa será a melhor ou a pior fase da vida dependendo de como for vivida.

12 A adolescência é a transição (sic) entre infância e maturidade, o corpo muda radicalmente, a ingenuidade da criança é corrompida pela sociedade, o adolescente começa a buscar sua identidade, o seu papel na sociedade, um sentido à sua vida, faz isso questionando valores, atitudes, cultura, família. Sente saudades da infância, mas procura viver o momento, pensa sobre o futuro também. Muitos não encontram um sentido pra vida e acabam com ela usando drogas, alcolizando-se (sic), outros acreditam ser esse o sentido “viver muito louco!”. Depois viram adultos, a hora de usar o que se aprendeu nas fases anteriores para alcançar seus objetivos, infelizmente, muitos esquecem de usar tais conhecimentos, tornam-se amarguradas, intolerantes, incômodas, estas não acharam o sentido da vida. As que souberam utilizar bem o que aprenderam viver de bem com a vida, apesar da nostalgia. Enfim a velhice, quando as pessoas se dão conta do quão foram felizes, fase da sabedoria e de transmiti-la aos outros a nostalgia é grande, porém as que souberam viver percebem que o real sentido da vida é aproveitar e aprender com todos os momentos sem destruir a alegria do próximo, e se assim for feito, a felicidade será alcançada.

Texto 14

Estamos aqui de passagem

1 Para muitos, o único sentido da vida, está baseado em coisas mundanas. Sendo o principal objetivo: ser o melhor em tudo. Devido a esse pensamento, muitas pessoas, estão doentes e esgotadas, tudo devido à ambição, à cobiça e a competitividade, fator relevante nos dias atuais.

5 É tão estranho, quando olhamos ao nosso redor, e observamos de um lado, pessoas bem vestidas, com carros importados e almoçando em restaurantes caros, e de outro, pessoas sujas, pedindo esmolas, e até mesmo, morrendo de fome. Esta é a nossa realidade, ou até mesmo, a nossa ilusão. Acho que as pessoas não percebem, que o verdadeiro amor está se acabando, e no lugar dele, estão entrando coisas fúteis, aquelas que muitos querem, para preencherem seus vazios. Penso, que para conseguirmos sermos felizes, devemos buscar a felicidade, nas coisas simples da vida, e em primeiro lugar, em Deus.

13 Portanto, devemos olharmos tudo o que se passou, e analisarmos, se nós fizemos valer à pena, e se isso nos trouxe alegria. É num simples gesto de compaixão, de caridade e de afeto com o próximo, que fazemos a diferença, fazendo, com que o nosso “vazio interior”, seja preenchido com um sentimento de paz. Para isso, devemos lembrarmos sempre que cada um, tem uma missão aqui na terra, mas para que possamos realizarmos esta missão, devemos encontrarmos em Deus o “sentido da vida”, para preenchermos o nosso vazio interior.

Texto 15

Felicidade

1 A vida; uma dádiva que temos o prazer de desfrutar ao máximo cada minuto enquanto durar, pois não somos eternos, ao passar do tempo questões são jogadas ao ar sem resposta, realmente qual é o sentido da vida.

4 Como diz a canção de Zé ramalho o sentido da vida é o amor, nascemos e morreremos amando, mesmo que de uma forma ou de outra tentamos escapar de um grande amor não conseguimos.

7 Vivamos em busca da felicidade em casa, com amigos, no trabalho e em outro lugar onde passamos o tempo do nosso viver, mas nem sempre conseguimos ser feliz, ai bate a tristeza em nossa porta e pensamos que a vida não tem sentido, porém isso não é verdade.

11 Sentido da vida é ser feliz, independente do jeito que for, deste modo temos que lutar para fazer que nossas tenham sentido.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)